

10

(Observações)

REVISTA TRIMENSAL

RIHGS

11

VOL. VI

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

Anos VI - X (1921 - 1925)

Volume VI Fascículos III e IV



ARACUJA

Est. Grap. José Lima de Carvalho

1926

REVISTA TRIMENSAL

1946

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Fundado em 1912, reconhecido
de utilidade publica pela Lei n. 694, de 9 de No-
vembro de 1915 e considerado de
utilidade continental pela Resolucao n. 58 do Con-
gresso Americano de Bibliographia
e Historia de Buenos-Ayres.

Annos VI - X (1921 - 1925)

Volume VI - Fasciculos III e IV

*REDACTORES: Dr. Francisco C. Nobre de Lacerda,
Dr. Claudio Sanns e Epiphânio da
Fonseca Doria.*

ARACAJU

Est. Grap. José Luis de Carvalho

1926



DIRECTORIA ACTUAL

DO

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Anno Social de 1925 - 1926

Presidente honorario—Dr. M. Graccho Cardoso
Presidente effectivo—Almirante Amyntas José Jorge
1.º Vice-presidente—Desembargador Évangelino J. de Faro
2.º Vice-presidente—Dr. Prado Sampaio
Secretario Geral—Dr. Huald Cardoso
1.º Secretario—Dr. Nycen C. Dantas
2.º Secretario—Dr. Magalhães Carneiro
Orador—Dr. Clodemir Silva
Thesoureiro—Dr. Edgard Coelho.

COMISSÕES

Fazenda e Orçamento: Coronéis José da Silva Ribeiro, João Ceciliano de Andrade e Guilhermino Rezende.
Historia: Dr. M. P. de Oliveira Telles, Dr. Elias Montalvão e Professor Arthur Fortes.
Geographia: Desembargador Liberio Monteiro, Professor Graça Leite e Florentino Telles de Menezes.
Revista: Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, Dr. Claudio Ganns e Epiphanio da Fonseca Doria.
Admissão de socios: Desembargador João Maynard, Desembargador Lupicino A. da Costa Barros e Dr. Francisco S. de Brito Travassos.
Manuscriptos e Autographos: Drs. Monteiro de Almeida, Alcibiades Paes e Costa Filho.

Revista Trimensal

— 1943 —

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE



Explicação necessaria

Graças á munificencia constructora do actual presidente do Estado, o Exm.^o Sur. Dr. M. Graccho Cardoso, apparece á tona da publicidade este volume da Revista do Instituto.

Não fosse o nobre gesto de S. Ex., autorizando a impressão deste e do fasciulo anterior por conta do Governo, e a Revista não seria publicada.

Omittir esta explicação seria faltar a um dever, mais do que isso, commetter uma injustiça, dando, tacitamente, como do proprio Instituto um serviço para o qual não tiveram capacidade os seus proprios recursos economicos.





RIO SERGIPE

Completando a publicação, iniciada no fascículo anterior, de todos os documentos relativos nos esforços do Instituto no sentido de determinar e accentuar, com apoio na historia, na tradição e na propria geographia, o verdadeiro nome do rio que banha a cidade de Aracaju, publicamos neste numero da Revista o officio do Exm.^o Sr. Almirante Presidente do Instituto á Assembléa Legislativa do Estado, o Parecer da Commissão de Obras Publicas, Estatística e Colonisação e a Resolução votada em ultimo turno pelo poder legislativo do Estado, tudo referente ao assumpto acima alludido.

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Reconhecido de utilidade publica Federal, Estadual, e de Utilidade Continental na America do Sul.

Aracaju, 19 de Outubro de 1925.

Exmos. Snrs. Membros da Assembléa Legislativa do Estado :

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe, desejoso de ver restabelecido o legitimo nome do rio que banha esta capital, procurando dest'arte solucionar, como lhe compete, uma questão errônea no que diz respeito á denominação do referido rio, resolveu, em sessão de sua Directoria, fosse a mesma estudada.

Ao illustrado consocio e historiador patricio Dr. Elias Montalvão foram dados poderes para elaborar uma « Memoria » referente ao assumpto.

Essa « Memoria » foi apresentada e lida pelo referido consocio em sessão de 12 de Setembro, sendo nessa mesma occasião designada uma commissão composta dos Surs. Drs. Manoel dos Passos, Claudio Ganns e Clodomir Silva para dar parecer sobre ella.

Essa commissão, dias depois, desempenhava a sua incumbencia, apresentando um trabalho em perfeita harmonia de vistas com a « Memoria » do Dr. Elias Montalvão.

Não obstante, o Instituto resolveu fossem ainda ouvidas as Comissões de Historia e Geographia para dar ao caso em lide a solução final.

Sendo, tambem, o julgamento dessas Comissões de unanime approvação á veracidade do facto, o Instituto vem agora, confiado na justiça que se prende á restauração historica do verdadeiro nome e nas luzes dos illustres membros da Assembléa, submeter a questão ao final veredicto do Poder Legislativo, a quem compete estudal-a e sobre ella legislar, pedindo a VV. Excias. seja, por projecto elaborado por esta distincta Assembléa, adoptado para o rio que banha a capital sergipana o nome de « Sergipe » ao envez de « Cotinguiba », como tem sido denominado, afim de não continuar adulterada a verdade geographica e historica do legitimo nome do rio em apreço, e para tal junta a este officio os documentos que o instruem.

Saude e Fraternidade.

(a) *Amyntas F. Forge.*

Presidente do Instituto.

PROJECTO N. 39

A Assembléa Legislativa do Estado de Sergipe
Decreta:

Art. 1.º — Fica estabelecida a partir desta lei a

denominação de Rio Sergipe ao rio que banha a cidade de Aracaju.

Art. 2.º — O Governo do Estado dará as providencias precisas para que conste officialmente a denominação restabelecida.

Art. 3.º — Tanto quanto possivel o Governo determinará a revisão das descripções de monumentos e edificios publicos neste sentido.

Art. 4.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões da Assembléa Legislativa do Estado de Sergipe, em 27 de Outubro de 1925.

(a) *Clodomir Silva.*

Nota: Aceito este projecto em 27 de Outubro, foi enviado a 28 á Commissão de Obras Publicas e Estatística. A 30 foi approvado com o parecer em 1.ª discussão, a 31 de Outubro em 2.ª e em 3.ª a 3 de Novembro quando foi remettido á Commissão de Redacção Final. A 10 de Novembro recebeu a sancção do Executivo, entrando para á collecção das Leis do Estado com o n. 931.

PARECER

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe, sociedade de utilidade publica destinada a investigar os factos historicos de Sergipe, requereu á Assembléa Legislativa de Sergipe que fique reconhecida officialmente a denominação de — Rio Sergipe — ao que banha a cidade de Aracaju.

Esta petição foi presente á Commissão de Obras Publicas, Estatística e Colonisação e esta Commissão, considerando que a documentação que acompanha o requerimento da douda sociedade estabelece pontos de certeza insophismavel quanto á exacta denominação do rio que corre diante da cidade de Aracaju:

Considerando que a referida documentação estabelece como ponto de apoio siglas que merecem reparo em virtude da verdade que representam, e que são:

Primeiro,— o rio Sergipe ter sido aquelle que foi logo de começo alcançado pelo colonizador que houve do indigena a denominação precisa ;

Segundo,— que já nas suas nascentes e altura havia sesmarias com a denominação topica de rio Sergipe ;

Terceiro,— que este rio é bacia primaria do Estado, emquanto que o Cotinguiba é bacia terciaria, não se admittindo que um rio de bacia terciaria dê o nome a um de bacia primaria ;

Quarto,— que o equivooco nasce da confusão de barra de Cotinguiba, nome generico que sempre foi usado com o de barra de Cotinguiba conhecido somente desde o trabalho de Ayres do Casal, em 1802, emquanto que em 1575 o mappa de Van Doet já consignava rio Serazipe, são de opinião que o projecto que tal petição originou tenha o curso da lei final.

Sala das Commissões da Assembléa Legislativa de Sergipe, em 29 de Outubro de 1926.

(aa) *Sebastião Carvalho—Clodomir Silva.*





Pedro II

Cumprimos hoje um dever cívico, rendendo respeitosa homenagem á memoria de Pedro II, o que ainda não houveramos feito por ser este o nosso primeiro numero, após a data em que se commemorou o centenario de seu nascimento.

A 2 de Dezembro ultimo o Paiz, em pêsso, fremiu de sentimento patriotico pelo advento desse facto tão grato ao coração brasileiro.

Merecidas todas as manifestações posthumas de respeito e saudade que lhe foram tributadas.

Porque Pedro II foi o maior expoente da vida nacional durante quasi meio seculo.

A elle deve o Brasil inestimaveis serviços, desde a estabilidade integral de sua unidade territorial e politica até a do seu credito no exterior.

Durante o longo reinado desse varão illustre não houve movimento progressista, partisse de onde partisse, que não encontrasse nelle segura garantia de exito pelo apoio de seu prestigio real.

Ao influxo de seus exemplos de accendradas virtudes formaram-se estadistas de prol, cujas famas ainda hoje rebôam como um bello signal dos tempos.

A austeridade que presidia os actos da administração imperial excluia por completo qualquer suspeita de deslize em seus servidores.

A liberdade fôra a suprema visão desse principe democrata, que perdoava sempre que podia, sem quebra do principio da autoridade.

Nunhum governante fôra mais amigo do seu povo.

Netto de um rei indolente e filho de um principe impetuoso, Pedro II foi, entretanto, um imperante altamente equilibrado, tão forte nas asperesas sangrentas da guerra, quão brando nos remansos adoraveis da paz.

Depois do seu exilio foi que se viu a medida exacta de sua estatura moral.

Como o sol que no pendor para o occaso deixa estendida enorme restia de luz sobre a terra, elle, atravez de tantos annos de transpasso, projecta no coração do seu paiz e de seu povo a nevoa impagavel da saudade.

Poucos imperantes se encontram na Historia com as suas nobres qualidades espirituaes.

Victor Hugo o recebeira como a um verdadeiro embaixador das letras.

Era a magestade do genio rendendo preito a magestade do character, forrado de muita cultura scientifica.

Porque Pedro II era um sabio, a quem muito deve o Brasil mental.





O TIRADENTES

CONFERENCIA LIDA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO A 21 DE ABRIL DE 1925
PELO JORNALISTA J. PEREIRA BARRETO

(Dedicada ao Exmo. Snr. Presidente do Estado dr.
Mauricio Graccho Cardoso).

Meus senhores, minhas senhoras.

Sejam minhas primeiras palavras de congratulação com o Exmo. Snr. Dr. Graccho Cardoso, benemerito presidente do Estado, pela installação da *Faculdade de Direito Tobias Barretto*.

Esse feito, de alcance intellectual e moral immenso, é o coroamento fulgurante de sua administração já tão fecunda em emprehendimentos de toda ordem, e vem collocar Sergipe ao nivel dos Estados mais insaciaveis de progresso.

Muito ao contrario do pessimismo de alguns concidadãos, que veem na infatigavel actividade de s. ex. um desperdicio ou dispersão de esforços, vejo eu nessa actividade a demonstração de seu innegavel desejo de beneficiar nossa terra, o que não se fará com a inercia sonhadora, dos mussulmanos, mas com a decisão prompta dos homens energicos.

Assim, pensando, como sergipano e como brasileiro, saúdo s. ex. (*Pausa. Apoiados geraes*).

Senhores, não foi por desconhecer a aspereza do assumpto de que cumpre tractar, que acceitei o honroso convite do presidente deste Instituto, o exmo. snr. Almirante Amyntas Jorge para iniciar, as conferencias promovidas pelo mesmo Instituto sobre

motivos cívicos, falando-vos a respeito do grande e mallogrado patriota Joaquim José da Silva Xavier, ha cento e trinta e dois annos trucidado no largo de S. Domingos do Rio de Janeiro á sentença execravel do execravel despotismo do governo da metropole brasileira.

Conhecia as difficuldades de uma dissertação sobre este assumpto; mas, tambem é a sympathia que voto ao glorioso injusticado da conjuração mineira que, apesar dos poucos dias de que podia dispor para melhor estudar a materia, não soube recuar da perigosa empreza, e eis-me agora aqui a contas unicamente com a vossa benevolencia, principalmente com a vossa magnanimidade, minhas excellentissimas senhoras.

Ao falar de factos que se passaram no seculo XVIII, presidido pela philosophia de Diderot, é-me grato começar por uma lecção de nosso illustre conterraneo, o sr. João Ribeiro.

«O espirito do seculo XVIII na historia geral dos povos é — diz elle — quasi exclusivamente politico. Do livre exame na religião fôra-se passando á analyse das fórmas tradicionaes do governo das sociedades. «Um principio unico neste seculo — diz um historiader — domina os demais e é o da *humanidade*, o dos direitos do homem, da justiça social e o amor da felicidade do genero humano.» Os seus sabios são os economistas ou os philosophos do racionalismo, mais politicos que naturalistas; os seus grandes nomes na litteratura são Rousseau, Voltaire, Montesquieu e os encyclopedistas. Os proprios reis submettem-se ao espirito novo; é então a era do *despotismo esclarecido*, dos philosophos, Frederico II na Prussia, Catharina II na Russia, José II na Austria, pratica sobretudo resumida no desprezo da religião e no escarneio das antigas tradições, á custa das quaes esses mesmos soberanos se mantinham. Era o perfeito desprezo da historia em proveito do racionalismo, e nada escapava á furia contra tudo que tivesse por si a antiguidade e tradição. Toda essa agitação intellectual, revolvendo as entranhas

da velha sociedade, produziu a revolução de 1789. Antes desse grande successo, porém, já um povo da America, consubstanciando em formulas politicas os direitos naturaes do homem, havia sacudido o jugo europeu, e realizado a democracia sonhada pelos philosophos. Em 1776 o Congresso de Philadelphia declarava solemnemente que todos os homens eram iguaes e entre os seus direitos inalienaveis contavam-se o da vida, liberdade e trabalho pela propria felicidade e bem estar; e que quando um governo não servia a esses fins, o povo tinha o direito de abolil-o. O grande acontecimento achou, em toda parte, universal applauso, e sobretudo, secretamente, no coração de todos os americanos que soffriam ainda o jugo do absolutismo colonial, com as suas odiosas restricções. Repercutiram, pois, no Brasil essas idéas generosas de liberdades.»

Desse trecho da *Historia do Brasil*, de João Ribeiro, o que se vê é que o espirito que dominava o seculo XVIII se tinha consubstanciado nas formulas politicas adoptadas pelo Congresso de Philadelphia, em 1776, primeiro, e pela Revolução Francaza, em 1789, depois; e si as idéas generosas de liberdade que essas formulas politicas consagravam tinham achado universal applauso, sobretudo no coração dos americanos, que soffriam ainda o jugo do absolutismo colonial, indaguemos agora que era esse jugo no Brasil, principalmente em Minas, no momento em que o triumpho dessas idéas vinha repercutir no coração de nossa patria.

Para dar-vos uma idéa nitida do que fizera do Brasil o absolutismo colonial, ler-vos-hei agora uma pagina magistral da *Historia do Brasil* do illustre historiador sr. Rocha Pombo.

«A inconfidencia mineira — diz elle — é o symptoma seguramente mais bem definido e accentuado, accusador de que só a força conseguiria, de fins do seculo XVIII em diante, manter no Brasil o dominio portuguez.

Temos chegado á epocha em que a colonia começa a ter um sentimento muito nitido da sua

maioridade, e a pensar gravemente no problema de sacudir o jugo da metropole. Nunca se sentiram mais pesados os gravames do regimen colonial do que na phase em que, ao lado da riqueza, se via lavar a miseria, a angustia da vida, em affrontoso contraste com as magnificencias da terra e com a actividade das populações.

Não eram apenas as classes humildes que experimentavam os males da situação a que se tinha chegado: mais do que a massa, empobrecida e aviltada, aquelles proprios que tinham adquirido alguma fortuna sentem os extremos a que toca uma ordem de coisas que se aggrava continuamente e a medida que um senso mais claro lhe desvenda as iniquidades. As camadas inferiores, na sua ignorancia e na sua miseria, vivem ali como num absoluto segregamento do mundo: para aquella gente desventurada, o destino só pôde ser aquillo mesmo; e o horisonte da vida será sempre aquelle que se fecha entre as montanhas. No seu doloroso fatalismo, essa gente se resigna com a sua desgraça como se esta fosse inevitavel, ou inherente á sorte dos que nasceram desherdados. — Com as classes ricas já se não dava o mesmo. Estas, que melhor sabiam avaliar os proveitos da riqueza, não se consolavam de ver como a maior porção dos cabedaes, que se arrancavam das minas, viam para Lisboa; e não comprehendiam como numa terra tão opulenta pudesse haver tanta pobreza.

Tambem estas, melhor que as outras classes desvalidas, podiam instruir-se, ao menos para saber que ha no mundo, fóra daquellas estancias, alguma coisa preferivel ao que ali se tem. — Basta-nos isto para explicar como é mesmo na capitania de Minas-Geraes que se deviam dar as manifestações mais vivas do espirito de independencia que se vinha creando.

Em parte alguma do paiz era tão rude como ali a collisão em que se punha, com a oppressiva tutella da metropole, o orgulho do colono enriquecido nas minas. Essa competição tornou-se cada vez

mais sensível, e de violencia crescente, no ultimo quartel do seculo XVIII. Para isso concorriam multiphas causas, cada qual de natureza mais propicia a dar-lhe vulto.

Desde meados do referido seculo começara a declinar a producção das lavras. Como se conservava para a Corôa uma quantidade de giro certa (regulada ainda pela somma que se recolhia na epocha de mais abundancia) o *deficit* annual foi crescendo, ao ponto de se ver logo insolvavel o contribuinte. Um outro facto que se tem de indicar como factor da situação da colonia, e este de ordem geral, é o desvalimento do grande ministro de D. José I. cuja politica em relação ao Brasil bem poderia ter pelo menos attenuado aquelle espirito de rivalidade que vinha separando portuguezes e brasileiros.

E entre as varias outras causas, que ainda poderiam citar-se, coefficients do animo geral com que em Minas se foi sentindo a mão-de-ferro da Corte, a mais ponderosa é sem duvida a subita eclosão que se operou na alma da terra em contacto com o mundo.

Os homens de certa cultura que vinham da Europa e entravam na capitania; os proprios funcionarios, e principalmente os magistrados que ali se installavam, em poucos annos se sentiam maravilhados do paiz; e pondo em confronto, com o que já havia no estrangeiro, as condições em que ali se vivia, nada dissimulavam de seu espanto «aos filhos da nova Chanaan», e pontuando de commentarios as noticias que referem, e as miserias que estranham, a par das maravilhas, vão vertendo na alma daquelles povos o filtro que tem de agital-a.

Em Villa-Rica, e em todos os centros mais notaveis de Minas, já havia bom numero de homens que se distinguíam pela intelligencia, pela applicação a coisas do espirito, pelo interesse com que aventam idéas e estudam questões a que se ligue o futuro do paiz.

Desde muito que as familias abastadas faziam educar os filhos na Europa.

Esses moços voltavam do velho mundo para augmentar o numero dos que pensam já em patria, e cogitam o destino, e anseiam por um novo dia.

Em toda parte, assim, ampliavam-se aquelles circulos da vida colonial, onde se pôde dizer que se ia elaborando, agora mais decisivamente, o pensamento da nacionalidade futura. — Ainda nas vespersas do que se vai passar em Minas, estudavam em diversos paizes da Europa muitos brasileiros; e imagina-se como deviam andar aquellas almas no momento em que o povo norte-americano se apresentava altivo e glorioso no scenario do mundo, e em que a França, preparada para tomar o seu papel, dava já todos os signaes de que presente o cataclysmo que vem.

Em Coimbra, doze estudantes que cursam a Universidade, chegam a assumir, por um pacto em que se alliam, o compromisso de levantar a idéa da independencia logo que voltem ao Brasil. (Pag. 659 - 671 - 6. v.).

Eis ali, senhores, o que eram as condições da vida economica e espirital dos brasileiros ao tempo em que em Minas se preparam os prodromos da infeliz conjuração em cujo desfecho o alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, havia de representar papel tão saliente que lhe deu a gloria de ser considerado digno de resumir em si todos os precursores da Independencia do Brasil.

O que o estudo daquellas condições da vida colonial nos ensina é que aquelle drama, germinado na alma heroica de um obscuro alferes e transplantada para a alma luminosa de um grupo de homens notaveis, não desabrochou extemporaneamente, como uma phantasia malsã, e se desenvolveu antes no terreno de amargas realidades.

E que a idéa e os sentimentos inspiradores dessa pagina tragica de nossa historia não se nutriam de illusões pueris, e, ao contrario assentavam no conhecimento exacto dos elementos com que os conjurados podiam e deviam contar para a realisação de seus generosos e patrioticos anhelos, nós o vemos

claramente quando compulsamos uma carta do grande Thomaz Jefferson a John Jay, presidente do Congresso norte-americano, dando-lhe conta da entrevista que tivera em Nimes com o estudante brasileiro José Joaquim da Maia.

Esse moço, que com muitos outros brasileiros estudava em Montpellier, puzera-se em correspondencia com o grande embaixador norte-americano desde Outubro de 1776, e conseguira depois avistar-se com elle em Nimes.

Das informações que então lhe prestou fez Thomaz Jefferson o seguinte resumo que enviou a John Jay:

«O Brasil contem o mesmo numero de habitantes que Portugal. São elles portuquezes, brancos naturaes do paiz, negros e pardos captivos, e indios selvagens ou civilisados. Os portuquezes, poucos em numero, quasi todos casados na terra, têm perdido a lembrança do solo patrio e o desejo de voltar a elle: estão por isso dispostos a abraçar a independencia.

Os brancos naturaes do paiz formam o corpo da nação. Os escravos são iguaes em numero aos homens livres. Os indios domesticados são destituídos de energia, e os selvagens nenhum partido tomarão neste negocio. Ha 20.000 homens de tropas regulares. A principio eram todos portuquezes; mas, à proporção que morriam, foram substituidos por naturaes do paiz; de modo que estes compoem hoje a maior força das tropas, e hã de contar-se com elles.

Os officiaes são em parte portuquezes e em parte brasileiros. Seu valor é indubitavel; conhecem as manobras, mas ignoram a sciencia da guerra; e nenhuma predilecção têm a favor de Portugal, nem são possuidos de algum sentimento forte por outro qualquer objecto.

Os clérigos são igualmente em parte portuquezes, em parte brasileiras; e não parece que tomem grande parte na contenda. A nobreza é apenas conhecida como tal. Os chamados fidalgos não fazem questão de distinguir-se do povo. Os homens de letras são os que mais desejam uma revolução.

O povo não é muito influido pelos padres.

Muitos individuos sabem ler e escrever possuem armas, e costumam servir-se dellas para caçar. Os escravos têm de seguir a causa dos senhores. Numa palavra: pelo que respeita á revolução não ha mais que um pensamento em todo o paiz: mas não apparece uma pessoa capaz de dirigil-a, ou que se arrisque pondo-se-lhe á frente sem o auxilio de nação poderosa: todos temem que o povo os desampare.

No Brasil não ha imprensa. Os brasileiros consideram a revolução da America do Norte como precursora da que elles desejam: é dos Estados Unidos que esperam todo soccorro. As maiores sympathias desenvolvem-se entre elles para comnosco. A pessoa que me dá estas informações é natural e tem residencia no Rio de Janeiro, actualmente a capital, e que contem cincoenta mil habitantes. A pessoa a quem alludo conhece bem a cidade de S. Salvador, antiga metropole, e conhece tambem as *Minas de Ouro* que se acham situadas no interior.

Todos estes logares propendem para a revolução: e como constituem o corpo da nação têm de levar os outros comsigo.

O quinto, que o Rei cobra do producto das minas, anda por treze milhões de cruzados. Elle só tem o direito de explorar as minas de diamantes e das outras pedras preciosas, que lhe rendem quasi metade dessa quantia. O producto destas duas grandes fontes de riqueza sómente deve montar a dez milhões de dollars por anno: mas o remanescente do producto das minas, que sobe a vinte e seis milhões, pôde applicar-se ás despezas da revolução. Afóra as armas que estão pelas mãos do povo, ha armazens dellas. Ha muitos cavallos; mas só uma parte do Brasil admittê o serviço da cavallaria. Precisaríamos de artilharia, munições, navios, marinheiros, soldados e officiaes; e para tudo isso estamos deliberados a recorrer aos Estados-Unidos, entendendo-se sempre que os fornecimentos e os serviços serão necessariamente pagos.

A farinha de trigo custa lá quasi vinte libras cada cem arrateis. Tem o paiz a maior abundancia de carne, e tanta que em algumas partes matam rezes somente para aproveitar-lhes o couro. A pesca da baleia é feita exclusivamente por brasileiros, e não por portuguezes, mas em barcos muito pequenos; de maneira que não sabem manobrar com barcos de grandes dimensões.

Iriam sempre elles (os brasileiros) comprar ao nosso paiz (E. U.) navios, trigo e peixe salgado. O ultimo sobretudo é um genero importante que lhes vai de Portugal. Este reino, que não tem esquadra nem exercito, não pode invadir o Brasil em menos de um anno. Si considerarmos a maneira como tem de ser preparada e executada uma tal invasão, não será ella muito para temer; e si falhar a primeira, não tentarão segunda.

Na verdade, cortada que seja esta principal fonte de sua riqueza, apenas poderão os portuguezes fazer um primeiro esforço. A parte illustrada da nação conhece tanto isso que tem por infallivel a separação. Ha um odio implacavel entre brasileiros e portuguezes. No intuito de reconcilia-los adoptou um dos ministros passados a politica de nomear brasileiros para os empregos publicos; mas os ministros que se lhe seguiram voltaram á politica anterior, nomeando para aquelles empregos somente pessoas nascidas em Portugal.

Ha no entanto ainda alguns naturaes do Brasil (dos antigamente nomeados) exercendo cargos publicos. Si a Hespanha viesse a invadir o paiz pela parte do sul, ficaria sempre tão distante do corpo dos estabelecimentos que não poderia chegar até elles: e a tentativa da Hespanha não é para receiar-se. As *Minas de Ouro* são entre montanhas inaccessiveis a um exercito; e o Rio de Janeiro é tido como o porto mais forte do mundo depois de Gibraltar.

No caso de uma revolução bem succedida, ha de organizar-se um governo republicano geral para todo o paiz, Rocha Pombo — H. B. Pag. 674 — 676. (J. Norberto — H. C. Pag. 44—46.)

Os extracto que até aqui tenho lido, pondo em flagrancia o espirito que dominava o mundo, nos dão de um ponto de vista geral uma perfeita ideia das condições da vida economica e espirital do Brasil no ultimo quartel do seculo XVIII.

Mas, de um ponto de vista particular, nós podemos ver qual era áquelle tempo a situação da capitania de Minas Geraes, relendo o que a respeito publicou *O Minas Geraes* a 21 de Abril de 1894, quando se erigiu em Ouro Preto a estatua do grande martyr. Dessa publicação extrahimos os seguintes trechos :

« O que era a capitania de Minas Geraes? — Mais que uma colonia, para o effeito de manter e engrandecer o velho Portugal.

O ouro de suas minas levou para a metropole uma caudal de riqueza com a qual, na conscienciosa apreciação do insuspeito e eminente publicista Oliveira Martins, « pôde D. João V dar largas á sua ostentação fradesca, e o marquez de Pombal reconstruir não só Lisboa, mas todo o reino ! » Cerca de 36.000 arrobas de ouro e mais de 330.000 oitavas de diamantes foram extrahidas do solo mineiro no periodo colonial, e sob a fórma de impostos, confiscos, direitos régios e euphemicos — « donativos voluntarios », a maxima parte dessa riqueza colossal sugou-a Portugal, « a metropole madrastra, que nada saciava », na phrase do illustre escriptor citado.

Essa mesma capitania, entretanto, que sustentava e reconstruia um reino, depois de haver ministrado assembrosa quantidade de ouro e pedras preciosas para as dissipações insensatas de D. João V, essa mesma capitania era, quanto ao regimen administrativo e politico, menos que uma *feitoria* ou simples *conquista* !

Inutil dizer que jámais se cogitou sequer de fundar ali uma imprensa. Fôra isso projectar clarão de incendio na noite caliginosa do obscurantismo, escopo do regimen governamental.

O *systema*, porém, era perfeito no genero : todas as suas partes travavam harmonicamente ; tudo

estava cautelosamente previsto e logicamente combinado.

Não havia escolas publicas na capitania, nem mesmo para o mais rudimentar ensino. Só em 1776 foi decretado um novo imposto para creal-as, mas adrede preparado tudo afim de simular-se interesse pela instrucção sem que esta se ministrasse.

O governo norteava-se bem: sendo a instrucção um escolho na sua rota *exploradora*, evitava-o vigilante.

Não havia agricultura, mesmo nas condições devastadoras cujo exemplo fatal se implantou no paiz, sinão nos mais restrictos limites.

Ouro e diamantes — tal a exigencia que a metropole renovava todos os dias, por todos os modos, ora *pateruaes*, ora ameaçadores.

Alimentassem-se os habitantes da capitania mal e pouco, isso não preocupava a metropole: o que importava era que elles, escravos ou livres, mouressem na mineração. Dahi, e só dahi derivava a vitalidade da *occidental praia lusitana...* O trabalho nas minas — eis o supremo mandamento que, por ordem régia, os capitães-generaes faziam cumprir, intransigentes e armados.

Era prohibido, sob penas terriveis, abrirem-se estradas, porque ellas, difficultando a fiscalisação dos *Dragões*, podiam facilitar o contrabando do ouro. Só duas veredas havia: a que vinha do Rio de Janeiro e se prolongava para as minas ao norte de Villa Rica, e a que seguia daqui para as minas do Paracatú, estendendo-se até Goyaz.

Nos pontos extremos, quarteis; por toda parte, patrulhas...

A capitania mineira parecia, assim, uma vastissima penitenciaria, com dois corredores em cruz, de duzentas leguas ao comprido, sufficientemente amplos para o movimento incessante de insolentes e implacaveis malsins. A's margens—simulando povoados ou habitações isoladas — os agrupamentos de celulas ou as *solitarias* dos forçados...

Não havia correios, o que era natural, porquanto não havia estradas.

Só em 1798, annos depois da Inconfidencia, crearam-se quatro agencias, nas sedes das comarcas, com uma viagem por mez ! Ainda assim só mais tarde funcionaram

Os juizes eram poucos, e delles a maior parte imprestavel, por ignorancia crassa ou venalidade sabida. No fôro as extorsões e alicantinas requintavam-se impunes, devorando heranças e arruinando innumeradas familias.

Ha registros medonhos desta especie :

Não havia policia sinão para a imposição dos *bandos* tributarios ou para a feroz repressão de reaes ou suppostos descaminhos de ouro e de diamantes.

Para este fim, ou com este pretexto, eram quasi quotidianas as prisões arbitrarías em masmorras tenebrosas, as buscas e varejos brutaes em casas de familias, affrontadas em seu recato, cobertas de baldões por esbirros insolentes, não raro agentes e instrumentos de gratuitos rancores ou de vinganças ignobeis.

Nos povoados, e na sede do governo em maior escala, o funcionalismo vingava-se em grosserias e desbragamentos das humilhações a que se curvava, servil, perante o governador e seus capitães.

Nas estradas ou sitios ermos, ainda ali eram os mineiros alçados pelas requisições asperrimas e arbitrarías dos officiaes de ordenanças, em nome d'el' rei nosso senhor... Um simples soldado de dragões era auctoridade temivel nas paragens remotas. Todos os habitantes de arraiaes ou do campo tinham o dever de hospeda-lo, e mais a obrigação stricta de manterem constantemente, á propria custa, um cavallo á argolla para lh'o entregarem apenas elle o requisitasse, nas diligencias do *serviço régio*. Instituição permanente, o recrutamento era o terror a avassallar o pobre povo, sobresaltando a quasi todos os habitantes, e levando as mãos aos extremos da angustia.

De tempos em tempos a guerra do sal exigia

levas mais numerosas: então não havia limites para as violencias brutaes. Só no anno de 1775, cerca de seis mil recrutas seguiram para o exercito, collidos numa população livre inferior a 180.000 almas.

Quem quer que pretendesse entrar ou sahir da capitania (e nem a todos era isso permittido), havia de sujeitar-se a onerosas imposições e a vexames revoltantes: pessoas, bagagens, cargas, tudo era miudamente inspeccionado, pagando-se contribuições de toda especie que iam accrescentar o acervo enorme dos *quintos*, das *terças partes dos officios*, dos famosos *donativos* e outros tributos estranguladores, nomeadamente o dos *dizimos*, extorsão arbitraria que não raro tinha proporções de atrocissimo confisco!

No *districto diamantino* o regimen era o da absoluta clausula, symbolo do despotismo mais sombrio, cujo codigo, o ominoso *livro da capa verde*, constituia constante sobresalto e pavor ao povo da terra, reduzido em suas penosas explorações a uma parte apenas do ganho proveniente das pequenas pedras apuradas, cabendo os diamantes que excedessem a certo peso exclusivamente a el-rei, ali representado por implacaveis cerberos.

Amontoavam-se assim enormes riquezas que as náus de guerra transportavam a Portugal, nas frota annuaes, que ainda mais carregadas iriam si, envés desses thesouros, levassem as lagrimas e os clamores da capitania escravizada!

Exhaurindo-se progressivamente as minas, a ruina ou decadencia foi invadindo lares e povoações, ameaçados de miseria material, além do vilipendio e oppressão em que gemiam. Nem meios havia já para o pagamento integral dos *quintos*, que se accumulavam...

Procuraram então os mineiros nas industrias fabris um recurso efficaz contra o descalabro imminente, e tal energia desenvolveram nesse empenho esclarecido, que em pouco tempo se installaram, funcionando com exito animador, centenas de teares e de outras fabricas, refugio dos *mineiros* desalentados, nucleo de mais proveitosos labores e de novas

e melhores esperanças da capitania, nos transe de crise economica desoladora.

Acudiu a metropole em apoio destes empreendimentos salvadores? — Responde o infame e atrocissimo alvará régio de 5 de Janeiro de 1785, que ordenou, sob penas barbaras, a completa e immediata destruição das fabricas e estabelecimentos industriaes creados na colonia — uma devastação a ferro e fogo—que foi prestes consummada pelos mal-sins do despotismo dominante, entre o espanto, a consternação e o horror do povo victimado!

Portugal scientificava assim, mais uma vez, aos Mineiros que os não queria sinão como *mineiros* de ouro e de diamantes.

As jazidas desappareciam? Explorassem outras, profundassem as antigas, pesquisassem novos veios e novas camadas, enquanto aos operarios restasse algum sangue nas veias ou um derradeiro sopro de vitalidade.

Tecidos e outros artefactos industriaes — bastava que os recebessem do reino; mesmo ruins, caros e gravados de novos direitos regios, com elles se contentassam, e não havia fugir á decretação de mais este abominavel e torpe monopolio real.

Os governadores, orgãos submissos e representantes immediatos da vontade omnipotente do rei, salvo rarissimas excepções, accrescentavam com os proprios actos odiosos ou vis e os de seus sequitos corrompidos e abrutados, o fermento da dissolução toxica, que era a propria essencia do regimen.

Alguns daquelles satrapas, relapsos em violencias e devassidões que o governo portuguez via indifferente e inerte, desceram, na rampa das prevaricações, até á ousadia — a maior temeridade naquelles *aureos* tempos de se locupletarem á custa da *real fazenda*. Martinho de Mello e Castro, o notavel ministro de D. Maria I, denunciou em documento official o famigerado governador de Minas, Luiz da Cunha Menezes, como associado aos defraudadores do régio erario; anteriormente, o celebre Marquez de

Pombal, com a energia indomável que o caracterizava, forçara o conde de Valladares, recém-chegado a Lisboa da capitania de Minas-Geraes, cujo governador fôra, a restituir noventa mil cruzados, aqui embolsados criminosamente...

A rapacidade, como lição e exemplo, vinha do alto da governança, donde desciam também para as auctoridades de ordens inferiores os modelos dos maiores escandalos, dos abusos desbragados, das mais ostentosas e perversas violencias.

O povo, o misero povo, vegetava em trevas e consternação, opprimido, immobilizado pelo terror, abafando os proprios gemidos que poderiam expol-o a novas torturas.

Mas não perdera, felizmente, nem a noção da dignidade humana, nem a esperança alentadora nos destinos da liberdade.

Meditava já no movimento para a propria redempção...»

Esse, o estado em que Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, vinha encontrar a capitania de Minas Geraes, em cujo governo succedia ao famigerado Luiz da Cunha Menezes em meados do anno de 1788.

Vilipendiado á politica estúpida, empobrecido á voracidade insaciavel da metropole madrasta, o povo mineiro meditava já na propria redempção, e que o meditava conhecendo os recursos de que poderia lançar mão, nós o vemos das informações prestadas por José Joaquim da Maia a Thomaz Jefferson, e a respeito das quaes diz o snr. Rocha Pombo :

« Este documento expõe, de modo completo e com uma concisão admiravel, todas as condições do problema; e comquanto se extenda a todo o Brasil, deixa bem claro que é na capitania de Minas que se põe a força principal, os grandes elementos com que se deve contar. A situação da colonia desenha-se com tão vivas cores, e é tão magistralmente synthetizada, e apresenta um tal character de verdade que seria preciso admittir, para tanta segurança, algum

espírito muito alto, e de uma capacidade política excepcional, a falar pela voz daquelle moço. (Pag. 677).»

Desse moço, José Joaquim da Maia, diz Joaquim Norberto: na sua *Historia da conjuração mineira*:

«Nascido na humilde choupana de um pobre artezão, mas sob o magnifico céu do Rio de Janeiro, recebeu Joaquim da Maia, no antigo seminário da Lapa, as primeiras lições de sua educação litteraria. Sua aptidão para o estudo, o amor de engrandecer-se e subtrahir-se á senda que lhe marcara a popularidade de seu nascimento e a obscuridade de sua ascendência, o levaram a Portugal. A avidez de sua imaginação pedia campo mais largo a seus estudos, e Paris, a patria dos genios modernos, recebeu-o indifferente no meio de suas festas ruidosas e de suas agitações politicas.

Pobre e desconhecido, luctando com os tenues recursos de que mal podia dispor a bolsa de seu velho pai, por intermedio de seus correspondentes, levava os dias e as noites occupado em instruir-se, e nos seus momentos de ocio pagava tributo á curiosidade lendo as paginas da historia do abbade Raynal consagradas á nova republica do novo hemispherio, e as transmittia depois em narrações eloquentes aos seus condiscipulos, entre os quaes figuravam Domingos Vidal Barbosa, José Marianno Leal e José Pereira Ribeiro. (Pag. 39 - 40).»

Na historia da conjuração mineira é, portanto, José Joaquim da Maia o primeiro vulto que se nos depara, corporisando a idéa da independencia do Brasil e de sua constituição em republica nos moldes da grande federação norte-americana.

Esse joven e mallogrado patriota não pôde pôr em pratica os seus nobres e alevantados intuitos, porque algum tempo depois de sua entrevista em Nimes com Thomaz Jefferson a morte o colheu em Lisboa.

«Mas, nem por isso — diz o snr. Rocha Pombo — os seus esforços na Europa foram estereis. De quanto fazia dava informações para a terra; e tanto em Minas como no Rio, os que nutriam a mesma

esperança de que elle vivera exultavam com as noticias que lhes vinham: e aquelle fogo que o incendiara e exaltara, muito longe de extinguir-se com aquella vida, teria de vir ainda aquecer corações na terra desventurada, trasladando-se para aqui em outras almas, a que soubera communicar-o o mallogrado patriota. (Pag. 678, 679.)

Essas outras almas, aquecidas ao fogo que incendiara e exaltara José Joaquim da Maia, eram as dos conjurados mineiros, principalmente a do alferes Joaquim José da Silva Xavier, e no dia em que aqui se commemora o martyrio deste é justo accentuarmos a lembrança daquelle, prestando-lhe por igual a homenagem de nossa veneração.

Os documento de que até aqui nos temos servido, asseguram-nos certamente que desde o anno de 1786 a idéa da separação do Brasil do reino de Portugal e da proclamação da republica nesta parte da America agitava o coração do povo, se aninhava na alma da elite intellectual brasileira como uma aspiração suprema.

Falando dos conspiradores daquella epocha, o sr. João Ribeiro, na sua já citada *Historia do Brazil*, diz o seguinte:

«Os elementos com que ia agir a revolução não podiam ser mais dignos quando se pensa nos espiritos de escolha que nella tiveram parte. Ali estava o Brasil no escól de sua gente, no que havia de mais elevado e puro. Excluidos os antecedentes historicos da colonia, os primeiros germens da revolução seriam trazidos pela cultura universitaria europea, onde os principios de Montesquieu, Rousseau e Voltaire eram o alimento commum da mocidade. Os brasileiros numerosos que seguiam carreiras scientificas e litterarias estudavam na França ou em Portugal e não podiam ser insensiveis a esse movimento irresistivel das novas theorias. E' uma conspiração de lettrados (Pag. 396).»

«O mais que se pôde avançar — diz a respeito o sr. Rocha Pombo — é que o primeiro nucleo (desses conspiradores) se formara dos tres grandes

poetas da até hoje sonhada Arcadia Ultramarina: Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga e Ignacio José de Alvarenga Peixoto. E' — continúa o referido historiador — no seio dessa triade famosa que se faz a gestação da idéa politica que em outras condições bem poderia ter adiantado mais de trinta annos a nossa independencia (Pag. 683).»

«Ahi — diz agora Joaquim Norberto — formaram elles aquelle famoso libello que sob o titulo de *Cartas Chilenas* immortalisou o governo despotico de Luiz da Cunha, menos digno de tanta honra do que o do taciturno e barbaro Vinconde de Barbacena (Pag. 64, 65).»

Este, successor de Luiz da Cunha, viera encontrar Minas — diz o snr. Rocha Pombo — sob o peso de imposições descommunaes, fóra de todas as medidas, e esmagados os povos; os quasi cinco annos da administração de Luiz da Cunha foram uma serie ininterrupta de vexações e tyranuias, de escandalos e desmandos — «uma das phases mais ominosas» da historia colonial. Fóra esse homem quem preparara, com a sua politica odiosa, os elementos da conjuração. Os seus erros, excessos e crimes provocaram em toda a capitania uma verdadeira insurreição moral; e só o temor do escarmento podia ir contendo aquelle protesto de almas, que na sua amargura só se confortava de abominar o tyrauno (Pag. 681).»

Chegado a Minas o sombrio Antonio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, começou a sua administração despertando nos habitantes da capitania as mais serias apprehensões. Trouxera o novo governador instrucções severas para proceder á cobrança da divida á Fazenda Real por meio de derrama. Essa divida subia a um total de 5.725:526\$000, sendo quinto do oiro -- 3.305:472\$000; do contracto das entradas — 1.702:148\$000; do contracto dos dizimos 717:906\$000. Essa enorme divida reduzia os contribuintes e demais devedores ao erario a condições de absoluta insolvencia; a sua cobrança feita com o rigor de que era capaz o visconde de Barbacena, seria a ruina geral da capitania.

Nessa expectativa encontram os conjurados o pretexto para a revolução; elles são já numerosos, pois, no correr desse anno de 1788, a Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto, tinham se juntado o Padre Carlos Corrêa de Toledo e Mello, o conego Luiz Vieira da Silva, o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Pisa, o coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, o dr. Domingos Vidal Barbosa Lage, os padres Manoel Rodrigues da Costa, José da Silva de Oliveira Rolim e José Lopes de Oliveira, o tenente coronel Domingos de Abreu Vieira, o capitão José de Resende e um filho deste, do mesmo nome.

« Quasi toda a gente que tinha importancia — diz o snr. Rocha Pombo — pela instrucção ou pela fortuna, interessara-se mais ou menos sollicitamente naquella que era pelo menos uma aspiração affagada por todo mundo, embora nem todos tivessem o mesmo dessassombro (Pag. 686).»

Teria o Tiradentes conhecimento dessa aspiração geral do povo de sua terra? Seria elle recebido no circulo dos conspiradores de mais nota, como eram Claudio, Gonzaga e Alvarenga Peixoto? — Até aqui, temos visto, o seu nome não apparece entre os dos conjurados.

Quem era o Tiradentes? « Descendia elle, diz o snr. Joaquim Norberto, de uma modesta familia de S. João d'El-Rei que pouco possuia de seu, e enquanto seus irmãos abraçavam a vida ecclesiastica e se acolhiam á sombra do altar, seguia elle a profissão de mascate e percorria o districto de Minas Novas; mas a sua má fortuna levou-o á prisão, e esse desgosto fel-o abandonar aquelle genero de vida depois que se achou em liberdade. Abraçou então a carreira militar, sem se lembrar que estava na patria e que essa carreira não tinha amplitude para satisfazer sua ambição. Vieram depois os annos e com os annos as decepções, e com ellas o desanimo, e em seguida o arrependimento e por fim o desejo de arrear caminho. Lembrado sempre para as mais arriscadas diligencias pela sua bravura, que tinha o quer

que fosse de fanfarronica: exacto por jactancia no cumprimento de seus deveres, era contudo esquecido em todas as promoções que se faziam em seu regimento.

Condemnado a ficar estacionario no posto de alferes, attingira a idade de trinta e nove annos preterido pelos seus inferiores, que lhe tomavam a dianteira e subiam em postos, tornando-se seus superiores. Doia-se da injustiça, queixava-se com o azedume do resentimento, e assim ia ganhando a desaffeição de seus camaradas. (Pag. 71 - 72).»

Adiante diz ainda Joaquim Norberto:

«Era elle de estatura alta, de espaduas bem desenvolvidas, como os naturaes da capitania de Minas Geraes. A sua physionomia nada tinha de sympathica e antes se tornava notavel pelo quer que fosse de repellente, devido em grande parte ao seu olhar espantado. Possuia, porém, o don da palayra e expressava-se as mais das vezes com enthusiasmo; mas sem elegancia nem attractivo, resultado de sua educação pouco esmeralda; ouvindo-o, porém, na rudeza de sua conversação, gostava-se de sua franqueza selvagem, algumas vezes por demais brusca e que quasi sempre degenerava em levandade, de sorte que uns lhe davam o caracteristico de heróe e outros o de doido. (Pag. 74).»

Desse retrato de Tiradentes, traçado pelo snr. Joaquim Norberto, disse o snr. Rocha Pombo (Pag. 690):

«Tudo isso, porém, se disse na devassa, e é em depoimentos então feitos que Joaquim Norberto se funda para escrever o que nos dá acima.

Basta isso para que de tudo se desconfie. Quem se apoiar no que disseram aquellas miseras creaturas perante os juizes devassantes ou perante a alçada, deve-se ter pelo menos como sujeito a risco de não ver direito os factos e de entender muito mal os homens. Basta notar, logo depois dos juizos expostos, o que de Tiradentes chegou a dizer aquelle mesmo impio frade Raymundo de Pennaforte.

«Foi Tiradentes — diz esse frade — um daquelles individuos da especie humana que põe em es-

panto a mesma natureza. Entusiasta com o afferro de um Quaker, emprehendedor com o fogo de um D. Quixote, habilidoso com desinteresse philosophico, afoito e destemido sem prudencia ás vezes, e outras temeroso ao ruido da cahida de uma folha; mas o seu coração era bem formado. (*Rel. circumst. da perf. conj. desc. em Minas Geraes, nota 14*.)»

Não insistirei nesta indagação. Dos descontraídos traços que nos legou uma historia fundada em depoimentos de réos atterrorisados por uma devassa infame, podemos ver que o Tiradentes, descendente de uma modesta familia de S. João d'El-Rei, tendo sido infeliz no commercio, se fizera soldado e galgara, pela sua comprovada bravura em arriscadas diligencias, o posto de alferes do seu regimento.

Exacto no cumprimento de seus deveres, lembrado sempre para as commissões mais perigosas, era contudo esquecido em todas as promoções, e chegara aos trinta e nove annos de idade condemnado a ficar estacionario naquelle posto, vendo-se preterido por seus inferiores. Doia-se dessa injustiça, falava della com a amargura de seu justo resentimento, mas entusiasta e desinteressado, afoito e destemido era natural que seu coração, bem formado pulsasse violentamente pelo engrandecimento de sua patria, escravisada a um poder estranho que se nutria como um parasita de sua seiva.

Embora sem grande instrucção, a sua intelligencia, já revelada na habilidade com que por si mesmo se fizera exímio dentista, se patenteou depois nos planos que elle apresentou para augmento do fornecimento d'agua ao Rio de Janeiro e para edificação de trapiches no bairro da Saude dessa cidade, planos que alguns annos depois o snr. D. João VI havia de pôr em execução.

Este, o retrato mais justo do Tiradentes.

Desse homem, que até Setembro de 1788 não sabemos ao certo se tinha ou não conhecimento das aspirações de independencia que agitavam a alma da elite intellectual de sua terra, o que sabemos com

certeza é que por aquella epocha, estando elle no Rio de Janeiro, ahí se encontrou com o dr. José Alves Maciel que voltava da Europa, onde andara estudando na Universidade de Coimbra e visitando a França e a Inglaterra.

«Trazia — diz o snr. Rocha Pombo — o joven dr. Maciel a cabeça cheia de ideias democraticas, que lhe inspiraram os admiraveis progressos da nova Republica do Norte; e era bastante haver, como brasileiro, vivido algum tempo em Portugal, para não sahir dali dominado de outros sentimento. E' facil imaginar o que se teria passado entre aquelles dois corações, incendidos da mesma fé, arrebatados dos mesmos impetos, um falando das miserias da terra, outro das grandezas que vira no estrangeiro (Pag. 690, 691).»

«O dr. Maciel — adianta em nota o snr. Rocha Pombo — segundo Machado de Castro, declarou num de seus depoimentos que, quando Tiradentes lhe falou no Rio de Janeiro sobre a independencia do Brasil, *chorava* ao pensar na liberdade de sua patria (Pag. 691.)»

Essa entrevista com o dr. Maciel e as que depois della se seguiram, tiveram influencia decisiva no animo de Tiradentes, pois depois dellas, pelos fins do anno de 1788, quando ella volta para Villa Rica, nós o vemos entender-se no caminho com muitas pessoas que adherem ao plano da revolução.

Só depois disso é que o Tiradentes parece ter sido recebido no circulo dos conjurados e praticado com elles a respeito do projectado movimento.

Como quer que seja, certo é — diz o snr. Rocha Pombo — foi que o Tiradentes quem, com o concurso do dr. Maciel, se afoitou a falar sem reboço ao commandante da tropa, coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, angariando-lhe a adhesão.

Da acção de Tiradentes, o proprio visconde de Barbacena diz ao Vice-Rei constar ter elle alliciado outros officiaes do regimento e fazer conta com muitos outros individuos de Minas e das demais capitánias.

Nessa phase da maior actividade dos conjurados, nos ultimos dias do anno de 1788, nós vamos encontrar alguns delles reunidos em casa do coronel Freire de Andrade, a discutir os planos do levante. É nessa reunião que Tiradentes pede para si a acção maior e de maior risco na conjuração, offerecendo-se para ir á Cachoeira prender ou matar o visconde de Barbacena, pois julgava que esse deveria ser o primeiro passo a ser dado para a revolução.

Contudo, só em Março de 1789 é que o Tiradentes pede e obtem uma licença para ir ao Rio de Janeiro, disposto a angariar ali adhesões para a revolução.

Por esse tempo o visconde de Barbacena, sabendo que a conjuração tomaria por pretexto a derrama para cobrança das dividas á fazenda real, toma sobre si suspendel-a e a suspende, por acto que communica ás camaras da capitania, aos 23 de Março de 1789.

Por que o Governador suspendera a derrama? — Era evidente que o fizera para tirar todo pretexto á conjuração, e isso mesmo o fazia saber Gonzaga a alguns de seus companheiros, dizendo-lhes que a occasião para o levante se perdera.»

Enquanto esse acto do Governador levava a confusão e o resfriamento ao animo dos conjurados mineiros, Tiradentes em marcha para o Rio de Janeiro, procede em caminho e depois que chega á capital de forma a ser preso.

É que já o visconde de Barbacena e o Vice-Rei, informados por delactores infames, estavam bem ao par de tudo quanto machinavam os conjurados.

O que depois da prisão de Tiradentes soffrem elle e os seus mallogrados companheiros, é uma odysseá innenacravel.

Durante tres annos, culpados e innocentes, sepultados nas entranhas lobregas de infernaes masmorras, são submettidos ás inquisições de duas devassas diabolicas, nas quaes os juizes só têm uma preocupação: aggravar a culpa dos conjurados.

Claudio Manoel da Costa, o mais nobre daquelles desgraçados, suicida-se na prisão, e no seio della morreram o capitão Manoel de Sá Pinto do Rego Fortes e Francisco José de Mello, que foram os dois ultimos, declarados sem culpa.

Tiradentes, considerado o primeiro cabeça da conspirata, foi condemnado á forca, devendo ser-lhes, depois de morto, cortada a cabeça e esquartejado o corpo.

Como elle, Francisco de Paula Freire de Andrade, José Alves Maciel, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu Vieira, Francisco Antonio de Oliveira Lopes e Luiz Vaz de Toledo Piza foram tambem condemnados a morrerem na forca e a terem, depois de mortos, cortadas as cabeças.

Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, José de Resende Costa, pai, José de Resende Costa, filho, e Domingos Vidal de Barbosa, foram condemnados a morrerem na forca.

Todos esses condemnados, seus filhos e netos foram declarados infames.

Gonzaga, Vicente Vieira, José Ayres Gomes, João da Costa Rodrigues e Antonio de Oliveira Lopes foram condemnados a degredo por toda vida para os presidios de Angola; Victoriano Gonçalves Coelho, além dessa mesma pena, seria ainda açoitado pelas ruas publicas, dando tres voltas em redor da forca; Fernando José Ribeiro foi condemnado a degredo por toda vida para Benguella; e, como Victoriano, José Martins Borges foi condemnado aos açoites nas ruas publicas.

João Dias da Motta foi condemnado a dez annos de degredo para Benguella.

Nenhum desses degradados poderia voltar ao Brasil, sob pena de morrer na forca.

Foram absolvidos Manoel José de Miranda, Domingos Fernandes e Alexandre, pardo, escravo do padre José da Silva.

Essa horrenda sentença foi lida pelo desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, na manhã do dia 19 de Abril de 1792, aos prisioneiros, na sala do

oratorio que se tinha preparado com lugubre apparatus na Cadeia Velha.

Qualquer, diz o snr. Rocha Pombo — que, por acaso fosse aquella sala, podia dizer que já tinha visto o lugar da eterna damnção... Ali estavam a altivez e a perfidia postas em tormento; e via-se bem o fim que podiam ter os loucos desejos de uma sonhada liberdade. Viam-se tristezas irremediaveis, inuteis arrependimentos; e trocadas em humildes considerações as fogosas idéas em outro tempo concebidas. Toda a consolação que podia haver para aquelles miseros, era comprado á custa de forçados esquecimentos, como são os de si proprios, das esposas, dos filhos e de tudo que se estima no mundo.

O oratorio estava sempre povoado de sacerdotes, e em toda parte tratava-se de bem morrer. Andavam ali, sollicitos, a servir, muitos homens, irmãos da Misericordia. Os condemnados estavam estendidos por junto das paredes, ora gemendo (ou para melhor dizer-agonizando), ora constrictos em confissão, e sempre fazendo tinir ferros.

Por toda parte havia sentinellas com armas promptas.

Abriam-se e fechavam-se portas a cada instante, e sempre com estrondo. Os ecos da sentença parecia que retumbavam ainda entre aquellas paredes; e tudo finalmente concorria, para augmentar o horror daquella casa ou verdadeira sala de morte. (Pag. 726 - 728).»

O advogado dos réos, o dr. José de Oliveira Fagundes, — que teve cinco dias sómente para se inteirar das volumosas devassas e escrever defeza, o que fez com inexcedivel actividade e competencia, deduziu os primeiros e segundos embargos que a lei lhe permittia apresentar, mas a alçada os não recebeu, deixando os presos na dolorosa expectativa de que a sentença seria inteiramente cumprida.

Por fim, á meia hora da tarde do dia 20 de Abril, voltou o desembargador Francisco Luiz Alves á prisão e ahí leu a carta régia de 15 de Outubro de 1790, pela qual a rainha, D. Maria I, mandava

commutar em degredo a pena capital de todos, exceptuando Tiradentes.

« Revocados á existencia — diz o snr. Joaquim Norberto — sorriam-se aquelles espectros. Brilharam o contentamento e a alegria no semblante dos réos como no dos outros presos da cadeia.

Pareceu que a cidade se alliviara da immensa pressão que a comprimia. Prorompeu o povo em vivas e gritos de enthusiasmo, que retumbaram em todos os corações. Derramando-se pelas ruas da cidade, communicava a bôa nova a todos que encontrava. Partiram proprios a cavallo para a provincia de Minas Geraes com a noticia que tão grata se tornara a todos. « Viva a rainha! Apareceu um decreto! Escaparam os presos! » Eram as vozes que corriam de bocca em bocca.

Povoaram-se as ruas, abriram-se as janellas e mostraram-se os habitantes animados de risonha alegria.

Escancararam muitas familias, dadas á devoção, os seus oratorios, e prostradas entoaram terços em acção de graças. No meio destes vivos transportes de alegria e de enthusiasmo tiraram-se os ferros aos réos commutados, e só o Tiradentes ficou com as algemas que lhe ligavam as mãos e os pés... e com a certeza da morte sem mais recurso. Não o tocou a inveja nem o entristeceu nesse lauce de afflicção a sua desgraça. (Pag. 409).

Tiradentes, Senhores! attestam-no testemunhos insuspeitos — os religiosos que o acompanharam na cadeia, recebeu com animo sereno a sentença de sua morte, e sentiu a dos outros, a quem muitas vezes pediu perdão. Quando estes foram commutados, vencendo a propria amargura, lhes deu parabens e sorriu tristemente.

Ao outro dia, 21 de Abril, teve logar a execução da sentença, que o governo tornou selvagemmente apparatusa.

Dispenso-me de entrar nos pormenores desse apparatuso selvagem.

« Ladeado dos officiaes de justiça — narra o sr.

Joaquim Norberto — entrou na cadeia o algoz negro. Era o famoso Capitania, tão celebre pelos seus crimes. Vinha vestir-lhe a alva e atar-lhe o baraço ao collo. Pedindo-lhe de costume o perdão da morte, pois que a justiça e não a sua vontade lhe movia os braços, desceu o Tiradentes de seu pedestal de gloria, e disse-lhe: «Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés!» O que fez com tanta admiração do proprio algoz que este, sendo um criminoso contumaz, chegou a commover-se e deixou escapar uma lagrima.

Ao despir-se para vestir a alva, tirou tambem a camisa e ungiu seus labios com estas bellas palavras:

«O meu redemptor tambem por mim morreu assim. (Pag. 413).»

Eram oito horas da manhã. Formado o prestito, percorridas as ruas da nova *via crucis*, chega o condemnado ao largo de S. Domingos às 11 horas do dia. Tres horas durara essa longa agonia, e durante todo esse tempo Tiradentes, algemado, tendo entre as mãos jungidas um crucifixo, marchara com as faces abrazadas, causando admiração pela sua constancia. O valor, a intrepidez que o distinguiam no regimento, mostraram-se então em toda sua admiravel grandeza.

Subiu ligeiramente os degraus da alta força, e sem estremecimento algum que lhe trahisse a coragem deu logar ao algoz para o fatal preparo, pedindo apenas que abreviassem a execução. Essa, a ultima graça que solicitava, não lhe foi, porém, concedida porque o guardião do convento de S. Antonio, frei José de Jesus Maria do Desterro, subiu alguns degraus do patíbulo e dahi dirigiu ao povo uma pratica, prolongando assim, em nome da religião, a agonia do padecente.

Rezou depois o mesmo religioso o credo dos apóstolos, que Tiradentes repetiu palavra á palavra, até que terminada a oração, impelliu-o o carrasco, despenhando-o no espaço.

Um gemido surdo, prolongado irrompeu da multidão, e foi abafado ao ruído dos tambores.

Foi a cabeça de Tiradentes levada á Villa-Rica; os quartos de seu corpo foram espalhados no caminho; sua casa foi arrasada; o terreno em que ella se levantava foi salgado; seus bens foram confiscados; elle, seus filhos e netos foram declarados infames; mas, alguns annos depois, em 1822, o padrão infamante que se erigira no chão de sua casa, foi derribado pelo povo, e no mesmo logar se levantou depois a estatua do grande martyr.

Era a justiça da Historia; declarado infame, hontem, pela justiça vesga de uns miseros pygmeus, agarrados aos interesses subalternos de uma vida material como a dos animaes, sem alvo digno do homem, nem aspirações dignas do heroe, eis o sonhador de Villa-Rica, o humilde alferes de um regimento de cavallaria aureolado depois como typo dos precursores da Independencia do Brasil, arrancando as homenagens de uma patria que elle quizera ver grande e livre.

Contra a heroicidade de Tiradentes tem-se levantado algumas objecções; o exame detido dos argumentos em que se fundam os pretenciosos demolidores de sua gloria levar-me-hia longe; por isso, attendendo á natureza deste trabalho, só perfunctoriamente tratarei essa questão.

Ao que sei, o primeiro a se votar áquelle inglorio intuito foi o snr. Domingos Codeceira de quem, na introdução de sua *Decada Republicana*, diz o nosso illustre patrico Dr. Francisco Nobre de Lacerda:

«Escrevendo sobre a prioridade de Pernambuco nas idéas de independencia do Brasil, o venerando patriota Domingos Codeceira *em apito* ao dizer do commendador Norberto de Souza e Silva, aventou que Tiradentes se revelara cobarde na hora extrema do supplicio, por ter beijado com humildade os pés do carrasco, quebrando, dest'arte, a corôa de glorias que devia cingir-lhe a fronte de immortal.»

Este trecho da *Decada Republicana* precisa ser bem entendido; de sua leitura parece, com effeito,

se induzir que Joaquim Norberto de Souza e Silva, o primeiro historiador da Conjuração Mineira, tivesse de alguma forma auctorisado aquella conclusao pouco rigorosa a que chegara o snr. Codeceira.

Ora, isso não é exacto. Em nenhuma parte de seu volume de mais de quatrocentas paginas, o illustre vice-presidente do Instituto Historico do Rio, disse por qualquer modo que Tiradentes era um debil de animo. Ao contrario, o que nessas paginas, por mais de uma vez, apoiado nos testemunhos mais insuspeitos, elle deixou bem claro foi a varonilidade heroica do grande martyr.

E' certo que Joaquim Norberto, e depois d'elle todos os que foram beber em suas paginas, apoiados nas duas miseraveis devassas presididas a do Rio por Luiz de Vasconcellos e a de Minas pelo torvo visconde de Barbacena, nos mostram no caracter de Tiradentes algumas faces pouco lisonjeiras, quaes a de sua apregoada loquacidade imprudente e de sua jactancia no cumprimento exacto do dever; mas, nas mesmas passagens em que isso se accentúa, fica registrada nitidamente a sua proclamada bravura.

E' certo tambem que Joaquim Norberto, narrando a cores indelaveis os ultimos momentos de Tiradentes diz que este, quando o carrasco lhe pedia perdão, «descera de seu pedestal de gloria para humilhar-se demais, replicando ao algoz:

«Oh! meu amigo, deixe-me beijar lhe as mãos e os pés!»

Destá phrase, reveladora de uma humildade sobrehumana, foi que os inglorios demolidores da gloria do grande martyr da Republica, lhe induziram a cobardia.

Mas em que a humildade mais christã é incompativel com a coragem mais desassombrada?

O dr. Nobre de Lacerda, na passagem de seu livro a que me referti, lembra-nos o exemplo de Antonio Henrique, heroi da revolução de 1817, o qual na hora da execução tambem abraçou humildemente as pernas do carrasco.

Seria Antonio Henrique um cobarde?

Jesus Christo era o typo da humildade sobre humana, e todavia ahí anda um livro — *A varonilidade do Mestre* — nos pintando ao vivo até onde ia a sua incomparavel energia moral.

Commentando a passagem em que Joaquim Norberto nos dá noticia da assombrosa humildade demonstrada por Tiradentes na hora extrema da vida, o snr. Rocha Pombo escreve:

«Por nossa parte, nada vemos em tudo isso que possa affligir os manes de Tiradentes. Elle soube morrer da unica maneira digna como devia morrer no meio daquella desoladora necropole de almas. Detestado pelos proprios antigos companheiros; maldito de todas as boccas; entregue vencido áquelles direitos da tyrania victoriosa; sentindo-se repulsado até dos proprios ministros da religião: — que tinha a fazer aquella grande alma, sinão fechar-se em si mesma, numa perfeita conciliação com sua desgraça, esperando que o futuro lhe recolhesse aquelle gesto, tão bello e tão doloroso para elle? Affectar altivez, bramar, carregar o sobrolho, falar ou gemer no meio daquelle deserto de almas — onde o unico ente vivo dir-se-hia que é exactamente o misero que vai para a morte?.. Isso é que seria ridiculo... e inutil, porque o rufar de tambores lhe abafaria a voz.

Aquelle gesto, sim: é a grandeza de alma que delle poderia ficar.

E ficou. (Nota. Pag. 737).»

O segundo demolidor da gloria de Tiradentes, ao que eu saiba, é o snr. professor Assis Cintra, auctor de varios livros, entre os quaes *Mentiras Historicas e No limiar da Historia*, livros estes ultimos em que a pretexto de restabelecer a verdade historica sobre o Tiradentes, levanta contra o sympathico suppliciado do largo da Lampadosa um libello iniquo, tão apaixonado quanto insubsistente.

Nesse libello que nenhuma honra faz ao vehemente escriptor, que tem a pretensão de ser um emulo de Taine, propõe-se elle a provar que o malogrado patriota brasileiro não é um vulto heroico e

glorioso de nossa historia, nem foi o proto-martyr da Republica no Brasil, pelos seguintes motivos:

1.) Porque foi um covarde, renegando suas idéas e seus actos;

2.) porque se humilhou, pedindo a clemencia dos despotas que o condemnaram;

3.) porque foi preso como revolucionario e morreu como um frade;

4.) porque 28 annos antes d'elle nascer houve um brasileiro que, com as armas na mão, levantou a capitania de Minas contra o oppressor, *visando a proclamação da Republica*;

5.) porque foi elle quem comprometteu a Conjuração Mineira, da qual era um simples portador de recados.

Não escondo, senhores, a lastima que experimentei ao ler essas theses do snr. Assis Cintra, pois entendo que, ainda quando fosse possível demonstral-as cabalmente, não honrariam ellas nem ainda ao mais obtuso dos brasileiros.

Mas, poderão tuas theses encontrar apoio nos documentos historicos?

Vejamos.

A primeira dessas theses, a saber: que «o Tiradentes era um covarde e renegara suas idéas e seus actos,» o cruel e nada rigoroso revisor da historia patria procura demonstrar, apoiando-se num depoimento que o Tiradentes teria dado aos *22 de Maio de 1792*, e no qual teria dito que era inverdade tudo quanto lhes attribuiam, pois «so si estivesse bebado ou louco poderia fazer ou dizer o que lhe imputavam.»

Quando, no livro *Limiar da Historia*, paginas 127-129, li os extractos desse depoimento, foi grande o meu pasmo ao reparar que o snr. Assis Cintra lhe assignava a data de 22 de Maio de 1792, pois, nessa data, havia já um mez que o grande precursor da Republica tinha sido enforcado e esquartejado no largo de S. Domingos.

Já no seu livro — *Mentiras Historicas* — o snr. Cintra se referira a esse depoimento (pag 7), sem

lhe assignar data alguma, mas indicando que o compulsara no Archivo Nacional.

Por não arguirmos em falso, demos-nos então ao trabalho de compulsar a *Revista de Documentos para a historia da cidade do Rio de Janeiro* — Archivo do Districto Federal — e ahi, no volume IV, n. de Abril de 1894, pag. 41 e seguintes, verificamos que o depoimento a que se refere o snr. Assis Cintra e diz ser de 22 de Maio de 1792, é de 22 de Maio de 1789, o primeiro que fizera o Tiradentes; este, porém, como confessou no seu terceiro depoimento de 18 de Janeiro de 1790, declarou «depois que até então negava por querer encobrir a sua culpa e não querer perder ninguem.»

Eis ahi, a negação feita por Tiradentes nos seus primeiros depoimentos de 22 e 27 de Maio de 1789, não era uma demonstração de sua cobardia, mas a prova de que, ainda naquelle transe supremo, repugnava á sua alma generosa perder os seus companheiros com a confissão.

O professor Assis Cintra, que com tanta desenvoltura conclue pela cobardia de um homem de proclamada bravura, devia conhecer todos os depoimentos do Tiradentes, e já que se edificou com o que elle disse no primeiro, devia, por probidade intellectual, dar conhecimento aos que não leram taes depoimentos, do que o grande martyr disse em seu interrogatorio de 18 de Janeiro de 1790.

Uma vez, porem, que s. s. não o fez, eu lhe peço permissão para cumular sua falta nada edificante, dando aqui as palavras com que o Tiradentes, retractando-se de suas negações anteriores e fazendo plena e absoluta confissão, se dá como sendo o unico culpado.

São as seguintes e constam do alludido volume do Archivo do Districto Federal, n. de Maio de 1894, pag. 299 :

«E sendo-lhe instado que dissesse a verdade, á qual tinha faltado em todo o sentido; pois negava o levante que se premeditava fazer na capitania de Minas-Geraes, quando elle era o cabeça do motim,

que convidava a todos quanto podia, tão allucinadamente que nem escolhia pessoas, nem occasião; e por isso deve dizer todas as pessoas que entravam no dito levante e sedição, ou prestavam para ella o seu consentimento, e que communicações havia para as potencias estrangeiras e porque vias, e tambem quem eram as pessoas do Rio de Janeiro que favoreciam ou premeditavam o mesmo levante, o que tudo elle respondente asseverava ás pessoas que queria persuadir.

« Respondeu que elle até agora negou por querer encobrir a sua culpa e não querer perder a ninguém; porem que á vista das fortissimas instancias com que se vê atacado e a que, vê, não pôde responder directamente, sinão faltando clara e conhecidamente á verdade, se resolve a dizel-a como ella é.»

Este mesmo depoimento de Tiradentes, que nós encontramos no volume do *Archivo do Districto Federal* (revista) anteriormente indicado, com data de 18 de Janeiro de 1790, é dado pelo sar. Joaquim Norberto como sendo datado de 18 de Julho de 1790.

Resumindo-o, o notavel escriptor da *Historia da Conjuração Mineira* escreve:

« Negou ao principio, accrescenta o Tiradentes, para encobrir a sua culpa e não desejar perder a ninguém: porém, á vista das fortissimas instancias com que se via atacado, não podia responder directamente, sinão faltando clara e conhecidamente á verdade, e assim se resolvia a dizel-a como ella era.

« Admirado de que o minimo passo que dera não fosse ignorado pelo juiz da devassa, passou ingenuamente a dizer o que sabia, declarando que com effeito se tramara o levante, e que *fôra elle quem premeditara tudo, sem que outra pessoa o movesse nem lhe inspirasse cousa alguma*; e que, pelo compromisso a que se obrigara na reunião dos conjurados em casa do tenente-coronel Francisco de Paula, procurou angariar gente, buscando falar a algumas pessoas (Pags. 338-339).»

Antes, e certamente influenciado pela nobreza

desse depoimento, já o snr. Joaquim Norberto havia escripto :

« Os que mais sobressahiram nos seus interrogatorios foram Gonzaga, Alvarenga e o Tiradentes. Celebrizou-se Gonzaga pela tenacidade da negação completa, pois nada sabia da conjuração. Buscou Alvarenga subtrahir-se a qualquer culpa, accusando e lançando á conta dos seus amigos tudo quanto se passara. *Attrahiu o Tiradentes, pelo contrario, toda a grave e fatal responsabilidade sobre sua cabeça, isentando todos da culpabilidade do crime* que, pelas suas loucas declamações, tomara tão grandes proporções aos olhos da justiça. E—adianta o mesmo historiadór — confessou ignorar que Gonzaga entrasse na conjuração, confissão por demais generosa, por ser este seu inimigo (Pag. 331).»

Estranha o snr. Assis Cintra que o Tiradentes, em seu primeiro depoimento, tivesse procurado subtrahir-se á culpa, dando-se como innocente ; entretanto, o snr. Joaquim Norberto (Pag. 329) nos diz : « Haviam os conjurados combinado que a base de suas defezas seria sempre a resposta negativa, e que, fortes neste baluarte, nenhuma prova appareceria contra elles, por isso que (suppunham) não existia um só documento escripto que os compromettesse.»

A accusação levantada pelo snr. Assis Cintra contra o Tiradentes, dizendo-o cobarde, por ter elle a principio, como fizeram todos os seus companheiros, negado a conjuração e a parte que tomara nella, resvala do grande martyr para todos os conjurados, cuja plano de defeza consistia justamente nessa negação systematica em que, aliás, só persistiu Gonzaga.

Indigna-se o snr. Assis Cintra com a primeira attitude assumida pelo Tiradentes, e cala que a mesma attitude tiveram todos os conjurados e esconde a nobre conducta que afinal teve o grande martyr !

Eu acho a attitude do snr. Assis Cintra mais estranhavel do que a que teve o Tiradentes, para encobrir a propria culpa e não perder a ninguem.

A segunda these do snr. Assis Cintra, a saber, que o Tiradentes se humilhou, pedindo clemencia aos despotas que o condemnaram, não é rigorosamente exacta. Quem condemnou o Tiradentes foram os membros da alçada, e a estes não consta que o Tiradentes tivesse pedido clemencia...

E' certo que o snr. Cintra, em apoio de seu articulado accusatorio, cita um extracto do Relatorio da Provincia Religiosa do Brasil em 1792, e um excerpto de uma carta do visconde de Barbacena dirigida ao secretario de Estado de D. Maria I, nos quaes se diz que o Tiradentes pedira humildemente clemencia áquella soberana; mas é singular que um historiador tão metucioso quanto o snr. Joaquim Norberto, aliás nada entusiasta do Tiradentes, tivesse omitido um facto capaz de ser erigido em artigo de accusação ao grande patriota, e não nos desse nenhuma noticia dos documentos produzidos cento e trinta annos depois pelo snr. Cintra, documentos publicados sem nenhum signal de authenticidade.

— *Relatorio da Provincia Religiosa do Brasil em 1792* — Archivo de S. Bento em Lisbôa; *carta do visconde de Barbacena ao secretario do Estado de D. Maria I*; relatorio, carta compulsados por quem? Quem lhes possui as copias devidamente authenticadas?

Onde se acham essas copias ou seus originaes e onde podem ser examinados?

Emquanto o snr. Assis Cintra não responder cabalmente a todas essas perguntas, permitta-me s. s. declarar-lhe que, em materia de accusação a um grande vulto da patria, é justo que se peça ao accusador todas as provas de suas allegações, e que, em tal materia, ninguem tem o direito de querer ser acreditado sob palavra.

Ademais, si o Tiradentes tivesse realmente pedido clemencia á rainha, mais não teria feito que seguir nisso o exemplo de todos os conjurados, entre os quaes avulta como dos mais dignos o conego Luiz Vieira da Silva, que fez appello a essa clemencia.

Mas, o que nos move a não acreditar que o Tiradentes tivesse feito igual appello é justamente um outro documento a que se refere o snr. Assis Cintra no seu citado livro — *No limiar da Historia* — o artigo publicado pelo visconde de Barbacena (brasileiro filho do marquez de Barbacena) no *Jornal do Commercio*, do Rio, de 27 de Novembro de 1872, no qual o articulista, segundo o snr. Cintra, teria dito que «só em Tiradentes se executou a pena de morte por não ter tido quem por elle se interessasse (Pags. 133 e 183).»

E ainda isto: o Tiradentes condemnado sem recurso num dia, foi executado no outro. Elle sabia que assim devia ser, e como iria, pois, impetrar uma clemencia que, ainda quando viesse a lhe ser deferida, já não poderia aproveitar-lhe?

O snr. Assis Cintra que levantou a accusação examinada deve procurar demonstral-a cabalmente, pois ninguem pôde satisfazer-se com a demonstração incompleta que fez della o seu auctor.

A terceira these do snr. Assis Cintra, a saber, que o Tiradente «foi preso como revolucionario e morreu como um frades», se basêa no mesmo facto narrado pelo snr. Joaquim Norberto, e do qual o snr. Domingos Codeceira induzira que o grande martyr de 1792 era um cobarde.

Esse facto, como vimos, não delata a cobardia de Tiradentes nem de outrem, fosse quem fosse, que na hora da execução, voluntariamente, beijasse as mãos e os pés do carrasco, pois a humildade que esse acto revela é toda religiosa e visa demonstrar antes a contricção perante Deus, que a submissão perante a justiça humana.

Esta, na sua estupidez incuravel, determina que um criminoso, contumaz como o *Capitania*, enforque um patriota, mas ordena ao carrasco que, antes de executar sua sentença selvagem, peça perdão à victima, declarando-lhe que a justiça e não sua vontade lhe move os braços; o sentenciado ouve esse pedido

de perdão, e placidamente replica ao algoz: «O' meu amigo deixe beijar-lhe as mãos e os pés!»

Pois não é como si naquella hora tremenda um raio de mysteriosa ironia inspirasse o grande martyr?

«A' justiça que te manda pedir-me perdão antes de trucidar-me, dize, amigo, que não só te perdão como ainda que te beijo as mãos e os pés, tanta piedade me inspiras.»

São essas palavras de um cobarde diante da morte e de seu algoz? A humildade sobrehumana que ellas revelam só igualada por aquella ensinada pelo Christo que, áquelle que nos esbofeteasse uma face, mandava-nos que dessemos a outra, essa humildade sem par, praticada por um soldado proclamadamente bravo, póde ser equiparada á apparente humildade dos frades?

Refutando a conclusão erronea a que diante de tanta grandeza de alma chegara o snr. Codeceira, eu disse o sufficiente para refutar tambem o snr. Assis Cintra, e não preciso, portanto, insistir na contradicta de sua terceira, a qual estaria mais de accordo com a verdade si assim tivesse sido formulada: Tiradentes foi preso como revolucionario e morreu como um santo:»

A quarta these do snr. Assis Cintra, a saber, que o proto-martyr da Independencia não foi o Tiradentes, mas Felippe dos Santos, basê-a o auctor no levante que houve em 1720 em Villa Rica, estendendo-se a Ribeirão do Carmo, levante derigido pelo mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães e outros,

Mas o proprio snr. Domingos Codeceira, emulo do snr. Cintra na demolição da gloria de Tiradentes, é o primeiro a dizer que ha historiadores que negam a esse levante o character republicano; e, sem conhecer os historiadores a quem o snr. Codeceira se refere, todavia estamos de accordo com todos quantos neguem o character republicano daquelle movimento, que ao nosso ver não passou de um protesto energico contra a instituição das «casas de fundição», protesto a que cobardamente se submetteu primeiro,

para depois escarnecer, o refalsadissimo Conde de Assumar.

Com effeito, «as casas de fundição» instituidas por lei de 11 de Fevereiro de 1719, publicada em Minas Geraes a 18 de Junho desse anno, deviam começar a funcionar a 23 de Julho de 1720. Suppunha a lei a prohibição absoluta, sob penas terriveis, de correr o ouro em pó na capitania, devendo ser todo fundido e *quintado* nas casas de fundição.

Foi mais essa exigencia da metropole que deu logar á revolta em que Felippe dos Santos, portando-se com bravura inexcedivel, foi a victima principal.

De facto nós vemos que o povo amotinado — cerca de 2.000 homens armados, sob a direcção do mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães, Sebastião da Veiga Cabral, dr. Manoel Mosqueira, Frei Vicente Botelho, filho do dr. Mosqueira, frei Francisco de Mont'Averne, João Ferrelta Diniz, Thomé Affonso e Felippe dos Santos, tribuno e agitador popular, destemido mais que todos os outros — prendeu os camaristas, e dirigiu ao conde de Assumar um *ultimatum* em que lhe intimava a suspensão da lei sobre casas de fundição e de outros processos fiscaes arbitrarios e extorsivos, que vexavam a população.

Tentou primeiro o conde de Assumar mystificar os revoltosos; mas diante da attitude intransigente destes, teve que ceder e cedeu pusillanivamente, como se vê das condições que aquelles lhe impuzeram e elle acceitou em termo escripto e assignado no palacio e datado de 2 de Julho de 1720.

Desse documento, que contem quinze artigos das imposições feitas pelos rebellados constam os seguintes.:

1. Que não consentem em casa de fundição, cunhos e moeda.

4. Querem assegurar a Sua Magestade, a quem Deus guarde, as trinta arrobas (de ouro), lançando-se etc.

5. Querem para o serviço de Nosso Senhor,

e de Sua Magestade, a que Deus guarde, e *conservação da Republica*, que nem negro nem negra etc.

12. E por final conclusão de tudo querem que v. ex. em nome de Sua Magestade, que Deus guarde, lhes conceda perdão geral, sellado com as armas reaes, etc.

Ora, dessas tres, ultimas condições impostas no conde de Assumar pelos revoltosos de Villa-Rica em 1720, e por elle acceitas, bem se vê que não se tratava de nenhuma revolução, tendo por objecto a independencia do Brasil e a proclamação da Republica.

Tratava-se tão sómente, sim, da revogação não somente de uma lei julgada prejudicial como de outras praticas extorsivas e vexatorias, e isso sem a menor idéa de separar o Brasil de Portugal nem de implantar a Republica no paiz, pois os revoltosos asseguravam a Sua Magestade as trinta arrobas de ouro; queriam isso e aquillo para o serviço de Sua Magestade, e não dispensavam o perdão geral de sua Magestade para todos os actos que tinham practicado.

Victoriosos em suas justas pretensões, os rebellados, voltaram tranquillos aos seus lares e entregaram-se de novo, satisfeitos, aos seus labores.

E assim estiveram durante onze dias, pois só na noite de 13 de Julho de 1720 foi que o Governador da capitania, tendo se cercado de fortissimos elementos de reacção, prendeu em Ribeirão do Carmo a Sebastião da Veiga Cabral, e na madrugada seguinte mandou invadir Villa-Rica pelos seus dragões, que ahí prenderam o mestre de campo Paschoal da Silva, o dr. Mosqueira Rosa, seu filho frei Vicente Botelho, frei Francisco de Mont'Alverne e outros.

*Escapo nessa accasião — diz o documento de onde extrahimos estes dados — ás garras do capitão — general, sentindo renascer-lhe, com a indignação, o ardor da lucta que julgara terminada, e levado mais uma vez por impulsos generosos, Felipe dos Santos corre á Cachoeira do Campo, ahí reúne ami-

gos, convoca o povo, concita-lhe os briros em linguagem rude mais sincera, inflammada e assim eloquente.

Dando a todos o exemplo da energia indomável de seu character impetuoso, os exhorta a irem com elle arrebatado seus amigos presos aos dragões do general.

Nesse esforço de solidariedade e honra, com que de novo agitava a população de Cachoeira, é de subito atacado pelas tropas do Governador. Resiste-lhes com denodo, secundado por um grupo de seus mais entusiastas adeptos; mas, afinal suplantado pelo numero, Felipe dos Santos cahi por sua vez em poder dos soldados que o perseguiram. E um novo motim que irrompeu á noite em Villa-Rica, tendo por motivo a dolorosa emoção do povo contra as prisões dos revoltosos, foi prestes suffocado a couce d'armas pelos dragões e seus sequazes.»

Preso Felipe dos Santos, o Governador, conde de Assumar, descarregou sobre elle todo o rancor de sua alma vil, e em processo summarissimo condemnou-o a morte e mandou executar-o por fórma monstruosa, amarrando-o a quatro potros bravios que despedaçaram o valente mineiro, correndo a disparada nas ruas de Villa-Rica, e tornando-o uma das mais sympathicas victimas do despotismo colonial.

Essa, a historia de Felipe dos Santos feita perfunctoriamente; e della não se vislumbra em que e quando se bateu esse patriota pela independencia brasileira e pela Republica.

Não obstante, o snr. Assis Cintra assenta a sua these ora examinada num excerpto do *Relatorio de D. Pedro de Almeida, conde Assumar, ao rei de Portugal*, do qual constaria o seguinte: «... a revolução tomou grande vulto, sendo esmagada por duas companhias de dragões reaes e 1500 homens de infantaria (escravos); e o intuito dos revolucionarios era fazer uma *Republica do povo*, expulsar do governo todos os ministros d'El-Rei e não admitir outros.»

Não conhecemos esse *relatorio* do conde de As-

sumar ao Rei; mas, sabemos que em carta que dirigira a S. Magestade em 21 de Julho de 1720 dissera o torvo governador: « Descobriu-se finalmente o intento no maior dos cabeças, que era formar uma republica *neste Governo*, expulsando-me d'elle e a todos os ministros d'El-Rei, e não tornar a admittir nenhuns outros que se mandassem.»

E', pois, o conde de Assumar, o unico a accusar Felippe dos Santos de ter querido formar uma republica no Governo de Minas Geraes, e isso esquecido das condições que acceitara em termo datado de 2 de Julho de 1720, condições em que os rebellados que lh'as impuzeram nem de longe revelam tal intuito.

Levantando essa accusação, o pusillanime Governador ou quiz justificar o injustificavel processo summarissimo a que submetera Felippe dos Santos, condemnando-o á morte illegalmente, ou quiz, empregando a palavra « republica » significar coisa muito differente da significação que lhe é dada geralmente.

Justificando a primeira destas hypotheses, nós vemos que, na alludida carta de 21 de Julho que dirigira ao Rei, o conde de Assumar escreve: « *Eu, Senhor, bem sei que não tinha jurisdicção para proceder tão summariamente; e que não o podia fazer sem convocar os ministros da comarca; mas uma cousa é experimental-a e outra ouvil-o, porque o apuro era tão grande que não havia instante que perder...* » Em apoio da outra hypothese, nós vemos que o art. 5.º das condições impostas pelos rebellados ao conde de Assumar e por este acceitas é assim redigido:

« 5.º Querem para o serviço de Nosso Senhor, e de S. Magestade, a que Deus guarde, e *conservação da Republica*, que nem negro nem negra se arrematem na praça pelo preço tão diminuto como se tem experimentado, mas sim se avaliem por dois louvados de sã consciencia, e que os credores os tomem por sua avaliação, quando não hajam arrematantes, o que tambem se observará em propriedades ou casas.»

Esse artigo das *condições* é ao nosso ver deci-

sivo na solução da questão que procuramos resolver: para o conde de Assumar a palavra republica tinha apenas a sua significação etimologica — coisa publica, e designava, somente por extenso, a administração publica. Era isso o que queriam dizer os rebellados quando num mesmo periodo asseguram querer isso e aquillo para no serviço de S. Magestade, a quem Deus guarde, e para a conservação da Republica; e era aquillo tambem o que queria significar o Governador quando escrevia ao Rei, dizendo-lhe que o intuito dos rebellados era formar uma Republica com exclusão delle e dos ministros que se mandassem de Portugal, coisa aliás desmentida pelas *condições* que lhe tinham sido impostas.

Isto serve para nos mostrar que a justiça do snr. Assis Cintra não é isenta de paixão; rebaixando sem necessidade o Tiradentes, para exaltar Felippe dos Santos, s. s. commette uma injustiça, pois o grande martyr de 1792 não tem culpa que os mais altos representantes da nação o tivessem achado digno de reunir em seu vulto glorioso todos os precursores da Independencia Brasileira, nem o Governo de Minas lhe erigisse uma estatua, declarando-o o proto-martyr da Republica.

A quinta e ultima these do snr. Assis Cintra, a saber: que «o Tiradentes foi quem comprometteu a conjuração Mineira, da qual era um simples portador de recados», basea-a s. s. em que?

As accusações ali levantadas são duas: *primeira*, Tiradentes foi quem comprometteu a conjuração Mineira; *segunda*, Tiradentes era um simples portador de recados dos que formavam a conjuração.

A primeira dessas accusações brada contra a verdade historica, porquanto o que esta ensina é que quem comprometteu aquella conjuração foram os seus delatores, entre os quaes o primeiro foi o infame coronel portuguez Joaquim Silverio dos Reis, e este não foi scienticado do que se planejava pelo Tiradentes, mas pelos irmãos padre Carlos Correia

de Toledo Mello e sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Pisa.

E quanto a ter sido o Tiradentes apenas um serviçal dos conjurados, o snr. Assis Cintra julga essa accusação sufficientemente provada pelo depoimento dado pelo visconde de Barbacena (brasileiro) em artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 27 de Novembro de 1872, no qual diz o articulista ter ouvido de seu pai (o marquez de Barbacena) que o Tiradentes, ao que lhe haviam dito em Angra o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade e o dr. José Alves Maciel, figurou na conspiração apenas como um confidente deste ultimo, limitando-se o seu papel a simples portador para communicar certas informações que não convinha serem feitas por escripto, commissão que elle não soube desempenhar com a cautella devida.

Não conhecemos esse artigo do visconde de Barbacena (brasileiro); mas Joaquim Norberto que allude a elle, dando-lhe a data de 28 de Novembro de 1872 (Nota. 2. Pag. 422), diz que Maciel viveu em Angola e Francisco de Paula em Pedras de Angoche (Pag. 422), sendo certo que o accordam que commutava as penas de morte a que tinham sido condemnados Maciel e Francisco de Paula degredava perpetuamente Maciel para Massango ou Massangano (Angola) e Francisco de Paula para Pedras de Angoche (Moçambique).

Como quer que seja, sem pôr em duvida o depoimento do visconde de Barbacena, que o deu, de memoria, sob a palayra de seu pai, o marquez de Barbacena, devemos ponderar que, ainda tomado em toda consideração esse depoimento, em nada elle deprime o Tiradentes, porque os seus accusadores são realmente Francisco de Paula e o dr. José Alves Maciel o primeiro, que denunciou seus companheiros, e o segundo, de quem Martinho de Mello dizia a Antonio Furtado de Mendonça, «que era socio e ao mesmo tempo espia dos conjurados, com assistencia no proprio palacio da capitania (Joaquim Norberto, Pag. 427).»

Além da suspeição que esportam os nomes de Francisco de Paula e José Alves Maciel, deve-se ainda attender, no juizo que se queira fazer a respeito do verdadeiro papel representado por Tiradentes na Conjuração, ás opiniões que sobre elle deram alguns outros «inconfidentes» que voltaram ao Brasil, opiniões que encontramos, como tudo quanto dissemos sobre Felippe dos Santos nas *Ephemerides Mineiras*, de José Pedro Xavier da Veiga, vol. 2., pags. 103 a 162 e 443 a 473.

Demonstrando que a Tiradentes pertence a iniciativa e a parte mais heroica da conjuração, aquelle auctor diz que isso tem prova plena no proprio processo da Conspiração e no testemunho e declarações escriptas muito posteriormente por alguns «infidentes» que conseguiram voltar ao Brasil, após longo desterro na Africa.

«Um delles — diz Xavier da Veiga — o conselheiro José de Rezende Costa, escreveu em 1839, traduzindo e annotando o trecho do historiador R. Southey sobre a conjuração: «Tiradentes começou a manifestar *seus principios* no governo de Luiz da Cunha Menezes em Minas Geraes, os quaes, sendo-lhes denunciados, elle desprezou, como se declara no Accordam da Alçada, e *proseguiu com vigor* no anno de 1788, principio do governo do visconde de Barbacena, no qual se combinaram o dito Tiradentes e o dr. José Alves Maciel.»

«O padre José da Silva e Oliveira Rolim, tambem «inconfidente», — diz o mesmo Xavier da Veiga — em seu interrogatorio de 14 de Janeiro de 1790, disse ao coronel Alvarenga Peixoto, falando de Joaquim José da Silva Xavier: «Aquelle rapaz é um heroe e não se lhe dá morrer na acção, contanto que ella se faça.»

Outro «inconfidente» — diz ainda o mesmo auctor — o padre Manoel Rodrigues da Costa, que como Rezende Costa e o padre Rolim, regressou ao Brasil após longo e terrível desterro, declarou ao venerando Mineiro conego Joaquim Camillo de Brito, que em 1890 escreveu a respeito em jornal flu-

minense: «Que a alma do movimento da Inconfidência, e quem preparava esse grande commettimento, era o alferes do corpo militar da cavallaria mineira Joaquim José da Silva Xavier, propagandista da idéa na capitania e fóra della; o que no Tiradentes notava, accrescentou o padre Rodrigues da Costa, era a temeridade, que embalde tentou refrear, ponderando-lhe suas perigosas consequencias; ás suas observações respondia sempre com as de plena segurança: «Não ha-de ser nada; Deus está connosco.»

«Ler-se na sentença que condemnou os conspiradores mineiros accentúa por fim o mesmo auctor: — «Mostra-se que entre os chefes e cabeças da conjuração, o primeiro que suscitou as idéas da Republica foi o réo Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha Tiradentes, o qual ha muito tempo que tinha concebido o abominavel intento de conduzir os povos daquella capitania, pela qual se subtrahissem da justa obediencia devida á dita Senhora (D. Maria I)...»

Conhecia esses factos o snr. Assis Cintra? — Devia conhecê-los.

Mas si os conhecia como ousou, sob a palavra de um delactor e de um espia, escrever que Tiradentes era um simples portador de recados dos conjurados mineiros?

Terminando a demonstração dessa sua ultima these; o snr. Assis Cintra pondera doutoralmente: «E seria possivel que numa conspiração de doutores, padres, commandantes de regimentos, proprietarios de minas, coroneis, etc, o chefe fosse um simples alferes, que estivera na cadeia por não poder pagar suas dividas?» (Pag. 133).

E quem eram, no juízo do snr. Assis Cintra, esses grandes homens de quem o Tiradentes era apenas um portador de recados?

O restabelecedor da verdade historica em nossa patria vai todos dizê-lo nestes trechos fulminantes:

«Os conjurados, sem excepção, se acobardaram vergonhosamente, abjurando suas idéas, negan-

do seus actos, bajulando seus carrascos. E destruíram com a sua cobardia a belleza de suas idéas.»

E' isso verdade? Então o que apurei a Historia não é mentira, porque no meio de tantos fracos só uma figura verdadeiramente heroica nos apparece, a do Tiradentes, porque só elle, exculpando todos, chamou a si a grave e fatal responsabilidade do crime que então era, para os brasileiros, o amar a patria e querel-a grande e livre.

Nem foi por outra razão que a terrivel alçada, esquecendo os doutores, os padres, os commandantes de regimentos, proprietarios de minas, coroneis e outros não menos graduados, deu a honra de la cabeça na conjuração ao obscuro alferes Joaquim José da Silva Xavier.

Essa honra devia custar-lhe a vida no mais tremendo dos trucidamentos, e elle acceitou-a com a humilde serenidade que é a característica da verdadeira bravura.

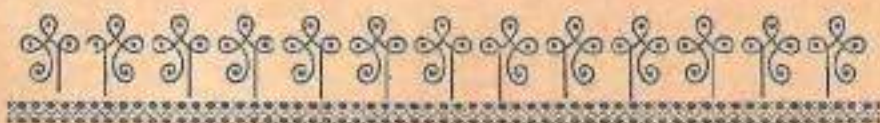
Heroicos até a loucura são os sanctos, e todavia homens não ha mais humildes.

Posso, pois, encerrar esta palestra affirmando que o Brasil esclarecido, que a parte generosa da nação, se commove hoje prestando a mais carinhosa e sincera das homenagens aquelle que por seu martyrio supportado com grandeza de alma, se tornou digno de resumir em seu vulto glorioso todos os precursores da Independencia Brasileira, esses grandes espiritos immortaes que velam pelo engrandecimento de nossa patria.

Honra á memoria do Tiradentes.

21 — 4 — 1925.





Conferencia pronunciada pelo advogado JOÃO ESTEVES DA SILVEIRA na sessão cívica do Instituto Historico, realisada em 24 de Maio de 1925.

Meus caros patriotas:

Gloria. ó gloria, tortura do santo, vaidade do guerreiro, enlevo do genio; gloria, fascinação indefinivel que inmerges a alma em ondas de luz, que és tu, qual tua patria e tua idade?

Fazem cento e dez annos, por uma tarde brumosa, n'um chão empapado de sangue e gemendo tragicamente pelas mil boccas de dantescos moribundos, que se dobrou a pagina final ao mais assombroso drama de glorias militares que a humanidade contemplou cheia de profundos estremecimentos, incerta, pelas proporções do heróe, se tinha deante de si um simples mortal ou um semi-deus, um soldado inaudito ou o proprio Marte—egresso do Olympo.

N'um monticulo, com o queixo apoiado aos copos da espada, cercado de inesquecidas fardas silenciosas, em profunda meditação, o intrepido capitão da ponte de Arcole, o menino austero da Escola Militar de Toulon, assiste esse sangrento pôr de sol, em que as duvidas pelo proprio destino lhe parecem mergulhar a incomparavel es-

trella victoriosa n'um sombrio occaso irremediavel.

O infortunio domestico, a frivolidade de Maria Luiza, toldando-lhe a alma varonil, quebranta o animo do extraordinario soldado, e os seus ajudantes de campo, apercebidos das suas dolorosas abstracções, sentem a rajada da desventura varrendo a planície ensanguentada.

A dor moral do marido desditoso nublou pungentemente a inspiração sempre prompta do guerreiro genial.

Waterloo é uma immensa aza negra velando o sol glorioso de uma vida descommunal.

Precipita-se com a fatalidade atroz dos destinos cortados, o epilogo funesto do drama napoleonico — Grouchy não chega; Blücher avança e Ney, o *bravo dos bravos*, perdida a sua brilhante cavallaria, delira com um resto de espada alçado, roto o fardão immortal, saudando, ainda illudido do revez, o genial curso derrotado.

No incendio do horisonte, o sol morria lançando seus ultimos e grandes raios nostalgicos sobre o memoravel campo cyclopico.

Em dado momento, estertorando nos ultimos arrancos da vida, ergue-se do campo, com um braço pendente, partido por um estilhaço de canhão, um sôldado da guarda imperial; vê Bonaparte, fita-o enteruecido, e, arraucando o inutil braço, que atira ao espaço, grita, em delirante transporte: — «Viva o Imperador, e até a morte!»

Pelo rosto tristonho de Napoleão rolou uma comprida lagrima reconhecida e saudosa, e um amargurado suspiro agitou-lhe o largo peito cheio de amor da França e d'esse desditoso rei de

Napoles tragado pelo castello de Schenbrum na manhã luminosa da existencia.

A gloria, meus senhores, é esta scena que se não descreve senão pallidamente — aquelle braço arrancado ao gesto emocional de um viva e aquella lagrima silenciosa e eloquente, a expressão muda da saudade pelo triumpho, a tristeza da aza que se fecha frustando o largo remigio do infinito, o ultimo adeus visional abraugendo o panorama integral do horisonte, a esmaiecer, a morrer lentamente, na decomposição gradativa da claridade expirante.

A gloria vem da gleba querida onde o proprio soldado obscuro tem d'esses nobres gestos de Spartiate.

Vem d'esse paiz de luz em que o intrepido francez, ao retirar-se do Museu ceroplastico de Grevin, onde a arte caprichosa conseguiu reconstruir toda a existencia torturada do desditoso desterrado de S. Helena, sae mordeendo os beicos de colera patriotica lembrando o seu grande Imperador.

E é no espirito d'esses povos, na recordação d'essa gente que se faz a contagem á idade da gloria, evocando as sombras augustas do passado, a figura apollinea do heróe grego, o perfil eterno do general romano, emulando, na visão retrospectiva d'essas memorias prestigiosas, sem bem saber que melhor escolha, as figuras epicas dos Achilles e dos Scypiões dominando a sorte das batalhas.

Não vem ella, entretanto, nem conta idade entre as nações em que o industrialismo moderno apagou do seu kalendario a ephemeride d'esses

valores moraes, a imagem formosa d'essa flor exotica que perfuma de embriagadores aromas olympicos as necropoles que se illuminam ao sagrado fulgor das memorias immortaes

E, ai de nós!!

Pobre patria, como é escasso em teu coração o amor d'essas recordações, como se amigalha o teu civismo!

Agora mesmo, e contrastando a evocação d'essa Lutecia indomita, um sobrevivente da heroica retirada de Laguna, o venerando General João Antonio da Costa Campos, dirigindo-se ao jornal *O Estado de S. Paulo*, e lamentando, em face do esquecimento em que vive, solitario de Allenas, a propria situação, tem phrases que amargam como esta: — «Disse assim Themistocles: — Bate, mas escuta! — quando Eurybiades levantou-lhe o cajado,

Isto eu peço tambem; lede-me antes de formardes qualquer hypothese.»

E esse velho general, pensador amargurado, chora sobre as suas gloriosas recordações a indifferença da patria que lhe não sabe nem o humilde viver.

Bem haja, portanto, a idéa d'esse Instituto Historico; bem haja a idéa do seu patriotico Presidente com a solemnisção das nossas grandes memorias historicas.

Escola de civismo, rebôe aqui a voz eloquente dos oradores; vibre a lyra sonora dos poetas; edifique a intelligencia esclarecida dos nossos homens de letras o Pantheon glorificador que a irrequietação frivola da politica nacional relegou para os dominios do esquecimento.

Ozorio, grande soldado immorredoiro, é a tua vez; é o teu dia, e a mais desvaliosa palavra é que, aqui, vem cantar a saudade brasileira pelo leão impetuoso e magnanimo de Tuiuti.

Nem ao menos sou um tecnico a memorar, na expressão distante pelo tempo e pelo espaço, a grande planicie entre Estero Bellaco e Estero Rojas, esse simile d'aquella outra planicie da Belgica onde se absteo o genio propheticico das batalhas.

São cinco kilometros de humida planicie raza, em lama branca, sobre a qual cincoenta e sete mil homens, vão jogar, com o preço da vida, o destino de varias nações, e onde Lopez, como fera acuada, de bravura formidavel, teve a sua trajetoria — de raio, o seu *faire la brèche*, cortada brillantemente pela esquerda de Ozorio.

Não me propouho tratar em minucias o feito de Tuiuti, e sim atirar um punhado de flores sobre a memoria do Marquez do Herval, o vingador da honra da nação, e dos seus companheiros.

O foguete á Congréve com que, no acampamento paraguaio, partindo de Rojas, dava Lopez o signal de batalha, encontra no ar, no ambiente retinuindo a voz alegre dos charros e os gritos de amor á gleba natal, a voz potente dos canhões de Cunha Mattos, do primeiro regimento de artilharia montada.

Assim, pelas onze e meia horas do dia 24 de Maio de 1866, começa o estupendo combate de Tuiuti.

Os criticos militares, estudando nos documentos d'essa guerra e no territorio de Solano, o bravo ditador feroz, a celebre batalha, con-

eluem que o tremendo duello dos varios exercitos em campo de acção foi a luta dos imprevistos, n'ella realisando-se o que Napoleão aconselhava cõmo um dos melhores coefficients do exito—o plano estrategico desdobrando-se na propria marcha dos acontecimentos — o que, aliás, custou, algumas vezes, ao grande inimigo de Pauli a inutilisação de alguns triumphos.

O genial homem de guerra *sabia vencer mas não sabia aproveitar-se da victoria*, na phrase feliz de um dos seus commentadores.

N'essa pugna brilhante o maior agente foi a bravura humana multiplicada pelos milhares de homens de todos os exercitos postos inopinadamente em frente uns dos outros, á margem dos planos preconcebidos.

O bravo dictador do Paraguay, entre varias resoluções, assentara de tomar a offensiva, abrindo brecha nos exercitos alliados, que o iam atacar n'esses campos de *lama branca*.

Os exercitos alliados pretendiam um reconhecimento, e assim iniciaram a sua conducta.

Como em Waterloo, o factor *tempo* modificou, de parte a parte, a concepção da batallia, de modo a que o imprevisto precipitou os acontecimentos.

A lição fulminante, apprendida no tropel dos incidentes bellicos, ia sendo immediatamente effectivada, levando cada soldado no coração o juramento de morrer pela sua patria, so baixando o fuzil com a cessação da vida ou para saudar a sua bandeira victoriosa.

E cada soldado era um reflexo dos seus generaes, de Mallet, de Argollo, de Flores, Menna

Barreto, Victorino Monteiro e outros cabos de guerra, todos dignos de uma Iliada, e que constituiram o celebre *centro*, isto é, o formidável fosso cavado em frente á toda a linha do exercito, onde precipita-se a cavallaria de Lopez, um esquadrão após outro, como a cavallaria de Ney no desfiladeiro de Valmont, em Waterloo.

Mallet, commandando o primeiro regimento de artilharia, tendo á sua direita Mitre, no centro Flores e Ozorio á esquerda, estabelece, tudo sob a inspiração de Ozorio, aquelle medonho canhoneio que o general Andréa, como nos informa Moreira Guimarães, chamou de *chuva de metralha e granada*.

E citam as cotas á margem da historia d'essa guerra que esse leão de valentia que foi o Marquez de Herval, quando inteirado do numero de mortos no campo de Tuiati, tivera a seguinte nobilissima exclamação:—

« Fiquei envergonhado quando soube da grande quantidade de mortos do inimigo no campo de batalha de 24 de Maio ».

Magnanimidade dos verdadeiros bravos.

Ao impeto das forças do *El Supremo* oppõe Ozorio, de logo, Argollo e Sampaio, com os seus magnificos regimentos, o 1.º e 3.º, não o fazendo com todos as forças sob seu commando porque era a hora do rancho, e os batalhões faziam a sua refeição.

Foi n'este momento que um recruta, tendo apanhado 3 granadas que suppunha detonadas, fez uma tremepe, e cosinhava sobre essa o seu feijão quando, estilhaçando as mesmas sob a pressão do calor, foi elle atirado longe, n'uma nu-

vem de pó, e, ao lamentarem-n'o os seus companheiros, ouviram-n'o perguntar: « Reparem si derramou meu feijão ».

Com uma phrase e por um lance semelhante de profunda tranquillidade, immortalisou se Junot.

Fulminantemente atacado quando ainda entrava em ordem de batalha, muito soffrêo a divisão do General Sampaio, que, ferido de morte na luta, veio a fallecer em viagem para Buenos Ayres.

N'esse tremendo duello dos varios exercitos em acção, em nobres combates heroicos, ao fulgor de um limpido dia luminoso, a morte fez a sua triste rasoira, ficando na ensanguentada *lama branca*, do nosso lado, entre brasileiros, 400 homens, e do lado paraguaio 6 mil homens.

Já n'aquella epocha, um general brasileiro tinha a verdadeira concepção do direito humano á vida, reconhecendo a barbaridade da guerra; já n'aquella epocha, para honra dos nossos sentimentos, um soldado leonino, valente e magnanimo, compungia-se da sorte do adversario, desejando a lança de Achilles, que tinha a virtude de curar as mesmas feridas por ella feitas.

Ozorio, gloria ao teu gladio generoso, honra de uma civilisação que olha a guerra como uma dolorosa necessidade que a cultura universal procura obviar.

São essas as linhas geraes da batalha de 24 de Maio lembrada agora por quem não é um tecnico.

A arte da guerra chamou ao gigantesco choque de Tuñuti uma batalha, e a primeira que se ferio na America do Sul, cabendo a um general

do nosso exercito, Luiz Ozorio, a gloria de dirigit-a.

Os technicos d'essa arte cruel dão a esse vocabulo especial significado, que se não confunde com a palavra — combate, e outras mais da economia verbal da guerra.

Não sei entrar no descrime d'esses termos guerreiros, e comprehendendo a gloria militar como o cantor dos *Dias e Noutes* disse comprehendere a musica, para apreciar a qual o seu doutor era o seu entusiasmo.

No tocante á gloria das armas só a comprehendendo pelo prisma das minhas emoções, á vibração dos meus nervos, com a ethica porventura ingenua de um profano, que se deslumbra ao espectaculo d'esses gestos tragicos de belleza horrivel.

Inimigo visceral da guerra, dedicado de espirito e coração á esthetica deliciosa do bem, vendo no amor e na caridade os mais divinos signos da alma, claridades de paraíso sulcando de ventura os rapidos instantes de tregoa na luta pela vida, a minha propria organização humana, de fragil e imperfeita, não pode ser imbelles, com a virtude extrahumana do santo, humilde mesmo no soffrimento e na injuria, perdão e bondade no proprio espinho que o punge, silencio e resignação no Calvario que o martyrisa.

Eu não sei explicar este paradoxo singularissimo que me faz ter horror á guerra e, simultaneamente, enternecer-me de sagrado jubilo resurgido pela memoria, n'um enorme clarão de epopéa, a figura lacedemonea d'esse fulgurante gaú-

cho, coberto de lama e pó, empinado nos estribos do feroso corcel, brandindo a invicta espada, gritando, n'um delirio de enthusiasmo, para a soldadesca em marcha: — Adeante, camaradas, e viva o Brasil!

Ha nos reconditos da nossa psychologia problemas irresolutos que nos fazem pensar no mysterio da alma, e por vezes, brilha nos actos humanos um tal lampejo, tão intensa luz, que presentimos o divino plasmando em nós a sua suprema belleza.

O *quid obscurum* irrompe em tão brilhante projecção que se sente a aproximação de ignoto poder guiando a creatura.

A meu ver, de todos os povos da terra, aquelle que mais sentio a visinhança miraculosa das forças occultas foi o grego, gente privilegiada pelo seu genial symbolismo, que, no grupo plastico de Pallas Athenéa, gerou a mais bella concepção das energias uteis e fecundas conjugando a paz com a guerra, o gladio com o ramo d'oliveira.

Só essa gente, com a sua incomparavel sensibilidade artistica, alcançou talhar na materia bruta o surto ideal das mais livres abstracções, corporificando na sua estupenda estatuarria a mais subtil idealidade, o traço virtual do pensamento.

E foi o sulco profundo do seu sadio amor proprio, a inspiração do seu equilibrado egotismo, justos fundamentos do civismo nacional e ancora maravilhosa do character popular, que produziram essa suprema ascensão da sua arte immortal até ás mais audazes crystallizações.

O leão de Tuiuti fôra digno d'essa opulenta

imaginação, d'essa inimitavel arte hellenica, cheia de peregrinas revelações, capaz de apanhar, na corrente dos sentimentos, o sopro divino com que Deus, nos primordios do mundo, na aurora deslumbrante da consciencia, no crepusculo matinal da alma, animou a argilla inerte e fria do primeiro homem solitario a suspirar tristezas n'um paraizo sem amor.

Bem merecera o cinzel divino d'esses Phidias a galante bravura d'esse Achilles' sem Iliada sim, sem Iliada porque mais vale á nossa poesia cantar, em quente voluptia, o alvo collo desnudo de uma Marilia do que, na gravidade de um verso epico, fazer a resurreição patriotica de um grande nome nacional.

Perdoae-me, senhores, si algum travo flue das minhas expressões, porque essas brotam, infelizmente, n'um momento amargo em que o sentimento collectivo da nação tem o triste preço do pó que o peregrino da cidade santa sacode das sandalias antes de penetrar o solo sagrado—Valham as minhas palavras, n'um recanto modestissimo do paiz, como um brado, entre os que, aqui, alli, acolá, a alma sensivel do Brasil vae chamando contra o atroz mercantilismo que nos fez mais cruéis do que o Shylok do Mercador de Veneza.

E

Meus Senhores :

Eu comecei a minha conferencia por trez typos do heróe: — o santo, o guerreiro e o genio. — Trez grandes virtudes tripartindo na

existencia com a mesma fé no seu destino, a mesma coragem na jornada, seguindo, entretanto, por differentes estradas.

O santo é renuncia, a gloria a tortura; o genio é meditação, a gloria o enleva; o guerreiro é ruído e clarão, a gloria o envaída.

No santo a gloria é uma lagrima; no genio é um olhar para o infinito; no guerreiro é um sorriso para a morte.

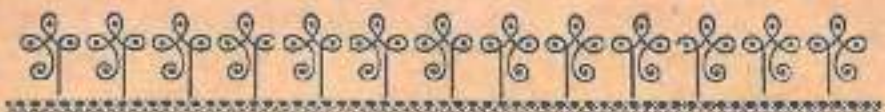
Na partilha da sorte coube ao bravo Ozorio esse quinhão de fascínio, e foi coberto de loiros, entregue a patria o coração, que elle entrou sorrindo os dominios da immortalidade.

Honremos a sua memoria.

Que nunca morra o leão de Tuiuti!

J. Esteves.





Do folk-lore sergipano e aspectos ethno-psychologicos de suas lendas

*Conferencia realizada pelo dr. Prado Sampaio, no salão do Instituto, em a noite de 23 de Abril de 1916.

Exmo. Sr. general presidente do Estado.

Meus senhores.

Ao occupar pela segunda vez a tribuna das conferencias publicas do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, eu sinto que se me desprende da gamma das emoções a nota que me vem empolgando o coração e o espirito desde os quinze annos meus, num ininterrupto crescendo de amor e de enthusiasmo por tudo que se refere ao estudo do solo sergipense e do povo que nelle fez o seu *habitat*.

E eis por que, dentre diversos assumptos que me vieram á mente, como motivos para a minha conferencia de hoje, alguns alias de palpitante actualidade, segundo a phrase consagrada, eu me decidi, sem hesitações, pelo seguinte objectivo:

*Do *folk-lore* sergipano e aspectos ethno-psychologicos de suas lendas.

Ao avental-o e desenvolvê-lo, porem, julgo-me, senhores, credor das vossas maximas indulgencias, não só pelo inexplorado do thema, como pelo ericão das difficuldades que ora o leval-o a effeito se me antolha.

Baste lembrar que o maior «folk-lorista» patrio, o grande auctor da «Historia da Litteratura Brasileira,» não dispensou ao estudo das nossas lendas a attenção que a materia reclama em prol do bom conhecimento da psychologia nacional.

Apenas Mello Moraes e Pereira da Costa della se occuparam, mas o primeiro, tratando-a como objecto de puro entretenimento, em estylo descriptivo, e o segundo, não conseguindo haurir do rico filão toda a riqueza auferivel á luz dum melhor criterio scientifico consoante a moderna theoria do *folk-lore*, que é o que se denomina por *folk-lorismo*.

Porque, em verdade, espiritos superiores, concatenando tradições, factos e superstições de todo genero, que outr'ora jaziam despercebidas, constataam no momento, em o bello conjuncto de suas revelações, traços espirituaes que veem definir e individuar, diferenciando, atravez das successiyas transformações da evolução humana, os varios agrupamentos ethno-psychologicos no referente ao *processus* de sua ontogenese *paripassu* á philogenese dos povos cultos.

E' dêsse descortinar que se vem enfileirando aos poucos, e se revigora, dia a dia, a doutrina do *folk-lore* ou o *folk-lorismo* como disciplina litero-scientifica, assente sobre o plasma de credices, de observações e generalisações de toda especie, que nos legaram povos ou raças desaparecidas, mas não de todo olvidadas, desde que, ao explodir das emoções de hoje, vemol-as emergirem, de subito, do fundo espiritual das multidões hodiernas, onde, de resto, descançam latentes; por quanto no dominio do inconsciente, segundo affirma Nordau, as superstições e as crenças obedecem a uma lei de herança, e se apresentam como a memoria da especie.

E é assim que, com o auxilio desses documentos, o pensamento moderno julga poder, na phase actual, reconstruir, ao longo da tormentosa peregrinação da humanidade sobre o Planeta, o *feri* do seu desenvolvimento intellectual e sentimental até hoje; a partir do periodo em que os conhecimentos se não haviam ainda desprendido do seu *synchronismo* pri-

mêvo, e se nos apresentam num todo amorfo e indistincto.

Entanto, releva confessar que differentes são os valores que mesmo modernamente se attribuem às pesquisas do assumpto, havendo quem não descubra no estudo do *folk-lore* mais do que um simples entretenimento do espirito.

Tobias Barretto, por exemplo, esse, foi quem entre nós mais de frente se insurgiu contra o gosto e o cultivo da poesia popular, não encontrado nas produções poeticas do povo interesse esthetic, psychologico ou historico, e só lhes comprehendendo o valor como materia assimilavel às formas e conceitos da poesia culta, por intermedio de espiritos privilegiados.

Sylvio Romero, porem, combateu desde então esse modo de ver.

Como se não descobrir *interesse esthetic* em inspirações do povo que vão servir para realçar as produções de um Goethe ou de um Heine?

Como se negar *interesse psychologico nacional* às creações espontaneas do genio popular, onde se encontram documentos como os Védas, os Nibelungen? Como se não encontrar *interesse historico* nesses documentos de raças desapparecidas quando, nos dias de agora, as populações incultas repetem ainda as lendas e as canções que uma longa tradição lhes deixou?

Taes as interrogações feitas pelo grande scienista e critico brasileiro em favor dos estudos do *folk-lore*, onde julgou encontrar o mais flagrante documento paleontologico do pensamento humano.

E' verdade, bem o sabemos nós, que o brasileiro, como typo anthropologicamente definido não existe, sendo que, através de nossa evolução de quatro seculos, os elementos etiologicos do nosso povo se não resumiram nem se unificaram.

Como contestar, porem, que o genuino brasileiro de hoje não seja, como geralmente se apresenta, um resultado de cada um dos tres factores principaes em separado, ou de dois ou de tres ao mesmo tempo?

Mesmo levando em consideração o não possuírmos ainda hoje unidade ethnico-psychologica, e que os tres factores iniciaes, em se desdobrando, tsem gerado igual numero de sub-formações, quero crer que, sob o ponto de vista biologico, haja no brasileiro actual uma natureza mais plastica do que a das raças de onde proveiu, natureza mais facil em receber as impressões de um meio que se renova pelos progressos da vida social, e mais propria a crear idéas e a manifestar sentimentos de uma forma particular. (*)

De certo que, como facto resultante de differenciação e integração realizadas sob o dominio da civilização de um só dos concurrentes primordiaes, o brasileiro só reflecte com exactidão os dados fornecidos pela gente portugueza, deixando quasi obliterados os que lhe vieram da origem autochthonica ou da africana.

Reconhecendo-o, escreveu o analysta d'«A poesia popular no Brasil»: «O factor portuguez, asseverou elle, peza-lhe com mais força por meio de sua civilização, sua lingua, sua religião e suas leis.»

E, para comproval-o, igualmente nota João Ribeiro, sob o ponto de vista philologico, que a tendencia aniquiladora do elemento tupy e africano se deve juntar a reacção culta e literaria, que procura approximar a linguagem das fontes vernaculas e classicas.

Entretanto, iniciando pelo estudo da poesia popular o estudo do *folk-lore* brasileiro, Sylvio Romero observou que, ao lado de peças antigas, ainda hoje cantadas em nossas festas do Natal e Reis, como a Nau Catharineta, de origem portugueza e que dá idéa de um povo navegador, ouvem-se ainda verdadeiros cantos que nos definem e individualizam, cantos que trahem verdadeiro interesse, não só sob o ponto de vista esthetico, mas tambem sob o ponto de vista historico e psychologico nacional.

(*) A minha phantazia é o resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. Coelho Netto. Em «O Momento Litterario.»

E deste modo para o laureado *folk-lorista* patrio, o factor estavel, aquelle que mais poderosamente vai produzindo a differenciação e a integração do typo brasileiro atravez do nosso desenvolvimento, é o elemento ethnico, doutrinando que as condições climatericas, que foram agentes poderosos nas civilizações autochthonicas, passaram a occupar um plano secundario senão inferior.

O estudo, pois, do meio physico, de par com as crenças e folguêdos do povo que nelle habita, pode ser apto a fornecer o resultado de sua propria vocação artistica, isto é, o seu ponto de vista esthetico, mas por si só quasi nenhum interesse poderá despertar sob o ponto de vista psychologico nacional, que é a questão precípua a resolver em face do *processus* da literatura brasileira.

Porque, bem como no mundo biologico, o total é representado pela somma da acção indirecta do meio e da directa do aggregado, no mundo intellectual o influxo directo do elemento ethnico e o indirecto do meio nos poderão dar o total das parcellas componentes das diversas civilizações historicas.

Comprehendendo então que o *folk-lore* vem a ser dest'arte a revelação mais nitida do character de um povo, o critico brasileiro não desdenhou em colleccionar os « Cantos e Contos Populares do Brazil », estabelecendo que, em nosso meio, como em outro qualquer, estudar semelhantes manifestações é escavar raizes anthropologicas, differenciar grupos ethnicos, nortear tendencias e aspirações collectivas, e, finalmente, pôr a descoberto o humus donde nos vem a seiva que alimenta e faz refflorir de illusões e phantasias a alma contemporanea, doirada pelo sol da civilização moderna.

Em Sergipe, já o notamos algures, mais do que em outros pontos varios do paiz, graças ás excellentes condições physicas, hoje um tanto modificadas, e, principalmente, devido ás condições geographicas, como scenario das lutas que então se feriam entre os naturaes, os colonizadores e os estrangeiros, cêdo, bem cêdo se revelou portentosa a vocação artistica

e espiritual do seu povo nas composições poeticas do *folk-lore*, como nós attestam os cantos, os contos e as novellas que delle possuimos.

E, então, é de ver que danças e folguedos, cantos e contos, lendas e crendices, surgem, estructurando-se como exemplares de differenciação ethnica no nosso fusionamento de quatro seculos, não obstante a apposição de brancos, aborigenes e negros puros ser ainda phenomeno apreciavel no tocante á mestiçagem de nossas crenças e tradições, algumas ainda existentes, se bem que raras, de procedencias diversas extremos de qualquer amalgamento.

Sobre esse facto com seus conseqüencias, já me manifestei na « Literatura Sergipana » ao tratar dos aspectos ethno-psychologicos do nosso povo.

Mas o que allí se não fez, mesmo sobre o leve, foi alludir ao interessante das nossas lendas propriamente ditas, as quaes, aqui como allí e por toda parte, importam um repositorio de ficções creadas pela imaginação popular, nas suas aneias de luz e de verdade, ao natural impulso de procurar a explicação do Universo, com os seus encantos e monstruosidades, as suas maravilhas e os seus mysterios.

No entanto, penso eu que um estudo, mesmo superficial, das lendas sergipanas, viria de molde a comprovar que, no combate pela existencia, nós somos um producto complexo de herança, pois incontestavelmente logo em principio começamos a aceitar os progressos realisados pela evolução espiritual e politica da Nação, e a affagar os ideaes da civilização patria; e, igualmente, a comprovar que, devido á nossa protoplasmia ethnico-collectiva, de onde se parte o filão que logo nos particularisa, constituim-nos, logo após a nossa aurora social, um producto de complexa differenciação.

E' sabido, senhores, que, em regra, bem como os mythos, que não raro as enfloram, as lendas, talvez menos conspurcadas do que a propria historia, são o que de melhor reflectem, através dos seculos, os differentes aspectos da alma humana; e que, consoante á sua concepção, ellas se distinguem em theo-

gonicas, kosmogonicas, etiologicas e ethicas, referindo-se as theogonicas á origem e á historia dos deuses; as kosmogonicas aos mythos da creação do mundo; as etiologicas á gènesese dos seres e das cousas, e as ethicas ou moraes á explicação do Bem e do Mal.

Uma cousa se faz preciso pôr desde logo em relevo, e vem a ser que — no genero não se nos depara um material apto a ser colleccionado, mais ou menos fielmente, como no dominio dos versos e dos contos populares.

No particular ás lendas, o material é mais fluctuante, pois a forma que as reveste se apresenta como producto assás sensível ás cambiantes da imaginação.

Entanto, nem por isso menos encantador e emocionante elle se nos offerece ao longo da evolução humana, porquanto no fundo, isto é, quanto ao sentimento que desperta e a idéa que symbolisa, a lenda invariavelmente é sempre a mesma por toda parte.

Documente o asserto o mytho de Prometheo ou as lendas encantadoras de Psyché, do Fausto e do D. João.

Poeticas, philosophicas, religiosas ou heroicas, ellas são o symbolo, e o symbolo, na bella e profunda expressão de um estheta moderno, é a flor de um fructo que ainda tarda e está longe; porem que, em quanto não amadurece, perfuma.

Assim, pois, constituem as lendas um capitulo especial da litteratura oral dos povos; guardam os factos principaes que se lhes deparam, sem que se prestem no entanto a ser colligidas com a precisão das canções lyricas e alguns contos populares, que a tradição conserva quasi uniformes.

Mas, desta arte entrevisto, o methodo que de certo o seu estudo requer deve de ser o descriptivo, acompanhado da analyse e da critica.

O que eu entendo, senhores, por lendas sergipanas são productos do genero transformados ás influencias do nosso meio physico, moral, intellectual ou social propriamente dito.

Na pequena recolta que se ha feito até hoje, não se concerram documentos de lendas theogonicas e kosmicas.

Os exemplares que possuimos são todos de natureza etiologica e moral, se bem que não raro nelles se contenham notas primévas, que ora dizem respeito á acção dos deuses, ora á creação do mundo.

Não nos são de todo desconhecidos os mythos da vida *alem tumulo*, sendo porem tempo de fazer sentir que, nos documentos colhidos pela tradição, nullo se manifesta o influxo, porventura, existente da raça africana.

As nossas lendas são um producto de idéas e sentimentos luzos e indigenas, o que prova que o facto da mestiçagem, menos que uma inferioridade, se apresenta como uma condição de integração nacional.

Documente esta nossa affirmativa a lenda do *Diluvio* que já tive occasião de aproveitar sob a forma de conto, do qual agora lembrarei o seguinte excerpto :

Eil-o :

Entreabrindo a porta ataramelada e, rapido, fechando-a, fustigado por grossos chuviscos, retomando após a attitude indolente que lhe era habitual, o velho continuou o fallar sobre o diluvio, o diluvio cuja historia conhecia contada por seus maiores á clari-
dade dos brasidos das longas noitadas de inverno e por elle nitidamente recolhida e conservada num recanto do seu cerebro estreito e bem no fundo do seu coração de simples.

Quando outr'ora, disse-me elle, viviam espalhados por *estes mundos* os primeiros indigenas cujos descendentes formaram mais tarde a aldeia de *Ara-rapé*, diversas eram as tribus dos villarejos, reinando entre ellas a maior desordem, aggressões de todo genero, roubos de amantes, de filhas e de irmãs.

Creescendo a corrupção entre os homens, todavia um conservou-se bom, razão por que declararam-lhe guerra, mas guerra de exterminio, os chefes das aldeias visinhas.

Então, de um combate desesperado, esse ancião, quasi a deixar-se vencer, tomando de um dardo enorme deu com elle em terra e fez com que se abrissem as fontes e se apagassem todos os fogos.

Com os da familia, o velho construiu um mocambo de folhas resinosas e impermeaveis.

Abrigados, assim, defenderam-se da inundaçào.

As aguas cresceram, e após esse diluvio, que alagou os campos, empanturrou os rios e cobriu as montanhas onde em busca de abrigo os maus reunidos pereceram, os sobreviventes começaram as gerações que são muito longas e infimdas de contar.

(Fora esta a lenda, mais ou menos, encontrada por Ignacio de Toloza, nas missões do padre Gaspar de Lemos, em Sergipe).

No fundo uma simples variante do diluvio, como tantas outras, encantadoras e poeticas, mas todas igualmente verdadeiras ou falsas perante a sciencia.

Assinalado, todavia, como traços communs, a desunião e a velha historia da humanidade corrupta...

A lenda da serra de Itabaiana, ponto central do nosso systema orographico, é uma das mais bellas e completas que possuímos.

Della se deriva a poetica origem do rio Cotinguiba.

Concerrei-a algures nas seguintes quadras de producção juvenil :

Da taba um dia na frescura intensa
O indio scismava e na amplidão distante
Se arqueia bella, vaporosa e immensa,
A virgem natureza inebriante.

E disse ao raio vindo arremessado :
— Meu peito é rijo e indomita a bravura,
Hei de vencer! E louco e revoltado
O seu braço potente ergueu na altura.

Travou-se a lucta e as forças collossaes
Dos rijos elementos portentosos,

Se estorcem na amplidão, descommunaes
Sobre escuros abysmos pavorosos.

Em ribombos irrompem dos espaços,
Dos seios da tormenta em convulsão,
Relampagos e enormes estilhaços
Que descem flammulentos da amplidão.

E do caboclo altivo o braço ousado,
Quão grande o seu rancor e desvario,
Impassivel ao ceo apostrophado,
Ao ceo de luz e treva e fundo e frio,

Paira — na lenda — erguido sobre o mundo
Até que um raio, vingativo e forte,
Fundo cavou no peito moribundo
U rude golpe de terrivel morte.

Então... os grandes membros congelados
Do gigante vencido — eil-os da terra
Erguidos para o ar, petrificados,
Em blocos collossaes de enorme serra!

Das feridas o sangue borbulhante
Longe espadana em fundos espiraes,
Por onde e desde então corre incessante
O Cotinguiba sobre os vendavaes!

Serra altaneira, collossal portento
De força e de valor, de ira sombria,
E's lúgubre legenda de um tormento
Petrificado aos ceos, á luz do dia!

Ao extraordinario influxo da corrente explora-
dora de minas, cabendo a Belchior Dias o mais im-
portante papel no momento, surgiu a lenda das
minas de prata, que é incontestavelmente sergi-
pana.

E não é a unica que devemos exclusivamente
á imaginação do nosso povo quanto á materia que a
constitue.

Identica se nos apresenta a do Rio das Pedras,
que tentei recolher nas seguintes estrophes:

Em jazidas de mármore côr de rosa,
Na frescura das selvas verdejantes,
Por leitos de topazios e brilhantes
Corre a lympha cantante e suspirosa.

Quer caia a noite e quer desponte o dia
A' frescura da tarde e ao sol poente,
Nunca descança a soluçar tremente
Na secular e infinda romaria...

Que magoas fundas o seu peito encerra
Tranzidas de afflicções e de amarguras,
Magoas a que não se acha pela terra
Um lenitivo á dôr das desventuras?!

.....
Eu bem sei a tua historia
Como a fez a phantazia
Em crepitante ardentia
De sonhos, de amor e gloria...

De riqueza fabulosa
E' todo esse teu estuario,
Onde em arrulo amorosa
Tu segues o teu fadario.

E as escondidas riquezas
Dos thesoiros ideaes,
Das encantadas princesas,
E das fadas immortaes,

Levadas nas aguas cerulas
Nunca roubadas seráo,
Pois não são aguas... são perolas,
Que deslizando se vão.

*
**

Miaba tem outra natureza; é, mais phantastica

e amorosa. Ambas nasceram do mesmo influxo luzitano, porem são productos de momentos diferentes.

Eil-a, nas despretenciosas quadras em que a tracei :

A' luz do sol innundante
Num diluvio pelo val,
Se eleva alem scintillante
A estrutura collossal,

Da Miaba encantadora,
De thesoiros ideaes :
Onde vaga scismadora
A fada dos pedregaes !

E dizem que a lua cheia,
Da noite na calmaria,
Sua voz alli se alteia
Repassada de harmonia !

O viandante que transita,
Pela estrada temeroso,
Ouve uma nenia exquisita
Do fundo mysterioso !

E diz e jura que a serra,
Onde a deusa terna habita,
Tem thesoiros que na terra
Ninguem os tem por desdita,

Na furna que alli existe
De agua pura e crystallina
Tambem a crença persiste
De riqueza que fascina,

E' á banheira encantada
Da fada daquelle monte,
Irmã da loira alvorada,
Noiva da luz do horizonte...

Quando, á manhã suspirosa
 O sol a tenta com um beijo,
 Ella se occulta raivosa
 Na gruta... e foge ao desejo !

Mas a crença, esse perfume
 De encantadores mysterios,
 Que n'alma o sonho resume
 Em mysticismos siderios,

Diz que, se um dia a ventura
 De caminheiro perdido
 Pelas selvas na espessura,
 Em vez de canto — um gemido

Ouvir seus vagos temores,
 E na encantada banheira
 Lavar os velhos amores
 De sua existencia inteira...

Em seus braços reclinada,
 Com a face para o horizonte,
 Sentirá n'alma abrazada
 A deusa daquelle monte...

E sorverá com a doçura
 Do seu beijo casto e amado,
 Todo esse encanto e ventura
 Dessa visão do passado !

*
 + *

Taes são, em linhas geraes, as lendas sergipanas que eu pude colher dignas deste nome. Como se vê, não possuímos um só mytho theogonico ou kosmico.

Nem mesmo sequer a tradição oral guarda entre nós um fragmento do bellissimo mytho *tapy*, que Couto de Magalhães colligiu sob a denominação de — *Como a noite appareceu*.

Qual a razão, Senhores?

Provavelmente algum falseamento na evolução integral do elemento indígena que aqui vivia, e interferencia mesmo de causas extranhas. O mysterio, que cria raizes no fundo da ignorancia, tem, a seu talante, emprestado a certos aspectos naturaes um elemento de lendas e credices. E são tantas as cousas e os factos do genero entre nós, que Sergipe inteiro se envolve num manto de poeticas phantazias. Aqui é o *poço encantado* do Vaza-Barris; alli, o *poço azul*; acolá, o *beço do pau*; além, o *valle do medo*; e, ainda além, a *pedra furada*.

Nem todos os mysterios que esses logares evocam podem valer por lendas, mas todos de certo concerram documentos de lendas, interessantes manifestações da imaginação popular, as quaes nos pertencem como productos de adaptação ou força creadora.

Senhores: Eu creiu, sinceramente creiu, que o regimen mental de uma raça só dêva ser com segurança apprehendido pelo conjuncto de suas crenças, de suas volições e de suas idéas.

E' pelo estudo dos nossos contos e da nossa poesia popular que se ha de comprehender com clareza o phenomeno que se vem operando em nosso meio, e que se caracteriza pela differenciação e integração ethnica, moraes e intellectuaes do typo sergipano, no seio da federação patria. E' nos cantos e contos anonymos, recolhidos e conservados com a tradição oral que nos os legou, que auscultamos o estuar da alma sergipana a emover-se empolgando o coração orvalhado de um scepticismo que não desespera, que não blasphema, que antes resalta e resuscita a lagrima que nelle se grava.

E' delles, e por elles effectivamente inspirada, que se parte a encantadora poesia dos nossos trovadores das selvas, bardos incultos, mas idolatras do bello e do amor, a moldurar as scenas mais pittorescas e deslumbrantes da vida campezina, de róridas auroras de ineffaveis venturas ou de poentes evocadores de fundas saudades; alvorada e pôr de sôl que se *kodakísam* nos «Dias e Noites», de Tobias Barretto, nos versos de Gomes de Souza, de José Maria, de

Bittencourt Sampaio, de Elziario Pinto, de Severiano Cardoso, de Manoel dos Passos, de Nobre de Lacerda, de João Ribeiro; poesia que é toda uma suggestiva pagina do lyrismo universal, ante a qual o coração se nos confrange e a lagrima, não raro, nos mareja os olhos, e que á nossa alma segreda no delicioso pessimismo de Leopardi:

« Due cose belle há il mondo.
Amore e morte ».

Mas, o que de inconteste, senhores, se me afigura no assumpto, é que tão somente pelo estudo da genesis das nossas lendas nos seja possível descobrir a *protoplasmia ethnico-espiritual* do povo sergipano ao longo do seu periodo de formação, fazendo emergir do passado á luz da historia a razão de ser do nosso culto pela investigação dos phenomenos da vida collectiva, a nossa intuição da vida universal, em uma palavra, senhorès, o nosso espirito, a nossa crença e os nossos ideaes.

Porque é nellas, por certo, que se resume toda a historia da nossa sub raça no que diz respeito ás nossas crenças e tradições, algumas ainda existentes de procedencias diversas, extremes de qualquer mescla, repito.

Demais, senhores, o Brasil surgiu, como o sabeis, no periodo em que a historia da literatura dos povos occidentaes atravessava a phase do Renascimento, que é a da imitação da antiguidade.

As duas epochas preexistentes, em que se pôde seccionar, num sentido lato, a historia antiga da literatura occidental, essas lhe faltaram por completo. Foram-lhe anteriores a era do polytheismo pagão, comprehendendo a civilização greco-romana, a era medieval, periodo de *sinosis*, na qual, sobre a dissolução do elemento antigo, teve logar a integração do monotheismo catholico.

Mas, felismente, o Brasil surgiu no seculo dos grandes descobrimentos, no tempo de Erasmo, de Luthero, de Miguel Angelo e de Camões.

Com os descobridores nos vieram os primeiros romances, cantos e canções de origem portugueza, e por meio d'elles os primeiros lineamentos de tradições fluctuantes e indecisas, as quaes, remontando ao mais alto passado, não raro, nos levam o espirito á phase creadora dos mundos e das religiões. E eis porque só pelo estudo das lendas podemos encontrar a nossa integração no seio da humanidade, consoante as pequenas modificações de aspecto, que o tempo imprime ás cousas do Planêta, obtendo as seguranças da nossa immortalidade como parcella que somos da psychologia brasileira, indestructivamente presa a esta hora á velha emotividade humana, a qual, através do tempo e do espaço, vem creando as Epopéas e os Evangelhos do sonho e do amor!

E eis, porque, finalmente, ao terminar, eu te saúdo, ó alma simples e bôa de minha terra natal, que tão bella e grandiosa te revêlas em tuas producções o quanto te admira o meu espirito a percrutar o intimo de tua dôr em teus fragmentados cantares, bellos e magestosos cantares que são poemas — onde ha almas que se abrem como flôres e papoulas que desabrocham como auroras, e aves que reflectem ao sol o doirado das azas espalmadas debaixo de um ceu infinito e calmo! E' que eu te vejo neste momento, ó alma sergipana, pela imaginação e pelo affecto, a gloriosa evocadôra das cousas que não morrem no fundo do espirito humano, a sempiterna creadora de Deuses e de Heróes!



Do Campo de uma Batalha

Deve merecer particular attenção a victoria, que denominarei decisiva, da conquista de Sergipe.

Já discorrem trezentos e trinta e seis annos do feito colonial que teve por scena uma planura um tanto safara, em a noite de primeiro de Janeiro de 1590. Chronistas e historiadores não precisam o local da terrivel lucta na qual mediram-se com valor e audacia os aventureiros de Christovam de Barros e os valentes filhos das selvas sergipenses obstinados em não cederem a extrangeiros a terra de seus antepassados.

Descreve-o com brevidade Fr. Vicente do Salvador, no capitulo XX de sua Historia do Brasil, sem indicação do sitio cujo nome cala. O Visconde de Porto Seguro pouco mais acrescenta, pois escreve que «passou este chefe (o Boypeba) a postar-se com toda sua gente, que se calculou chegar a uns vinte mil frecheiros, na Varzea do Vaza-barris, perto do littoral e nhi se fortificou em tres cercas ou tranqueiras que se prestavam á mutua defeza»; tambem não localisa o prelio com exactidão.

Que nome tinha essa *Varzea do Vasabarris, perto do littoral*? De certo não seria um nome portuguez, visto que os conquistadores pela primeira vez pisavari terras da região. Só um vocabulo indigena a designaria. Corroidos documentos restantes colhidos no poeirento cartorio de S. Christovam dão-lhe o appellido de *Maãpanema*, sem mais indícios que permitam distingui-la em poncto inequivoco. Frequentes vezes o segundo membro desta palavra (*panema*) apparece ligado a varias partes e rios, v. g. S. Anna do *Ipanema*, *Parapanema*, *Parapanema* (*para-mo-pa (-ne) ma*), nome do pequeno affluente do Vasabarris, que banha S. Christovam. Ora *panema*, segundo Tatevin, * dá a ideia de mal afortunado (*malchanceux*), assim como *maã*, substantivo, quer dizer cousa, e quando verbo tem as accepções de ver, olhar, examinar. Anteposto *maã* a *pane-*

* -La Langue Tapitfyá, dite Tupi ou Nengata (Belle Langue).

ma, julgamos ser preferível aceitar-a na primeira acceção e nesse caso poder-se-ha traduzir *Maápavama* por sítio ou lugar pouco favorecido, mal afortunado — *causa ruim*.

Relevar-se-ha talvez o silencio de Varnhagem a respeito, se considerarmos que pouco adiantaria a clareza e historicidade da sua narração catar pequeninos factos componentes ou integrantes do grande facto que lhe importava assignalar. O grande facto pois era a batalha da noite de 1.º de Janeiro de 1590, ferida na Varzea do Vasabarris, perto do littoral: e tanto era bastante. Foi o mais luctuoso momento para os miseros seivicolos, do qual haviam de perdurar as tristes recordações daquella noite que iniciava a phase do extermínio de uma raça aborigene e a extincção de uma patria selvagem. Observe-se que o historiador nacional escreveu «na Varzea do Vaza-barris» e não em *uma* Varzea do Vasabarris. Dest'arte não se refere a um *topos* ignoto, sem nome, indeterminado, mas a um chão que fatalmente teria um signal, uma voz indicativa, fosse qual fosse, na neenga indígena, posteriormente substituído por designativo portuguez. E aquelle tambem grudar-se-hia às lembranças dos vencedores depois do exito das suas armas.

Entretanto, será grato aos sergipanos determinar e reconstituir o theatro onde deu-se o dramatisado episodio da epopeia sergipense.

Varzea é chá, campo plano ou planície, de ordinario coberta pelas aguas pluvises, ou entre humida e sêcca, lodosa e infectante, no correr das estações, principalmente nos mezes adustos. Com o nome de *Panema* ou *Ipanema* ha um lugar nas voltas do Vasabarris, afastado de S. Christovam e distante de Itaporanga, muito para cima desta villa, não longe ou quase equidistante das usinas Escurial e Belém. Mas é lugar accidentado, montanhoso, ondulado por montes umbriferos ou cascalhudos, que formam valles de pouca largura e extensão; os quaes não podem ser classificados como varzeas. Em regra o aspecto da varzea é o de uma planície destendida com notavel largura e comprimento, algumas vezes longitudinalmente atravessada por um rio do qual os dois lados paludosos não são mais do que expansões do transbordamento delle. Podem servir de exemplo as varzeas das duas margens do Poxim. Nestas condições o *Ipanema* de minha referencia não é a «Varzea do Vaza-barris, perto do littoral», pois que muito embora pertencente á bacia desse rio, ella jaz muito a cima, á consideravel distancia do mar.

Portanto, impõe-se o reconhecimento da planura que se estende do logarejo *Merem* ou *Mirim* em S. Christovam, ou, querendo encurtar a distancia, do povoado *Miranda* ao *Rio Comprido*, como a arena da batalha da noite de 1.º de Janeiro de 1590. Desenvolve-se esse plano como um mosaico de diferentes tons de terreno, ora picarrosos, ora abundante de pequeninos calhaus, silicosos, ás vezes com curtos lençoes de areia, recortado de insignificantes corregos que vão ter aos braços do Vasabarris ou ao curso do Paromtopama, junto aos quaes fron-

deja pouco altanada vegetação. Ahí, sim, quero crer, foram levantadas as tranqueiras e cercas ao Boypeba; ahí é que foi epilogado o drama da conquista de Sergipe.

Nem será difficil de explicar-se o esquecimento do nome da varzea *Maápanema*, que então adheria ao lugar. Logo depois da victoria foram colonos immitidos na posse das suas dadas, inclusive religiosos, que não se descuraram de obter e delimitar lotes para misteres de agricultura ou para outras culturas que alimentassem o *prodesse*. Portanto, muito cedo foram constituídos os latifundios do Collegio e Rio Comprido. Neste somente notam-se as ruínas da igreja de Nossa Senhora do Desterro, que quase já não tem paredes de pé; mas conservam-se frondosas e fructificantes as mangueiras plantadas pelos frades. Por essas bandas muito cedo começaram as culturas da canna de assucar, do arroz e do algodão; as quaes não medrariam só pelo torçado subsidio ou contribuição morosa do Indio, mas tambem pela intelligente e imperiosa acção do portuguez combinada com o auxilio do escravizado braço africano. Não submettia-se o Indio indolente ao trabalho puxado. Logo comprehendeu-se a inutilidade do seu concurso, a contragosto, vencendo na terrível labuta o negro servil e pusillanime; de sorte que ficou proverbial, como significativa das aborrecidas delongas de uma empreitada, a phrase então corriqueira: — *Isso é trabalho de indio*.

Conforme estabeleciam-se os colonos com suas fabricas de escravos negros e animaes, iam recuando arredrontados para o interior os moradores das selvas; e com elles tambem alguns nomes pelos quaes eram conhecidos os lugares da sua primeira vivenda. Dest'arte foram substituidos por termos do vocabulario portuguez; e arrastada nesse roldão tambem por fatalidade desapareceu a voz indigena *Maápanema*.

Como já vimos, a varzea de que se trata, entre Miranda e Rio Comprido, nenhuma seducção offerece á vista. Sua variedade que accuso poderia agradar consiste nos salpicos e nuances que todam a sua superficie. Em geral a poesia que nasce das perspectivas falha na extensão della. Pouco adiante corre o pequeno rio que tambem perdeu seu primitivo nome, actualmente conhecido pelo nome portuguez *Rio Comprido*. Não haverá nenhum mais curto, tendo apenas de notavel seus mananciaes ou cabeceiras, que são thiermaes no lugar denominado *Pedrinhas* ou *Rita Cavête*.

Entetanto, como disse, para os sergipanos será importante a especialisação ou identificação do local onde ferio-se a batalha da noite de 1.º de Janeiro de 1590. Aque-la terrível noite, de tão sinistra imagem para os indios sobreviventes, como aquella de uma decada atrazada, em que se verificou no Imperio de Montezuma a matança dos companheiros de Cortez, bem podera tambem haver passado á historia com o sombrio desticho de uma — *noche triste*.

Chronistas e historiadores indicam o tempo do acontecimento — a noite de 1.º de Janeiro de 1590; não descrevem de

molde a atalhar duvidas a tão importante scena. A «varzea do Vaza-barris, perto do littoral», não é outra que não aquella que os indios em sua favella denominaram *Maãpanema*.

Essa, na minha opinião, e vai até prova em contrario, é a mesma que se estende entre Miranda, suburbio de S. Christovam, e o engenho Rio Comprido.

S. Christovam, 1.º - 1 - 1926.

M. P. Oliveira Telles.





Documentos inéditos

DA

BIBLIOTHECA PUBLICA

.....

Acta da Sessão do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 18 de Março de 1829.

CVI

Aos 18 dias do mez de Março do anno de 1829, 8.º Independencia e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'ElRei, no Palacio do Govo., e Salla das Sessões: reuniu-se o Exmo. C., composto do Illmo. e Exmo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Illmos. Conselheiros os Coraneis Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Horta, o Capmor. Joaqm. Martins Fontes, o Tenente Coronel Vicente Luiz de Freitas Barreto e os Advogados Manoel Vicente de Carvalho e Aranha, e Ignacio Dias de Oliveira.

Habilitado e admittido a exame Agostinho Jozé Caetano, q. se oppoz a Cadra. de las. letras novante. creada na Capla. de Nossa Senra. da Bôa Hora do Campo do Brito, Tero. de Itaba., e sendo plos. respectos. Examinadros. approvedo; não apparecendo Oppositor algum: o Exmo. Preside. de accordo com o Exmo. Conso., o proveo na da. Cadra. vencendo

annual, e interinamte. a qtia. de duzentos mil reis e mandou se lhe desse o Titulo compete., pa. com elle procurar sua legal Nomeação.

Em conseqa. da representação do Capmor. da Va. de S. Amaro Jozé da Motta Nunes, pedindo a criação de huma Cadeira de Primeiras letras na Povoação da Capla. curada do Sr. Bom Jesus, Tro. da. Va., visto ser aqle. lugar populoso, e nelle haverem mtos. meninos pobres cujos Paes não podem mantel-os na Escola Publica daqta. Va., q. hé em distancia de 4 e 5 legoas: pr. isso o Exmo. P., de accordo com o Exmo. Conso., houve pr. creada a da Cadeira de 1as. letras na mma. Povoação, pa. ser provida na forma da Lei.

Do q. pa. constar se lavrou a presente acta em que assignarão o Exmo. P. e Conselheiros, q. eu Jozé Pedro de Faria, Secretariõ do Govõ. escrevi./.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Manoel Ignoço. da Silveira.
Jozé Antonio Neves Horta
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barretto
Mel. Vicente do Carvo. e Ara.
Ignacio Dias de Oliveira.

Acta do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 20 de Março de 1829

CVII

Aos 20 do mez de Março do anno de 1829, 8. da Independiacia e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão de Sergipe d'ElRei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões: reuniu-se o Exmo. C., composto do Ilmo. e Exmo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Ilms. Cos. os Coroneis Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Horta, e o Cap-mór Joaquim Martins Fontes, o Tenente Coronel Vicente Luiz de Freitas Barreto, e os Advoga-

dos Manoel Vicente de Carvalho e Aranha e *Ignacio Dias de Oliveira*.

Habilitado, e examinado pelos respectivos Examinadores Manoel Francisco Lino, q. se oppoz a Cadeira novamente creada na Povoação da Capella do Bom Jesus, Tor. da Va. de Sto. Amaro; e sendo approvedo, sem opposição, como consta do competente Certificado: o Exmo. P., de accordo com o Exmo. Conselheiro, o proveo na nma. Cadra. com o vencimento annual, e interino de duzentos mil reis, e mandou se lhe desse o Competente Titulo, para com elle sollicitar sua legal Nomeação.

Do q' para constar se lavrou a presente Acta em q' assignarão o nmo. P. e Conselheiros, que eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, escrivi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Manoel Iguçõ. da Silva.
José Antonio Neves Horta
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Mel. Vicente Carvo. e Ara.
Ignacio Dias de Oliveira.

Acta do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 21 de Março de 1829.

CVIII

Aos 21 dias do mez de Março do anno de 1829 8. da Independência e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão Capital da Provincia de Sergipe, d'ElRei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões: reunia-se o Exmo. Conselho composto do Exmo. P., o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Illmos. Conselheiros os Coroneis Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Horta, o capmor. Joaqm. Martins Fontes o Tenente Coronel Vicente Luiz de Freitas Barretto os Advogados Manoel Vi-

cente de Carvalho e Aranha, e *Ignacio Dias de Oliveira*.

Como esta seja a ultima conferencia da Sessão ordinaria do presente anno, que hoje se deve em serrar na forma da Lei, e athe agora não forão a prezendatas as contas da Administração da Fazenda Publica pr. ser falecido o interino Administrador da mma, Ignacio Anto. Dormundo Rocha resolveo o Exmo. P. de accordo com Exmo. C. q. na fuctura Sessão ordinaria se procederia na revisão das ditas contas.

O mesmo ficou rezolvido qto. as contas de Receita, e despeza, das Camaras, por constar, q. ainda não estão fiscalizadas pelo Corregedor da Comarca na forma da Lei: com o q. se houve pr. em serrada a Sessão ordinaria deste anno.

Do q. pa. constar se lavrou aprezenste Acta em q. assignarão o Exmo. P. e Conselheiros, q. eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, escrevi./.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Mameel Igno. da Silva.
Jozé Antonio Neves Horta
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Mel. Vicente de Carvo. e Ara.
Ignacio Dias de Oliveira.

Acta da Sessão extraordinaria do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 20 de Junho de 1829.

CIX

Foi aberta a Sessão, estando prezente o Illmo. e Exmo. Sr. Vice Prezidente Sargmor. Manoel de Deos Machado, e mais Snres. Conselheiros do Governo abaixo assignados.

A prezentou o Ilmo., e Exmo. Sr. Vice Presidente duas Portarias expedidas pela Secretaria d' Estado dos Negocios da Justiça, a elle dirigidas: a primeira q. acompanhou a Representação e Documtos. do ex Ouvidor interino Antonio Rodrigues Montes, contra o Ilmo. e Exmo. Prezide. desta Prova. Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, em datta de 9 do mez de Fevereiro deste anno: e a segda. do ex Juiz Vereador Jozé de Goes Telles, em datta de 27 do do. mez e uma contra o mmo. Exmo. Prezidente actual, aquem o Exmo. Sr. Vice Presidente mandou responder com o q. lhe offerecesse a face das das. representações, e elle a ambas respondeo o q. consta das suas respostas documentadas, a vista das quaes, e dos exames q. sobre taes objecções se fizerão: e constão do Livro dos Termos: declarou o Conselho unanimemente. serem verdadeiras as das. respostas em todas as suas partes; e os Documtos. a ellas juntos igualmte. verdadeiros: e q. todas as imputações feitas ao Exmo. P. actual nas ditas duas representações do ex Ouvidor interino Antonio Rodrigues Montes e ex Juiz Veriadar Jozé de Goes Telles, são inteiramte. calumniozas: e q. a Provincia esta gozando do maior socego e tranquillidade, e satisfeita com a boa a Deministração do Exmo. P. actual o Exmo. Sr. Vice Presidente deo por concluida a Sessão.

E para constar se lavrou aprezenste Acta, q. eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi.].

Manoel de Deos Machado
Manoel Igneo. da Silva.
Jozé Antonio Neves Horta
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Ignacio Dias de Oliveira.

Calúnia?! -

Acta da Sessão extraordinaria do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe do dia 8 de Julho de 1829.

CX

Foi aberta a Sessão estando presente o Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente, e mais Senhores Conselheiros do Governo a baixo assignados.

Leo-se o Avizo expedido a esta Presidencia pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio em datta de quinze d'Abril deste anno, com o Exemplar do Decreto de cinco de Março q. Manda executar o Regulamento da Administração Geral dos Correios do Imperio: e o Exmo. Senr. Presidente na conformidade do Cap. 4 Art. 25 do mesmo Regulamento, tendo ovido o Conselho, nomeou para Administração de todos os Correios desta Prova. a o Sarg Digo desta Prova, a Manoel dos Santos Silva, e pa seo Ajudante Manoel Vicente de Carvalho, e Aranha Junior nos quaes concorrem os requezitos, com os vencimentos annuaes q. interinamte. lhes ficarão marcados, a saber, ao Administrador trezentos mil reis, e a o seo Ajudante duzentos, e cincoenta mil reis, Havendo assim pr. bem Sua Magestade O Imperador.

O Exmo. Senr. Presidente houve pr. concluida esta Sessão. E para constar se lavrou a presente Acta, q. eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo e do Conselho, escrevi.}]

*Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Jozé Antonio Neves Horta
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Mel. Vicente de Carvo, e Ara:
Ignacio Dias de Oliveira.*

Acta da Sessão Extraordinaria do Conselho do Governo da Provincia de Sergipe de 17 de Setembro digo de Outubro de 1829.

CXI

Foi aberta a sessão estando presentes os Excellentissimos Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados. Leo-se o Avizo expedido a esta Presidencia, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, em data de dez de Junho ultimo, do qual se vé, q' sendo prezente a Sua Magestade O Imperador o requerimento de Francisco Moreira da Silva Marramaque, que allegando te hido aprender a sua custa na Cidade da Bahia o Methodo Lencastriano para o pôr em pratica na forma da Ley de 15 de Outubro de 1827, na Cadeira de Primeiras que regeza nesta Capital, queixa-se de que sem ser ouvido, foi desta exonerado para a proverem em Antonio Jozé Peixoto Valladares: e em consequencia Houve o Mesmo Augusto Senhor, por bem Determinar, que este Governo, em Conselho, informe se a dita Cadeira foi posta a concurso com as formalidades, tempo, e publicidade necessaria, e qual a razão porque não foi a elle admittido o suppe. O Exmo. Presidente de accordo com o Conselho, tendo feito os devidos exames, declarou, que se informasse a Sua Magestade O Imperador, que a Cadeira de Primeiras Letras desta Cidade, foi posta a concurso com as solemnidades, tempo, e necessaria publicidade, que o mencionado Francisco Moreira da Silva Marramaque foi ouvido; como tudo consta da Acta, e Edital de treze de Dezembro do anno findo, da de treze de Março deste anno, e do requerimento, e mais papeis a que ella se refere que tendo o sobredito Marramaque, e Antonio Jozé Peixoto Valladares hido a Cidade da Bahia instruir-se a sua custa no methodo Lencastriano, para o pôr em pratica nesta Provincia, e tendo ambos na Sessão Ordinaria de treze de Março do corrente anno apresentando os seus

Requerimentos, e Documentos de habilitação que juntarão, a fim de ser um d'elles provido na mesma Cadeira de Primeiras Lettras desta Capital, que deve ser regida pelo methodo do Ensino Mutuo na forma da Lei, tendo-se conhecido que o referido Marramaque não se achava competentemente habilitado, por não ter os necessarios conhecimentos preparatorios de Arithmetica, e noções geraes de Geometria, cujos requisitos concorrião na pessoa de Antonio Jozé Peixoto Valladares, segundo mostrou pela Certidão, que apresentou dos seus Exames; em taes circumstancias não havendo nesta Provincia pessoas instruidas no methodo dito do Ensino Mutuo para serem Examinadores dos dous pretendentes; Resolveo o Exmo. Presidente de unanime accordo com este Conselho, que visto constar ser o dito Antonio Jozé Peixoto Valladares o mais digno, por se achar legalmente habilitado para reger a sobredita Cadeira pela methodo do Ensino Mutuo, ficasse nella provido, e assim se julgou em virtude dos Documentos por elle apresentados, e principalmente pela Certidão, que exhibio dos seus Exames, passada por Lazaro Martins da Costa, Professor da Cadeira publica de primeiras Lettras da Cidade da Bahia, pelo methodo Lencastriano, e Instructor dos Professores actuaes, e mais pretendentes, por Portaria do Governo daquella Provincia.

Além do que fica provado o Exmo. Presidente de unanime accordo com este Conselho depois de ter em vista a boa conducta civil e politica de Antonio Jozé Peixoto Valladares, e a irregular de Marramaque, que sendo acostumado ao vicio da embriaguez nenhum aproveitamento publico produziu, durante o espaço de cinco annos, que regeo mal a Cadeira de Primeiras Lettras desta Cidade, por Provisão temporaria; accrescendo a maneira por que pertendeo calumniar a Antonio Jozé Peixoto Valladares com crimes que se reconheceram neste Conselho serem inteiramente falsos, e que só manifestaram a indiscreta, e teimosa opinião contra o Valladares, pelo simples motivo, de ser nascido em Portugal; abuzo que ainda desgraçadamente reina nesta Pro-

vincia entre as pessoas que são da conducta do Marramaque.

O Exmo. Prezidente houve por bem digo por concluida esta Sessão : e para constar se lavrou a prezente Acta que eu João Rodrigues dos Santos Official maior interino, no impedimento do Secretario, escrevi,

Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel Ignc. da Silva.
José Antonio Neves Horta
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Ignacio Dias de Oliveira.

Acta da Sessão extraordinaria do Conselho do Governo da Provincia de Sergipe do dia 28 de 9bro. de 1829./.

CXII

Tendo proposto o Exmo. Prezidente a precizão da despesa com a Salla, q. deve servir pa. as Sessões do Conselho Geral da Prova., na conformide. do desposto no Art. 1 da Carta de Lei de 29 de Agosto de 1828, cujas despezas calculadas orção na qtia. de quatro contos, e trezentos, e dez mil e oito centos, e quarenta reis constes. da nota q. apresentou assignada pelo Administrador da Fazenda Publica Jozé Martins Pena e em conformidade do § 16 do Artigo 24 da Lei de 20 de 8bro. de 1823; resolveo o mmo. Exmo. P. de accordo com o Exmo. Conselho, q. fosse levado primeiramente ao Alto Conhecinto. de S. M. O Imperador, afim de ver se he, ou não da Sua Imperial Approvação, q. se despenda a sobredita quantia. E para constar se lavrou a prezente Acta, q. eu Jozé Pedro de Faria Secretario do Governo, do Conselho escrevi./.

Com falta de

Ignacio José Vicente da Fonseca
José Antonio Neves Horta
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Ignacio Dias de Oliveira.

Acta da Sessão extraordinaria do Conselho do Governo da Provincia de Sergipe de 1.º de Fevereiro de 1830.

CXIII

Ao primeiro de Fevry. do anno de 1830, 9.º da Independencia e do Imperio. Tendo se reunido extraordinariamente. o Conselho do Governo composto dos Exmos. Preside. e Conselheiros abaixo assignados, apresentou o Exmo. Presidente deste Conselho o Avizo expedido pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio sobre o methodo que convirá adoptar se nesta Provincia para Colonização de Extranjeiros, e o numero destes que poderá receber, e da descripção Topografica dos Terrenos devolutos com explanação da natureza, e propriedade dos differentes terrenos para agricultura, e mineração; e tendo este Conselho em vista os competentes esclarecimentos para isso exigidos das respectivas Camaras Municipaes da Comarca, a face do q. resolveo o Conselho, que se informasse não haver Terrenos devolutos em todos os lugares da Provincia, capazes para a Colonização de Extranjeiros, visto a abundancia dos Povos a quem falta Terreno para plantação por que quasi todo que ha, esta debaixo de possessões particulares com o direito de propriedade, cultivada a parte melhor de canas por haver grande numero de Engenhosa a parte estevil occupada com criação de gado vaccum e cavallar, e posto conste que pela margem do Rio de São Francisco ainda exista algum terreno com tudo está sujeito as innundações do mesmo Rio, que com as suas inchentes faz distorçar o que encontra pela terra a dentro por espaço de huma legoa; e que outro sim se informasse que o Terreno que se acha disoccupado na conformidade da Imperial Portaria de dez de Julho de mil oito centos e vinte sete expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio, hé a extincta Missão dos Indios da Aldeia de Agoa Azêda na extensão de meia legoa de terras no Termo desta Cidade, e sobre a

qualidade deste Terreno já se informou por esta Presidencia a Sua Magestade Imperial no officio de trinta de Maio de mil oito centos e vinte sete. E por esta forma se dêo por finda a presente Sessão, que eu Jozé Malaquias Dormund Rocha, Official da Secretaria que no impedimento do Secretario a escrevi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Jozé Antonio Neves Horta
Joaquim Marcins Fontes
Ignacio Dias de Oliveira.

Acta da Sessão extraordinaria do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 22 de Fevereiro de 1830.

EXIV

Foi aberta a Sessão achando-se presentes os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados. Declarou o Exmo. Presidente, que sendo necessario, em consequencia da Carta de Ley de 25 de Setembro de 1829, arbitrar-se a indemnização para a despeza da viagem, que fizeram os Deputados por esta Provincia, para irem tomar assento na Camara dos Deputados, e de outra para voltarem a sua caza no fim da Legislatura, convinha, qua o Conselho resolvesse sobre este objecto: e tendo o mesmo Conselho em vista, a custoza tarefa que tem os Deputados por esta Provincia de fazerem duas viagens, huma desta para a Provincia da Bahia, e outra daquella para a do Rio de Janeiro que se tornão bastante dispendiozas; rezolveo o Exmo. Presidente de unanime accordo com o Exmo. Conselho, ser conveniente que se arbitrasse a quantia de sete centos mil reis para ida, e volta. Do que para constar se lavrou a pre-

zente Acta, que eu João Rodrigues dos Santos, Offi-
cial Maior interino no impedimento do Secretario a
escrevi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Joaquim Martins Fontes
Vicente Luiz de Freitas Barreto
Ignacio Dias de Oliveira.

**Acta da Sessão Ordinaria do Conselho de
Governo da Provincia de Sergipe de
1.º de Abril de 1830.**

CXV

Ao 1.º dia do mez de Abril do anno de mil
oito centos e trinta nono da Independencia, e do Im-
perio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Pro-
vincia de Sergipe d'El Rei, no Palacio do Governo
e Sala das Sessões, achando-se reunidos o Exmo.
Prezidente desta mesma Provincia o Brigadeiro Igna-
cio Jozé Vicente da Fonseca, e os Exmos. Conselhei-
ros por elle convocados em conformidade da Carta
de Ley de 20 de Outubro de 1823, a saber o Sar-
gento Mór Manoel de Deos Machado, Jozé Pinto de
Carvalho o Coronel Bento de Mello Pereira, e o Ca-
pitão Mór Joaquim Martins Fontes, faltando os Exmos.
Conselheiros o Reverendo Jozé Francisco de Mene-
zes Sobral, e o Tenente Coronel Sebastião Gaspar de
Almeida Botto, que tendo sido convocados não com-
parecerão. O Exmo. Prezidente declarou aberta a
Sessão ordinaria e como tivessem igual numero de
votos os Exmos. Conselheiros o Sargento Mór Manoel
de Deos Machado, e Jozé Pinto de Carvalho propoz
o Exmo. Prezidente, q. por se prodesse a sorte na for-
ma da mesma Ley, e em virtude della decidio-se ser
o Exmo. Sargento Mór Manoel de Deos Machado o
primeiro Conselheiro. O Exmo. Prezidente de una-
nime acordo com o Conselho determinou que fos-
sem convocados os Conselheiros Supplentes imme-

diatos em votos na falta dos Conselheiros effectivos que não comparecerão; e que juntamente se participasse ao Administrador da Fazenda Publica, para enviar as contas de Receita, e Despeza do anno passado, afim de serem fiscalizadas na conformidade da citada Lei. E por esta forma se deo por concluida a prezente Sessão: do que para constar se lavrou a prezente Acta, em que assignarão o Exmo. Presidente, e Conselho, que eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi;.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Joaquim Martins Fontes
José Pinto de Carvalho
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira.

**Acta da Sessão Ordinaria do Conselho de
 Governo da Provincia de Sergipe do
 dia dous de Abril de 1830.**

CXVI

Lida, e approvada a Acta do dia antecedente. Foi aberta a Sessão estando presentes os Excellen-tissimos Presidente, e Conselheiros do Governo, a saber o Sargento Mór Manoel de Deos Machado, Jozé Pinto de Carvalho, o Coronel Bento de Mello Pereira, o Capmor. Joaquim Martins Fontes, e o Conselheiro Suplente o Reverendo Vigario Geral Luiz Anto. Esteves, q. tendo sido chamada na Sessão antecedente, na falta do Conselheiro effectivo o Reverendo Jozé Francisco de Menezes Sobral, tomou assento; Leo-se a participação do sobre dito Conselheiro Sobral, dando parte de impedido. Comparecção o Tenente Coronel Sebastião Gaspar de Almeida Boto, eleito Conselheiro do Governo, para a prezente Legislatura, o qual tinha faltado na Sessão de hontem, e tendo apresentado o seo Diploma, o Exmo. Presidente propoz a seguinte indicação. Constando-

me, q. o Tenente Coronel Sebastião Gaspar de Almeida Boto, Conselheiro do Governo, e eleito para a prezente Legislatura não tem a idade competente, na conformidade do Artigo 11 da Lei de 20 de Outubro de 1823. indico q. se exija q. elle apresente a Certidão de idade; e tendo proposto a deliberação do Conselho se devia, ou não tomar assento antes da apresentação da sobredita Certidão de idade, decido o mesmo Conselho pr. pluralidade de votos, q. não tomasse assento, em quanto não apresentasse Certidão authentica da idade exigida pela mesma Ley; e como já se tinha convocado o Suplente immediato em votos, por ter faltado na Sessão antecedente, se decido, q. com a chegada deste, ficasse suprimindo a sua falta; e q. se levasse esta deliberação ao Soberano Conhecimento de S. M. O Imperador. O Conselheiro José Pinto de Carvalho votou incontrario, dizendo, q. tendo o Conselheiro eleito Tenente Coronel Sebastião Gaspar de Almeida Boto, apresentado sobre a Meza o seu Diploma, devia continuar a tomar assento, parecendo-lhe, q. decizões de qualidades de elegibilidade, só pertencião aos Collegios Eleitoraes, e não tendo ali apparecido denuncia quanto a idade, julgava, q. o referido Conselheiro deva tomar assento no Conselho, e por isso votava contra a exclusão.

O Exmo. Prezidente, apresentou as Contas da Administração da Fazenda Publica, exigidas na Sessão antecedente, a fim de serem fiscalizadas na conformidade da Ley. Vierão a Meza os requerimentos do Sargento Mór João Baptista de Jezus e Mello, e seu irmão Joze Bernadino Coelho e Mello e o do Reverendo Anto. Joaqm. de Carvalho Couto, queixando-se os primeiros contra o Tenente Coronel Anto: Luiz de Aro. Maciel, pela construção de huma ponte dentro das suas terras, foi remettido ao Ouvidor interino, para providenciar como for de justiça; e o segundo contra a Camara da Villa Nova, por motivos de ter mandado arrematar hum riacho pertencente ao seu predio, foi remettido a respectiva Camara pa. responder. E para constar se lavrou a

prezente Acta, em q. assignarão os Exmos. P. e Conselheiros, q. eu Jozé Pedro de Faria Secretario do Governo, e do Conselho, a escrevi.!

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Joaquim Martins Fontes
Jozé Pinto de Carvalho
Luiz Antonio Esteves.

**Acta da Sessão Ordinaria do Conselho do
 Governo da Provincia de Sergipe do
 dia trez de Abril de 1830.**

CXVII

Lida, e approvada a Acta antecedente. — Foi aberta a Sessão, estando presentes os Exmos. Presidentes e Conselheiros do Governo abaixo assignados. Propoz o Exmo. Presidente, que devendo prover-se a Cadeira de Primeiras Letras do Campo do Brito, Termo da Villa de Itabaiana, vaga por fallecimento de Agostinho Jozé Caetano, que a exercia, hera necessario nomear-se os competentes Examinadores, e destinar-se o dia para o concurso, e em consequencia se destinou o dia quinze do corrente, e forão nomeados para Examinadores o Professor do Ensino Mutuo da Capital Antonio Jozé Peixoto Valladares, o Capm. Jeronimo Vieira Bastos, e Francisco Benicio de Carvalho Aranha e Vasconcellos. Do que para constar se lavrou a prezente Acta, que eu Jozé Pedro de Faria, Secretaria do Governo, e do Conselho a escrevi.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Joaquim Martins Fontes
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Luiz Antonio Esteves
Jozé Pinto de Carvalho.

No mesmo dia trez de Abril de 1830. Lendo-se huma Representação documentada de Antonio Joze da Silva Travassos, addiada para a Sessão de hoje, queixando-se do Exmo. Snr. Presidente, e retirando-se este, na forma do § 15 Art. 24 da Ley de 20 de Outubro de 1823, tomou a Presidencia o Conselheiro a quem competia Manoel de Deos Machado; e depois de lida, e examinada perante o Exmo. Conselho, deliberou este, que sobre o seo conteudo respondesse o Exmo. Presidente. Appareceo logo hum requerimento do mesmo Antonio Joze da Silva Travassos, pedindo deferimento da sua representação, e tambem para que se lhe fizesse entrega da mesma representação para elle mesmo remeter a S. M. O Imperador; foi deferido em quanto a primeira parte, e quanto a segunda foi indeferido.

Do que para constar se layrou esta Acta em que que assignarão o Exmo. Vice-Presidente, e Conselheiros que eu Joze Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho, a escrevi:}

Manoel de Deos Machado
Joaquim Martins Fontes
Bento de Mello Pereira
Luiz Antonio Esteves.

**Acta da Sessão do Conselho de Governo
da Provincia de Sergipe do dia 15 de
Abril de 1830**

CXVIII

Lida, e approvada a Acta do dia trez do corrente — Foi aberta a Sessão, estando presentes os Exmos. Presidente e Conselheiros do Governo a saber o Sargento Mór Manoel de Deos Machado, o Coronel Bento de Mello Pereira, o Capitão Mor Joaqm. Martins Fontes o Reverendo Vigario Geral Luiz Antonio Esteves; faltando sem fazer participação o Conselheiro effectivo José Pinto de Carvalho:

leo-se o Officio do Conselheiro Suplente o Reverendo Vigario Gonçallo Pereira Coelho, participando não poder comparecer, em razão de mudar-se para a Cidade da Ba., e sendo necessario chamar-se os dous Suplentes emmediatos em votos, Officiou-se ao Coronel Jozé Rodrigues Dantas e Mello; e achando-se empatados em iguaes numeros de votos o Capmor. Ignacio Dias de Oliveira, e o Tenente Coronel Anto. Roiz Montes procedêo-se a sorte na forma da Lei, e em virtude della se decidiu ser o 1.º o Capmor. Ignacio Dias de Oliveira, o qual sendo chamado compareceo nesta mma. Sessão, e tomou assento. Transferio-se o Exame da Cadeira de Primeira Letras do Campo do Brito, marcado para o dia de hoje, pa. o de 9 do mez proximo vindeuro. Leo-se o requerimento de Manoel Garcia da Ra., em que pedia a criação de huma nova Cadeira na Missão de Japarutuba, foi deferido:—

A vista do estado de Finanças da Prova., pr. ora não tem lugar. Do que pa. constar se lavrou a prezente Acta, em q. assignou o Exmo. Prezide., e Conselheiros do Governo que eu Jozé Pedro de Faria Secretario, e do Conselho, a escrevi. /.

Ignacio Jozé Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Joaquim Martins Fontes
Luiz Antonio Esteves
Ignacio Dias de Oliveira.

No mesmo dia 15 de Abril do anno de 1830 nono da Independencia e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'El Rei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões do mêsmo, continuando a Sessão Ordinaria, com assistencia do Exmo. Presidente o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Illustrissimos Conselheiros o Sargmor Manoel de Deos Machado, o Coronel Bento de Mello Pereira e o Capmor. Joaqm. Martins Fontes; e dos Illmos. Conselheiros Suplentes

o Reverendo Vigario Geral Luiz Antonio Esteves, e o Capitão Mór Ignacio Dias de Oliveira, o primeiro no impedimento do Conselheiro eleito Sebastião Gaspar de Almeida Boto, q. não tomou assento, por não ter a idade marcada pela Lei, e o segundo no impedimento do Conselheiro effectivo o Reverendo Jozé Francisco de Mezes Sobral, q. pr. impedimento fisico não tomou assento; faltando sem causa justa, nem participação alguma, o Conselheiro effectivo Jozé Pinto de Carvalho. Apresentou o Exmo. Presidente a Representação de Anto. Jozé da Silva Travassos com a sua resposta por escripto, e Documentada em data de 14 do corrente, e immediatamente se retirou para outra Salla; e ficou Prezidindo na presente Sessão o Exmo. Vice-Presidente o Sargento Mór Manoel de Deos Machado e a face da dita representação, e resposta da Autoridade contra quem ella se dirige, resolveo o Conselho de accordo com o Exmo. Vice-Presidente desta Sessão, q. na forma do § 15 Art. 24 da Carta de Lei de 20 de Outubro de 1823, se remetteste tudo ao Soberano Conhecimento de S. M. O. Imperador, péla Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, com a Cópia da Acta de 3 do corrente na parte relativa a dita representação de Antonio Jozé da Silva Travassos, e com a copia da presente Acta, e competente Informação deste Conselho, o qual de unanime accordo se conforma com o conteudo na da. resposta do Exmo. P. desta Provincia, e com ella informa ao mesmo Augusto Senhor Do q. para constar se mandou lavrar esta Acta em q. assignarão o Exmo. Vice-Presidente e Conselho, q. eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho a escrevi./.

Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Juquim Martins Fontes
Luiz Antonio Esteves
Ignacio Dias de Oliveira,

**Acta da Sessão do Conselho do Governo
da Provincia de Sergipe do dia 16 de
Abril de 1830.**

CXIX

Lida, e approvada a Acta do dia antecedente. Foi aberta a Sessão achando-se presentes os Exmos. Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados. Nesta foi presente um Officio do Conselheiro Joze Pinto de Carvalho, datado de 14 do corrente, fazendo ver não poder comparecer pr. incomodos de saude. O Illmo. Conselheiro o Coronel Bento de Mello Pereira, apresentou a Indicação do theor seguinte. Sendo a Cidade da Bahia o deposito de todos os generos da Provincia, e não podendo os Proprietarios, Lavradores, e Negociantes desta conduzirem o producto de seus trabalhos em dinheiro, por haver Decreto que prohibe a sahida dos ditos dinheiros, o que tem atrazado a prosperidade geral desta mesma Provincia, visto que não tem hum Porto franco aonde concorrão os Negociantes Nacionaes e Extranjeiros, para exportarem os generos para a Europa: proponho, que este Conselho representando todo o expellido a S. M. O Imperador, rogue ao Mesmo Augusto Senhor, que haja por bem de conceder licença para a livre importação, de dinheiros de moedas de cobre da Cidade da Bahia, para esta Provincia — Pereira — Resolveo o Exmo. P. de accordo com o Conselho, que se levasse ao Alto Conhecimento de S. M. O Imperador o expellido na referida Indicação, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, com a copia da presente Acta, na parte relativa a mesma Indicação afim de que o Mesmo Augusto Senhor se Digne Resolver o que For do seo Imperial Agrado. E por esta forma se deo por concluida a presente Sessão, que eu Joze Pedro Faria, Secretario do Governo, e do Conselho, a escrevi:/.

*Sergipe em porto
Fonseca B. Machado
Pinto*

*Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado*

Bento de Mello Pereira
Joaquim Martins Fontes
Luiz Antonio Esteves
Ignacio Dias de Oliveira.

**Acta da Sessão do Conselho do Governo da
 Provincia de Sergipe do dia 23 de
 Abril de 1830.**

CXX

Lida, e approvada a Acta do dia dezeseis do corrente. Foi aberta a Sessão, achando-se reunidos os Excellentissimos Presidente, e Conselheiros do Governo abaixo assignados. Apresentadas as contas da Administração da Fazenda Publica desta Provincia do anno financeiro de 1.º de Julho de 1828, até o ultimo de Junho de 1829, as quaes contas foram vistas, e examinadas pelo Exmo. Conselho, o mesmo as approvou, em tanto quanto pode caber nas suas attribuições, salvando sempre todo e quaesquer erros Aritheticos, e Juridicos, que nellas possão haver; e deliberarão fossem logo reenviadas com todos os documentos a dita Administração da Fazenda Publica. E para constar se lavrou a presente Acta, que eu Joze Pedro de Faria, Secretario do Governo, e Conselho, a escrevi:.

Ignacio José Vicente da Fonseca
Manoel de Deos Machado
Bento de Mello Pereira
Joaquim Martins Fontes
Luiz Antonio Esteves
Ignacio Dias de Oliveira.





RIACHUELO

Conferencia lida no Instituto Historico e Geographico de
Sergipe no dia 11 de Junho de 1925
pelo Capitão Tenente Mario Diniz de Araujo

Exm. Snr. Presidente do Estado
Exm. Snr. Almirante, Presidente do Instituto
Minhas Senhoras!
Senhoritas!
Selecto Auditorio!

1 — Sempre que, durante diferentes oportunidades, solennes como esta, me é dado fallar, externar o meu modo franco e leal, de pensar, sobre qualquer assumpto, maximé como este: «A Batalha Naval do Riachuelo», assumpto sempre novo e sempre fertil em ensinamentos e consequencias, nunca, Senhores! no meu coração, a alegria dominou facilmente o receio, dominou o temor!

2 — Uma assembléa de homens, como esta, é, na verdade, uma reunião respeitabilissima!

3 — Fallar á homens, é fallar á reis de accezo imaginar; é fallar á soberanos; essa convicção tem energia bastante para perturbar o meu recolhimento; o meu natural receio a critica impenitente.

4 — Eu sou um Marinheiro; educado que fui, na Escola de Marinheiros, tive como exemplos Marques de Leão, Jacaguay, Amyntas Jorge, Frontin, Carlos de Noronha, o velho Leão do Mar Alexandrino e, varios outros illustres titulares, columnas e gloria da Marinha e, por isso, fallando á homens inteligentes, devo ser franco, devo ser leal, porque, bebendo nas fontes, que citei, verifiquei, que alli existe o «pundonor inflexivel, que não transige com o dever»!

5 — Precizo ainda dizer-vos, Senhores por ser este o primeiro contacto, que estabeleço com os intellectuaes desta terra feliz, uberrima e fertil, que tenho grande estima a coragem civica, a amizade e a honra e, não comprehendo, que a piedade, para ser verdadeira, deva atrophiar o coração e fazer abdicar a razão. Distingo um homem honrado sem escapulario, do hypocrita, que roza o seu roزاری; dentre ambos, escolho aquelle que, sabe ser a um tempo, amigo sincero e patriota!

6 — Acato e venero todas as convicções sinceras; detesto o espirito de partido, que tudo approva em os de suas hostes até o mal e, reprova tudo nos adversarios, até o bem!

7 — Si algumas vezes, permitto-me a liberdade de atacar certas fraquezas humanas, com um desasombro, que poderá assemelhar-se a audacia, a temeridade, é, muitas vezes, depois de tel-as deplorado, reprovado em mim proprio!

8 — Senhores! Tudo o que eu vos possa transmitir, a guiza de Conferencia sob a egide magnifica e maxima, da Batalha Naval do Riachuelo, achei escripto por notaveis escriptores e, pela mão de eminentes vultos como Ruy Barboza, Senna, Silva Jardim, Theodoro Roosevelt, Marchal, Malon, Foch, Trompowchy, Boiteeux, Von Tirptz, Fisber, Almirante Vasconcellos e outros illustres plumitivos, aqui me apresento diante de vós outros, num sobranceiro gesto amigo pelo assignalado rumo, que tomou esse Instituto, estabelecendo uma Escola de civismo, fazendo vibrar a alma da patria, que boia sobre o mar!

* * *

9 — A Batalha Naval do Riachuelo, foi um sendal enorme, um pallio gigantesco; foi consecuencia final da Guerra do Paraguay!

10 — Sem Riachuelo, não teriamos o dominio fluvial nem a successão de victorias até a occupação de Assumpção; ate a morte do despotada assolador de nossa Patria!

11 — Barrozo foi bem a alma mater das glórias navaes, que se seguiram; foi um symbolo da Victoria!

12 — Barrozo é uma legenda de civismo, de acrysolado amor a esta terra; é um symbolo de disciplina e ordem; do valor indomito do mar, donde virá o nosso renome e, que incessantemente beija as nossas plantas, clamando: Accorda! Accorda! Accorda!

13 — A Patria vive por seus symbolos! A Batalha Naval do Riachuelo é um symbolo de glórias; é um padrão immarcescível de uma epocha; é um marco brilhante da nossa Historia Naval; e, a tactica então desenvolvida e empregada por Barrozo, no exame seguro e firme da situação, mais tarde imitada por Tegettoff, em Lissa, conduz esse notavel Chefe á victoria, mais assignalada e significativa! do Seculo!

14 — Essa tactica; esse *modus faciendi* do desenvolvimento do prelio; a acção, o modo de agir, os signaes de Barrozo, foram de molde a caracterizar um chefe de elite, espozó bem amado da victoria!

15 — Barrozo, revivendo o *detergeri remus*, da marinha a remos, praticado na Batalha de Actium, escreve com o *rostrum* da Fragata Amazonas, a grandioza epopéa, a fulgurante pagina de Riachuelo!

16 — Essa manobra feliz, cujo rezultado foi o aniquilamento da frota inimiga, assegurando nos o dominio fluyal, as communicações, o abastecimento dos Exercitos e todos os pormenores logísticos, mais tarde é repetida por Tégettoff, em Lissa, dando-lhe a Victoria.

17 — Procuro, antes de entrar na descripção da Batalha, caracterizar o Chefe, o Almirante enfim, assignalando os seus gestos e attitudes, com o relevo, que minha profunda admiração lhe reserva.

18 — Manoel Barrozo, o vencedor em Riachuelo, era um Chefe cheio de prestigio, disciplinador e respeitadissimo, entre os seus Officiaes e a maruja.

19 — «O prestigio é, realmente, uma especie de

dominio exercido em nosso espirito por um individuo, uma ideia, uma obra. Esse dominio paralysa todas as nossas faculdades criticas e enche a nossa alma de admiração e respeito ! »

20 — « O autor da psychologia das multidões diz que, o que principalmente contribue para dar enorme poder ás ideias propagadas pela affirmação, pela repetição e pelo contagio, é o facto de conseguirem a aquisição deste poder mysterioso, que se chama: — prestigio.

21 — Ora, Snrs. ! o Almirante exercia entre os seus commandados, esse prestigio immenso e, a sua fama, entre os nossos adversarios, era esmagadora e tremenda, o resultado, so poderia ser, como foi, a victoria.

22 — Eu procurarei evidenciar Barrozo, estudando os seus gestos como Marinheiro e como Chefe, e, bem assim, tentarei estudar a escola, que se desenvolve hoje em dia, para o ensino da guerra, cujos alicerces repouzam firmes, inabalaveis, erectos, perfilados em Trafalgar e Riachuelo; em Suffren, nas Indias; em Tegettoff em Lissa.

23 — Barrozo, Nelson e Suffren, ternario bembicto, cedro gigantesco cujos ramos chamam-se Saldanha, Jellicae, Togo, Tirplitz, Beatty, Percy Scott, Alexandrino, Carlos Noronha, Penido e tantos outros homens do mar, que se vão da lei da morte emancipando por se terem inteiramente á Patria devotado !

* * *

A Batalha

24 — « A esquadra estava fundeada em linha de fila e á prôa da fragata Amazonas, armava-se um modesto altar para a celebração do Santo sacrificio da Missa, pois esse dia era o de Domingo da Santissima Trindade e havia sido marcado pelo Chefe para uma revista de mostra geral.

25 — O dia 11 de Junho de 1865, amanhecera

algo nublado, e pouco foi clareando, dissipando-se o nevoeiro e tornando-se claro e limpo.

26 — As aguas do Rio Paraná, rio lodozo, cheio de pequenas ilhas, regetações, bancos e camalotes, mal espelhavam as sombras das bandeiras que tremulavam nos penões das caranguejas dos navios da esquadra brasileira, composta de duas divisões, fundeada no Rincon de Lagraña.

27 — Nesse local o Rio Paraná mede serca de legoa e meia de largura, tendo a sua zona navegavel quazi mil pés de ambito.

28 — Treis legoas abaixo da cidade de Corrientes, desagua, pelo rumo léste, no Rio Paraná, um arroio, que nascendo na laguna Maloya e ao qual, como diminutivo de riacho, os naturaes deram lhe o nome de Riachuelo.

29 — Das varias ilhas que se espalham pelo rio, duas, são grandes, cobertas de matto baixo e, abaixo e acima dessas ilhas, o rio se espraia, alargando-se novamente.

30 — A embocadura do Riachuelo, apenas se avistava, do ponto aonde a Esquadra encontrava-se fundeada, encoberta quazi, como estava, por uma grande ilha.

31 — Na foz do Riachuelo, ao Norte, levantava-se sobre uma eminencia, denominada Rincon de Santa Catalina, a vivenda de Santiago Derqui, em cujas vizinhanças os Paraguayos estabeleceram seus acampamentos quando o General Paunero surprehendeu a cidade de Corrientes.

32 — Lopez, para apoiar o ataque, que pretendia levar a effeito contra os navios da Esquadra, collocou ahí o Tenente-Coronel Bruguez, junto das baterias levantadas.

33 — Ao Sul do Riachuelo viam-se as margens baixas e arenosas do Rio Paraná, conhecidas como o Rincon de Lagraña. De um lado, altas barreiras, que enfrentavam com o Chaco do lado opposto, e em cujos cimos e barrancas estava arrastada a artilharia Paraguaya, composta de 32 canhões, au-

xiliada por 2.000 homens de infantaria, sob o commando de Bruguez.

34 — Da cidade Goya á de Corrientes tem o Rio Paraná, de um lado, o Rio Santa Lucia, Valle de Cuevos, a Cidade de Bella-Vista, a Villa Mercedes e o arroio do Riachuelo; do outro lado, o rio S. Geronymo, o arroio Gomez, alagadiços, ilhotas etc.

35 — Marcando pela prôa o Rincon de Lagraña estava fundeada a Divizão Naval Brazileira, sob o Commando do Chefe de Divizão: — Francisco Manoel Barrozo.

36 — Os navios, que compunham essa Divizão eram precisamente: A Fragata «Amazonas», não Capital, onde estava içada a insígnia de Barrozo, sendo seu commandante o Capitão de Fragata Teotonio Raymundo de Britto.

O vapor «Jequitinhonha», sob o commando do Capitão-Tenente Joaquim Jozé Pinto.

O «Beberibé», commandado pelo C. T. Bonifacio Joaquim de Sant'Anna.

Canhoneira «Parahyba», do Commando do Capitão-Tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, filho illustre deste Sergipe dadivozo, tão fertil em talentos de escól e patriotas assignalados!

A «Belmonte», sob a direccão do 1o ten. Joaquim Francisco de Abreu.

A Canhoneira «Araguary», commandada pelo valorozo Marinheiro, hoje o Barão do Tefé, Antonio Luiz Von Hoorhotty, exemplo vivo e magnanimo de nosso valor, a quem a Marinha Nacional homenagea como um symbolo de ensinamentos de amor a esta Patria e, perante quem me curvo respeitozo!

A «Ypiranga», com o 1o tente. Alvaro Augusto de Carvalho.

A «Mearim», com Elisiario Jozé Barboza.

E, a canhoneira «Guatemy», do Commando de Justino Macedo Coimbra, então 1o Tenente.

37 — Ao todo; nove navios. Pela manhã cedo, o Pratico com uma pequena lancha do Jequitinhonha, fora ao Chaco buscar lenha e carne; havia seis rezes carniadas das trinta, que comprara.

38 — A bordo da Fragata, o bulício festivo era notavel; uns vinham enquanto outros iam, estes preparavam com bandeiras e galhardetes as amuradas e vergueiros dos toldos, enquanto aquelles se esmeravam na erecção do altar, destinado á celebração da Missa, acto religioso, que era um dos abençoâdos pendores da grande e generosa alma de Barrozo!

39 — Depois, chegou a hora do almoço; trôa a corneta, soam os apitos e, a maruja alegre e destemida, toma em toda a Esquadra, o seu lugar na Meza.

40 — O vento Norte, açoitava o dia claro e sereno e, as Bandeiras desfraldadas, tremulantes, ao lado da insignia do Almirante, namoravam-se na saudade, immensa do Brazil amado, a Patria da Liberdade, enquanto a alma da maruja preparava-se para confortar-se nos preceitos santos, respeitaveis, da Religião Christã!

41 — De repente, da canhoneira «Araguary», navio vigilante, *Scout* da Esquadra, partiu um grito: — «Navio inimigo a vista» —! e, logo, quasi que immediatamente por toda a Esquadra foi avistado um em seguida outros navios de guerra Paraguayos, que desenvolvendo velocidades superiores a 12 milhas, vinham de Rio abaixo, procurando o local em que estava fundeada a Esquadra Brasileira.

42 — Rapidamente, officiaes, Commandantes e praças, no safa geral para o combate, tomaram as suas posições em postos para combater!

43 — Repetem-se os toques de fornecer as baterias; os mestres e guardiães, apitam — gente as obras dos canhões — guarnecer — acelerado!

44 — Movimentou-se a nossa gente, tomou seus postos em menor tempo do que o necessario para descrevermos tão espantosa faina!

45 — Um quarto de hora depois, passavam em frente da Divizão Brasileira, os navios de guerra Paraguayos: —

«Paraguay» — «Taquary» — «Iguerey» —

«Iporá» — «Jejuhy» — «Rio Blanco» — «Salto» — e — «Paraná», rebocando 6 chatas ou baterias fluctuantes artilhadas cada uma por um canhão de 68 e guardadas de tropas.

46 — Na vertigem da passagem foram recebidos pela Esquadra Brasileira, a tiro de metralha e a bala, sendo o primeiro navio a atirar, a canhoneira Belmonte, testa da Columna!

47 — Commandava a esquadilha Paraguaya, o Capitão de Fragata Mezza, passando em demanda ao arroio Riachuelo um pouco a baixo de Corrientes, onde formou em linha de bloqueio, apoiada pelos barrancos occupados por força Paraguaya e onde havia cerca de 25 canhões Lahitte e outros de elevados calibres.

48 — Começou a terrivel luta. De parte a parte um chuveiro de balas e metralha cortava o ar, ceifando vidas, em todas as direcções; as cargas de artilharia despejadas em bordadas e banda e a mosquetaria retumbante, atreadora, artilharia e mosquetes, envolvidos em nuvens de fumo, os seus projectis, ora caíam de chofre sobre os navios, ora no rio, levantando altas columnas d'agua, gerbes magestozas, dignas de admiração!

49 — Era mortifero o fogo e tenaz a resistencia da Esquadra inimiga.

50 — Barrozo, o inolvidavel marinheiro, resolveu ir aguas abaixo e, pondo na testa da columna a canhoneira — «Belmonte» — sob o commando do 1.º Tente, Joaquim Francisco de Abreu e, seguindo com a fragata «Amazonas», avançou sobre a Esquadra Paraguaya, acobertada, protegida pelos Barrancos artilhados.

51 — Outros navios nossos, da nossa Esquadra, demoraram-se um pouco para-ré, devido a velocidade da Fragata.

52 — Na descida, o vapor Jequitinhonha, em que o chefe Secundino tinha a sua insignia, quando manobrava para virar d'aguas á baixo, para ir medir-

se com o inimigo, encalhou sobre um banco de areia ficando debaixo das baterias inimigas, soffrendo e supportando um fogo horrivel, que luzilava a sua guarnição.

53 — Era estreita a amplitude do canal.

54 — Inesperadamente, treis vapores de guerra Paraguayos, marcam a canhoneira «Parnahyba», desfechando-lhe em cima suas bordadas, afim de abordal-a.

55 — O «Taquary» prolonga-se-lhe por Bombordo, o «Salto» por Boreste e, o ex-«Marquês de Olinda» coloca-se-lhe pela prôa.

56 — Gritos convidativos incitavam o inimigo ao ataque e à abordagem e, entre vivas e objurgatorias, um grosso de Paraguayos salta no convez da «Parnahyba», apesar da resistencia dos bravos, destimidos marinheiros da nossa Esquadra.

57 — A audacia não termina; era preciso mais audacia; era preciso insolencia e, esta tenta praticar um Official do «Taquary», que derigindo-se para junto do mastro grande da «Parnahyba», procura arriar a Bandeira Brazileira!

58 — A affronta era sem par! O Pavilhão querido vencedor nunca vencido, ao sentir mãos inimigas e ignobeis tactearem as suas dobras sacrosantas, transmite aos nossos um valor inquebrantavel, uma coragem leonina e uma luta encarnçada e desigual, entre tres guarnições contra uma, se desenvolve no convez da legendaria «Parnahyba».

59 — Toda guarnição lutou a ferro frio, onde a machadinha, a espada de abordagem e o sabre tiveram as honras magistraes de suas temperas.

60 — O Capitão Pedro Affonso, Tenente Andrade Maia, Guarda-Marinha Greenhalg e o Imperial Marinheiro Marcilio Dias, succumbem na luta, defendendo com heroismo raro, o Pavilhão Nacional!

61 — Luta ingente; luta homérica; luta mortifera, foi na verdade essa travada no convez da «Parnahyba!» Vezes duas, a sua guarnição, accossada pelo numero esmagador do adversario, entrincheirase no castello da proa e, duas vezes, irrompe, brajeja vigorosa, com a exuberencia das plantas tro-

picaes, levando de tropél, até a popa a horda assoladora!

62 -- Greenhalg e Marcilio, são despeuados a golpes de machadinha e morrem ao pé do mastro grande na defeza da Bandeira, emblema da Pátria, que não deixam deshonrar.

63 -- Por ordem superior o Escrivão de 2a. classe José Correa da Silva, desceu ao paiol de polvora para fazer voar o navio e, nos seus escombros, sepultar Brasileiros e Paraguayos.

64 -- A vizão superior de Barrozo, comprehendeu o espectáculo e, sua razão de Chefe esclarecido dita uma manobra, que posta em execução da resultados maravilhosos.

65 -- Barrozo, arremessa a Fragata Amazonas, a toda força de suas machinas, contra o primeiro navio Paraguayo que surgira na sua rota; inutilizando-o completamente, fal-o ir a pique.

66 -- Seguido a mesma inspirada manobra-tactica, avançou como um aurochs furioso contra o « ex-Marquez de Olinda » e o « Salto », pondo-os, igualmente fora de combate!

67 -- O « Paraguay », foi obrigado a encalhar em uma ilha proxima e sua guarnição espavorida e assombrada, abandonou o navio fugindo desordenadamente para terra.

68 -- Quando já o Escrivão Corrêa estava preparando-se para cumprir a ordem de fazer voar a « Parahyda », ouviram-se, do seu convez e da sua tolda gritos de Vivas ao Brazil, dos seus Marinheiros!

69 -- Era a valente Canhoneira, que livre, havia rechassado os assaltantes da tremenda abordagem, fazendo-os pagar bem caro a sua ousada empreza.

70 -- O restante da Esquadra inimiga, assombrada, aterrorizada e acovardada diante da terrível manobra de Barrozo, que de pé, em grande uniforme, as barbas brancas açoitadas pelos ventos, o cenho carregado, o gesto nobre e decidido, bem lhes pareceu o Deus da Guerra, guiado pela mão firme da Victoria, castigando tanta audacia e insolencia, lhes inspirou um terror tal, que fugiu, rio acima, num —

« salve-se quem poder », procurando escapar á sorte, que a esperava.

71 — Uma chata artilhada preparava-se para fazer fogo; quando sobre ella a Fragata Amazonas avança, mettendo-a a pique.

72 — Ainda não findou o combate! Desesperado, o inimigo recrudescce o fogo mortifero de suas abarrancadas baterias.

73 — Entre os muitos mortos que havia no convez da Parnahyba, encontrava-se o Official Paraguayo do « Taquary », que arvorou-se á arriar o nosso Pavilhão.

74 — A Parnahyba, serenada um pouco a luta, abordou, por sua vez, o « Salto », fazendo para elle passar o 1. Tenente Miguel Pestana, sendo então arriada a Bandeira Paraguaya e, içada a Brazileira pelo Imperial Marinheiro de 2a. classe Pedro Chaves.

75 — Deixando ahí um destacamento, sob o Commando do Guarda-Marinha Affonso Fonseca, voltou este, duas horas depois em um escaler, com o destacamento, pois o « Salto » ameaçava ir a pique, o que realmente aconteceu, tal a violencia do golpe do ariete da Fragata!

76 — Sobre o convez do « Salto » viam-se inumeros cadaveres mutilados, peças desmontadas, feridos agonizantes, sendo recolhido pelo Guarda-Marinha Affonso Fonseca, o Tenente João Vicente Alcaraz, Commandante do « Salto », gravemente ferido.

77 — Fôra terrivel a pugna e titanica a peleja. No Rio, estilhaços de navios Paraguayos boiavam, arrastados pela corrente, soldados a nado, feridos e cançados outros, procuravam as margens para escaparem a morte: navios encalhados, uns assoberbados pela agua, afucinhavam, outros a pique, apenas attestavam as soas existencias, no aparecimento fora da agua dos topes dos mastros, como lamentos e lagrimas, de um desespero cruel!

78 — Das 9 horas da manhã até as 4 horas da tarde, foi renhido o combate entre as duas Esquadras e, manda a Justiça que Eu aqui confesse, que ambas combateram com denodo e com coragem jamais excedida.

79 — Apesar das intenções do Capitão de Fragata Mezza, que tentara surprehender a Esquadra Brasileira e, das ordens que recebêra do Dictador Lopez de «levar para Humaytá o maior numero possível de prizioneiros brazileiros», a victoria coube a Marinha Nacional que, valente e arrojada não medindo sacrificios, realizou o maior feito de que ha noticia na historia dos combates navaes do seculo!

80 — A Batalha Naval de Riachuelo, que vos acabo de narrar, Senhores! foi a alma Parens dessa longa guerra que tanto enobreeceu e elevou a Marinha e o Exercito Brazileiros, cujo patriotismo e valor, e, cuja coragem e civismo, jamais foram postos em duvida!

81 — Gloria á Barrozo: gloria a Marcilio, gloria a Greenhalg e gloria aos nossos irmãos de farda do glorioso Exercito, que tombaram em Riachuelo, no Convez ensanguentado de nossos navios!

.....

..*

82 — A rapidez instantanea da acção de Barrozo não atropellou a tranquillidade de sua razão; viu, aggiu e venceu!

83 — A Batalha gyrou em torno de um só homem — Barrozo!

84 — A sua acção electrizou aos seus demais Commandados.

85 — Greenhalg e Marcilio Dias, serão os altos relevos da grande alma de Barrozo, assim como a — «Parnahyba» elevou-se a altura da Fragata «Amazonas» pelo alvo glorioso, que offereceu e pelas preciosas vidas de soldados e marinheiros immoladas entre as suas amuradas.

86 — A Batalha Naval do Riachuelo, estabeleceu o estylo; firmou o estylo de Barrozo no Seculo e sempre victorioso, de que fosse applicado no momento preciso, depois do estudo da situação.

87 — «O estylo é a feição peculiar das coizas. E' um modo de ser inconfundivel. E' a physiono-

mia. O estylo não se crêa, nasce: nasce por exigencia do meio, na phrase lapidar de Monteiro Lobato.

88 — Quem estudar a Batalha Naval do Riachuelo, quem estudar Barrozo como se estudou Napoleão, Annibal, Cezar e Alexandre, verificará a criação do methodo e do estylo, do seu modo de ser inconfundível, nascendo immediatamente pela exigencia do meio e dos factores postos em equação.

89 — Outra manobra, que não fosse aquella, estaria perdida a Batalha e, sem Riachuelo não teríamos Assumpção, como sem Trafalgar, não teríamos Watterloo; como sem Tshushima não teríamos a victoria dos Nippons, na Guerra Russo-Japoneza.

90 — A nossa Esquadra em Riachuelo, denunciou o paiz, manteve a terra, revivendo o passado, a raça, a alma, o coração do nosso amado Brazil!

91 — Barrozo, naquelle formidavel momento, comprehendeu o « Dever » — e, verificou, que o — « Dever » — naquelle instante preciso, seria o — « Poder » — de destruir o inimigo solette e aggiu, concretizando, centralizando o varonil poder do Brazil, na sua vontade, na sua pessoa de homem, de Chefe em quem a Terra Magnifica confiava, descansando nos seus hombros o pezo de suas tradições, as suas glorias, o seu renome!

92 — E, nem seria justo, que um « Povo », uma classe Militar, que conta em seus annaes, ephemerides vibrantes, paginas brilhantes, como a Retirada da Laguna, os Guararapes, Tuyuty e Humaytá, num momento e por um so se aniquillasse:

93 — O credo de Barrozo, era e foi o « Dever »!

94 — Não era o *credo* de Nietzch, *credo quia absurdum*, pois, se assim o fosse, não haveria urgencia de credo, conforme o autor.

95 — O velho « Lobo do Mar », não quiz o *absurdum*, mesmo implicito e, fazendo a analyse rapida da situação, bafejado pelas azas da fortuna, do genio e da victoria, investe, despedaça e vence! Era o Dever!

96 — O « Dever é o Poder ».

97 — Poder, Dever e Querer, são a mesma coisa sob aspectos differentes.

98 — A voz do « Dever », outra coisa não será, sinão o remorso, diante do acto a fazer, que se não faz !

99 — A alma varonil de Barrozo, immensa como o Mar, estava penitenciada desse remorso !

100 — Attila, o typo do barbaro, era um sonhador de imperios. Nelle, o pensar envolvia o « querer » e no — « querer » — rezidia o seu inquebrantavel e esmagador « poder ». Quiz e Pôde !

101 — Aquelle homem não conhecia o impossivel.

102 — Para realizar seus ideaes, o seu projecto grandiozo, foi preciso reunir os differentes povos de sua raça ; — reuniu-os !

« Foi urgente eliminar Bléda, seu irmão ; — Matou-o !

103 — Reunidas todas as tribus, era preciso formar ainda um povo seu ; formou-o !

104 — Impanha-se a oportunidade de subjugar os povos barbaros das cercanias ; subjugou-os !

105 — Carecia de Exercitos commandados por Soberanos ; teve-os !

106 — Era urgente dominar a Scithia ; dominou-a !

107 — E, assim, dominando quantos obstaculos se lhe antepunham, collocou-se de frente do Mundo Romano !

108 — Este homem que fez da Europa um mar de sangue, era um soldado por excellencia ; um chefe nato e lidimo ; tinha comprehendido, como Barrozo comprehendeu e ficou de posse do segredo das mysteriozas palavras : « Querer, Poder e Dever ».

* * *

109 — A guerra é uma calamidade, alem de ser o cadinho onde tambem se funde o progresso e donde voam novos ideaes ; temos que supportal-a e soffrel-a, por ser ella uma das condições da humanidade.

110 — Não devemos continuar na apathia adormecida de ser fracos militarmente.

111 — « A historia e as proporções humanas teem demonstrado a impossibilidade de se regularem as questões vitaes dos povos polo meio pacifico da arbitragem e quanto mais se estabelece o contacto com as forças claras ou occultas, que dirigem as relações entre os homens, tanto mais se comprova o facto desanimador de que o milénio está hoje tão longo como sempre esteve.

— « As predições dos velhos prophétas biblicos acerca de guerras e boatos de guerras são tão impertinentes em nossos dias como antes do advento de Christo ».

— « Podem ter mudado os processos desde a concepção da Religião Christã, mas, os resultados serão attingidos, no presente, como o foram no passado — pelo direito de um braço poderoso empunhando a espada » —

112 — Senhores ! Ao homem intelligente eu fallo pela intuição do espirito ; eu quero agir sempre com a mais profunda percepção da verdade ; viver a vida interna no manifestado e, por isso, vos direi, que — « desde que a historia existe, as relações entre os povos fracos e os povos fortes, foram sempre exactamente iguaes ás dos caçadores com a caça », conforme — Gustave le Bon.

113 — No recente livro da lavra fecundissima do meu illustre Collega Snr. Commandante Annibal Gama — « A Conferencia de Washington — Estudos Criticos » —, lemos que todas as nações militarmente fracas, devem aproveitar a lição da China e, nós somos um povo fraco, sob o ponto de vista militar — A illusão de Washington se torna evidente quando se descobre que não foi o horror a guerra que estabeleceu as tregôas nas construcções navaes — Os preços de oito milhões de libras e dois milhões, do custo de dois typos de navios de superficie, notadamente o « Hood » e « Tosa », são muito eloquentes para surprehender aquelles que meditam sobre possibilidades financeiras dos povos em crise — A mais espantosa das formas de guerra — a luta aerea, ficou sem régulamentação — Somente o navio Capital,

monstro que devora milhões, adormeceu para 10 annos em um lethargo de pobreza.

— «Essa tregoa, victoria dos fortes, não os prejudicou de maneira alguma.

114 — E, por isso, como Barrozo, abramos o caminho para a frente, para a victoria, como os *ros-truns* de nossos enthusiasmos, com as provas e arietes do nosso grande Amor a esta Terra, a sombra da Bandeira, verde loiro ate hoje não vencida!

115 — Bandeira de minha Patria, que tremulou no penol das Carangueijas em Riachuelo e que hoje se debruça e se balança, acariciada pelos zephyros amorosos, da Terra do Cruzeiro, como suspensa lagrima de luz!

116 — Ainda da Batalha, dois exemplos, como dois fios d'agua crystalina, effluem do gesto de Barrozo, avolumam-se, crescem e assoberbam todos os recantos da Patria, como o Amazonas soberbo, quando alaga copiozo e fecundante; pretendo referir-me, Snrs! ao Imperial Marinheiro Marcilio Dias e a Greenhalg, almas encarnadas nos mais perfeitos patriotas, exemplos de Marinheiros e paradigmas de Officiaes.

117 — O patriotismo é funecção de uma intelligencia perfeita, desenvolvida e educada.

Um analphabeto nunca será um patriota, por isso mesmo que é analphabeto.

118 — Uma nação sem instrucção publica efficaç e rigida, uma nação de maltrapilhos, trapaceiros, uma nação onde o povo não souber ler, não pode, em absoluto, contar com a dedicação de seus milhões de filhos.

— A instrucção é a escola do civismo, o berço do patriotismo.

119 — Todas as reformas, reorganizações do que nunca foi organizado, mudanças de forma ou programmas de ensino, copias de outros povos mal traduzidas e mal assimiladas, adaptadas aos nossos costumes, nada produzirão ou apresentarão os resultados negativos, que conhecemos, enquanto o povo, a massa for estúpida e grave, ignorante e hypocrita e, sobretudo — analphabeta!

120 -- Sob a egide do famoso e festejado Eça de Queiroz, vem a talho de foice, relatar-vos:

— «A França estacou em Sedan. Nação de Guerra, soldado de Deus, e tendo até ahí posto toda a sua honra nas armas, não quiz confessar, que fora vencida pelo Compendio, pelo — livro do professor Allemão.

121 — «Com effeito, o professor la estava tambem, nos altos de Sedan, d'oculos, grossas barbas ruivas mas sem compendio, com uma carabina e quem commandava era Moltke e não Hegel.

122 — Na realidade, não vencera nem o compendio e, nem o rifle, mas a forte alma germanica, alma submissa, disciplinada, respeitadora, generosa e seria, que estava no soldado e estava no professor.

123 — «Ao fim da Batalha, os Francezes encurralados no vale de Sedan, choravam, clamavam, injuriavam, desabafavam em blasfemias e tentavam arremetidas furiozas!

124 — «E, no entanto, sobre as colinas, os Exercitos Allemães trezentos mil homens com uma so vóz, uma lenta e grave vóz, cantavam na sombra crepuscular o choral de Lutero!

125 — Este choral, cantado em Sedan, numa tarde de Batalha, por um Exercito, Senhores! vale bem o Sacrificio da Missa, ouvida por Barrozo na imminencia da luta, cujas descargas Paraguayas foram os sagrados sons dos tympanos christãos, annunciando aos fies a elevação da Hostia:

126 — Hostia Sim! Senhores! porque a Patria estava circumscripta em Barrozo, Marcilio e Grenhalg que se deram ao Sacrificio com a satisfação de o terem merecido!

127 — «Nós temos alguma gloria e, o grande Ruy nos diz que o mar é um curso de força e uma escola de previdencia. Todos os seus espectaculos são lições; não os contemplemos frivolamente. Longe vae o tempo, quando em 1865, as aguas do Prata e Rio Paraná davam testemunho de proezas involvidaveis, consummadas por uma esquadra de heróes brasileiros.

Acabava a Guerra separatista nos Estados Unidos, que tamanha revolução produzira nas artes da luta naval. E, comtudo, affirmam os mestres, que a campanha fluvial do Paraguay não foi nem menos glorioza nem, a certos respeitoz, menos instructiva. Nos maiores movimentos estretégicos do nosso conflicto com o despota de Assumpção, coube sempre a nossa Armada uma parte capital, deciziva, admiravel e a bravura dos nossos Marinheiros, sua intelligencia, sua capacidade mostraram em nós, ao mundo, o nervo de que se faz o character das nações!»

128 — Eu aqui nada invento, porque, so aos genios é dado inventar, descobrir. Evidentemente não pode haver originalidade neste meu trabalho, que por sua natureza é destinado a repetir os factos por outros ja contados. Ainda assim, sobra-me a liberdade na escolha da forma da reprodução, o senso na apreciação dos differentes phases da formidavel Batalha, da sua importancia, suas consequencias e seus vultozos ensinamentos, lumes vivos, pharóez maravilhozoz, ainda hoje marcados por todo aquelle que, veste uma farda de Marinheiro e tem sede de saber.

129 — Verdadeiramente, o preparo technico, o estudo methodico das guerras e batalhas, levar-nos-ão á acêrtos e victorias e, por isso, o estudo da guerra Naval, no tempo de Nelson e Barrozo, ainda desconhecido e, apenas manifestando-se por surtos magnificos de formidaveis victorias assignaladas, nascidas unicamente do — genio —, criterio superior e, inspiração momentanea dos valorozos chefes; não obdecia a uma orientação endoutrinada e, se perdia, em opiniões divergentes, visto como, sem bazes solidas, obdecia a vibrações momentaneas das circumvoluções cerebraes dos Almirantes, actuados pelas condições do momento.

130 — O combate naval de antanho é o embrião da techica da guerra-naval de hoje. No seu desenrolar vibrava a cellula matter, o protoplasma da technica da Guerra-Naval hodierna, estudada e professada e desenvolyida em todos os seus minimos

detalhes, em face do adiantamento da sciencia Naval moderna.

131 — O official da Marinha de Guerra de outr'ora, possuia o conhecimento das armas alliado a um valor pessoal notavel, mas, ignorava o conhecimento exato de sua utilização systematica, na guerra no mar.

132 — Hoje, ninguem que vista uma farda de Marinha ignora a ideia da necessidade urgente e mais que immediata da cooperação do Exercito e Armada no desenvolvimentos dos planos de guerra, assim pelo mar, como em terra e pelo ar.

133 — Os cerebros do Exercito e da Marinha precisam-se ligar e, ja hoje encontram-se ligados para a constituição da unidade da doutrina.

134 — Eu não sou daquelles, que alimentam no seu intimo a candida utopia da paz universal, que pelo facto de sermos pacíficos e não desejarmos a guerra, ninguem nol-a declarará; longe disso!

135 — Julgo que nos devemos preparar no cabedal necessario a conducta e a direcção da guerre. A competencia technica, tem que ser adquirida a custa de tempo, muito estudo e madura reflexão.

136 — No momento, a Escola Naval de Guerra, onde a technica da Guerra Naval é superior e cabalmente ministrada, tem diplomado Officiaes, que agora sentem os seus enormes, salutaes beneficios.

137 — « Roosevelt, em uma occasião, em 1905, quando fallava ao Senado em Washington, disse, entre outras coizas, as que se seguem: — « Em todas as oportunidades, o fim que devemos ter em vista é a — Justiça. Pode porem acontecer, que a Paz e a Justiça entrem em conflicto e, então uma nação grande e leal não deve hesitar um momento em seguir o caminho que a conduza á Justiça, ainda que este caminho a tenha de levar a uma guerra ».

138 — Depois dessas considerações a victoria excellente de Barrozo em Riachuelo resalta e brilha numa pujança esmagadora e solenne. Barrozo venceu, por que, tendo examinado a situação, resolveu transformar a prôa da Fragata « Amazonas » em for-

midável, mortífero arieto e assim, num gesto rápido, que tudo define, assignala em meio da refrega, que o « Brazil espera que cada um cumpra o seu Dever » e, começa, com o exemplo, cumprindo o seu!

139 — Investe, aniquilla e arraza os navios Paraguayos, na luta corpo a corpo de navio contra navio!

140 — O exemplo electriza as Guarnições, que com tal Chefe, so a Deus deve temer!

141 — A victoria ou a *debacle*, dependem, na guerra, do modo, do acerto lucido pelo qual os Chefes fizerem o « exame da situação ». Barrozo, tanto mais se revelou um Chefe de elite, por ter, um luminoso e brilhante momento, tudo comprehendido e rezolvido o problema pela unica formula possivel naqualle instante, dada a immensidade da audacia inimiga, o rio, os navios, os encalhes, os planos adversos, a feição do terreno, as barrancas artilhadas, as chatas atirando ao lume dagua dos navios, as abordagens, o character do inimigo, o que de tudo bem apercebido e, postos os elementos em equação, como diriamos hoje, no Taboleiro do Jogo da Guerra, rezolveu sem tibieza e, venceu, dando o exemplo com sobranceira galhardia, consagrando-se um heróe, aclamado por nossas almas, extacticas de admiração!

142 — A Allemanha venceu em Sedan, porque fez um perfeito exame da situação e, na ultima grande — Guerra Mundial, o seu insuccesso nasceu por se ter feito acreditar — « sem o exame da situação » — que o conflicto formidável, que abalou os alicerces do mundo, duraria trez mezes apenas!

143 — Foi fatal e esmagador commettido no « exame da situação ».

144 — Foi ainda, quando culminou a campanha submarina sem restricções, sem tomar o pulso dos neutros, sem examinar as possibilidades, de por tal campanha, unirem-se aos Paizes da Entente!

145 — Napoleão venceu sempre, enquanto « examinou a situação » e, Nelson em Trafalgar, antes da Batalha, ja era vencedor, pelas ordens completas e precisas, que escreveu no seu famoso do-

cumento respeito a mesma, num soberbo — «exame da situação» —

146 — Foch, nos seus principios de guerra, explica que primeiro devemos apprender as regras para depois applical-as aos cazos concretos; não sendo possível estudar no terreno da batalha» —

147 — Ah! procurar-se-á fazer o que for possível para utilizar o que é sabido e, para fazer um pouco é preciso saber muito»

148 — O genio admiravel de Barrozo, depois do que fica exposto, assombra aos nossos espiritos em geral e dos Marinheiros em particular, revelando-se em toda a plenitude de sua scintillante pujança, num brilho diamantino e sem jaça de um *Chefe-Perfeito*, assimilador de toda essa sciencia em embrião e em ebolição latente, em sua alma de gigante.

149 — O nosso querido Brazil tem commettido a falta de esquecer-se de sua Armada, de não preparar o seu Exercito, e, o nosso hymno, em suas estrophes, bem claro verba: « — Deitado eternamente em leito esplendido».... referindo-se ao colosso!

150 — Ora! Senhores! não será deitado, que o Brazil occupará o lugar que lhe compete entre, as Nações, lugar assegurado pelas glorias de Barrozo Tamandaré, Ozorio, Andrade Neves, Caxias e tantos outros varões illustres!

151 — Levante-se esse Gigante, que sua sombra atterrará aos indolentes e la diz a Biblia: — Saul, foi acclamado Rei, por ser mais alto, que todo o seu povo, do hombro para cima!

152 — O Brasil, como Saul, sobreleva em tamanho, quasi todos os Paizes do globo!

153 — E' tarda a hora e eu leio o cansaço em vossos olhos, terminarei, sem relatar-vos o que li em

Colmar Von Der Goltz, Maillard, Mac-Mahon, Langlois, Blücher, Dragomiroff a quem devemos a preparação das tropas para o combate: General Falkenhayn, Frederico II, Frederico Carlos, Cordonnier, a quem devemos o methodo no estudo da Estrategia, Daudignae, onde aprendemos as realidades dos combates etc. e, peroraréi dizendo-vos: — «Eu não estive em Rhodes, onde se eleva o Colosso, nem em Panopia, na Phocida, onde houve a argilla de que se serviu Prometheu para crear os homens; nem em Esparta, onde Léda pôz óvos, nem em Athenas, onde está a celebre couraça Sarmata feita de cascos de cavallos; nem em Eubéa, onde Agamemnon amarrou o seu navio; não vi a taça modelada sobre o seio esquerdo de Helena; nem Alexandria, Memphis; nem as Pyramides, porem estive, Senhores! na Escola Naval do Brazil e alli existe, rodeiádo pelos Carinhos da Mocidade e o respeito dos velhos — Um Mastro, que foi da Fragata «Amazonas», que tomou parte na Batalha Naval do Riachuelo, mastro que viu Barrozo rodeiádo de sua gloria, ao pé do qual o mar clama: Marinheiros! Marinheiros, Marinheiros e estes respondem ao Mar:

— «Foi prodigio! Riachuelo assombra.
 E' custozo pensar nessa Batalha;
 Deus alli trabalhou.
 Alli da morte difundir-se a sombra
 Em manto que era purpura e metralha
 E que ao mundo espantou

A peleja rompeu como um incendio;
 Um diluvio de fogo inunda o rio
 Que referve em cachão
 E rola e sobe e engole o vilipendio
 De mistura co'a legião sem brio
 Que defende o falcão.

— Foi hora de explosão e de loucura;
 Hora sem luz, sem vida, hora de morte;
 Uma hora que é um fim.

Hora que aterra o anjo da bravura
Hora em que tudo oscilla, ate a sorte,
Hora sem outra assim!

Transformou-se em catastrophe a coragem
Surgiu de unhas de tigre o heroismo;
Foi tudo combustão!
Rasgou-se o rio em horrida voragem
E sedentos travaram-se no abysmo
A hiena e o leão.

Tudo range, vacilla, chia, estalla;
O machado, o vapor, o arpêo, a espada,
Homerico fragôr!
Os navios varados pela bala;
A Bandeira voando esfarrapada,
E os Brasidas sem côr!...

Barrozo empolga o genio do perigo;
Quasi estatua de chôfre se electriza,
E embocou o porta-vóz.
E parte e vóa e cai sobre o inimigo
E quem, ja fundo, o mêdo paraliza
O delirio feroz.

A victoria scintilla de repente
Como luz de relampago; a esquadra,
Como um orgão soou
Nas mil notas do hymno refulgente
Que a epopeia brazilica enquadra
E que o Mundo saudou!...





Actas das sessões do Instituto Historico

Sessão Extraordinaria de 24 de Maio de 1925.

Aos vinte e quatro dias de Maio de mil novecentos e vinte e cinco, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, teve lugar a conferencia do illustre consocio, o jornalista e grande intellectual João Esteves da Silveira, sobre o thema « A Batalha de Tuyuty », previamente annunciada.

Compareceu toda a Directoria, grande numero de associados e muitos convidados, achando-se o salão repleto de cavalleiros de destaque social, senhoras e senhorinhas da nossa melhor sociedade.

Presente o Exm. Snr. General Marçal Nonato de Faria, digno executor do sitio, neste Estado, officialidades dos 20. e 28. Batalhões, Commandante do Copo Policial e Officialidade deste Corpo, foi aberta a sessão, pelo Snr. Presidente effectivo do Instituto, Almirante Amyntas Jorge, que dirigiu a sessão, mas cedeu a cadeira presidencial á S. Excia. o Snr. General Marçal.

Aberta a sessão, o Snr. Almirante leu uma bella saudação allusiva ao dia, como preito de homenagem áquelles que glorificaram os seus nomes e a patria Brasileira, cuja saudação aqui transcrevemos na integra:

« Exm. Snr. General Marçal Nonato de Faria, Senhores Commandantes e demais officiaes presentes, Minhas senhoras, Meus senhores:

© Instituto Historico e Geographico de Sergipe

quize, num gesto de civismo e amor patrio, homenagear ao inclito exercito nacional, nas pessoas de seus dignos representantes aqui presentes, por meio de uma conferencia a proposito do grande feito d'armas, que foi a mais sangrenta batalha travada em terras da America do Sul, a 24 de Maio de 1866, entre forças paraguayas e as constituidas pelos alliados na guerra a que fomos impellidos.

Não se afastando desta forma da sua verdadeira norma de acção, o Instituto cumpre assim o seu dever revivendo no espirito de nossa sociedade os factos historicos e os nomes daquelles que, por seus feitos gloriosos, se tornaram merecedores da gratidão nacional.

É o que é mais, meus senhores, elle inicia a justiça que a posteridade ha de prestar ao culto dos heroes, lembrando-os e trazendo-os de novo aos corações dos presentes.

As forças regulares de uma nação, queiram ou não queiram os idealistas, serão sempre o padrão de sua estrutura moral e a expressão mais viva de sua integridade internacional.

Ellas, effectivamente, não são senão a propria imagem da patria e, na sua nobre e alta missão, constituem ainda o maximo expoente de sua representação social. Homenageal-as pois, e cercal-as do respeito e da gratidão a que fazem jus; é elevar o proprio principio de veneração e amor á patria estremecida, que ellas representam.

Não é demais, por conseguinte, que aqui vos tivesse congregado o Instituto para, unisonos, entoarmos hymnos de glorificação á memoria daquelles que, na memoravel pugna, souberam com suas vidas, deffender a integridade da nossa patria amada, o nosso grande Brasil.

Lembrarmos os nomes de Osorio, Ferrão, Mallet, Menna Barretto, Sampaio e outros tantos bravos que lá se glorificaram, é render no altar da patria o tributo de veneração que lhes devemos, e é, ao mesmo tempo, nos dignificarmos pelo dever cumprido.

Os povos que se presam, Exmas. Senhoras e

meus senhores, não podem nem devem alheiar-se ao cultivo de taes sentimentos e nem baste que se perpetue ao bronze e nas paginas da historia os nomes e os feitos gloriosos; preciso é ainda que se os reviva pela palavra nos ensinamentos que nos legaram e nos feitos memoraveis com que se illustraram.

Como synthese perfeita de taes verdades, preciso é que todos saibamos ver na farda, a razão de ser de sua alta função na vida nacional.

Não é de hoje, mas de tempos longinquos, a veneração respeitosa tributada áquelles que se investiram de tão nobre e abnegada missão. Mas, senhores, devo por aqui ficar contente com a selecta assistencia aqui reunida e orgulhoso por haver concorrido com o meu fraco e patriótico empenho para a realisação desta homenagem ao valoroso exercito nacional, não devo por mais tempo privar-vos de ouvir a apothose á gloria, erguida pelo fulgurante espirito de João Esteves que nos relembrará os nomes daquelles que, por seus actos de abnegação e bravura nos legaram o facto historico que a data de hoje nos faz recordar com saudades e reverencias.

Finda esta saudação, mandou a senhor Presidente que o Snr. 1.º Secretario lesse a acta da sessão anterior, a qual, depois de lida, foi approvada.

Foi lido ainda pelo Snr. 1.º Secretario o expediente, que foi longo, tendo o mesmo Secretario apresentado á mesa, varios jornaes e revistas recebidas pelo Instituto. Em seguida, foi dada a palavra ao illustre confrade João Esteves para ler sua conferencia, assumindo o orador incontinente, a tribuna dando inicio á sua bella palestra sobre a batalha de Tuyuty, cujo trabalho, agradou geralmente, tanto a parte historica, como a exposiçáo que foi feita com enthusiasmo e rectidão; sendo ainda apreciada como uma peça litteraria.

O orador mais uma vez se impoz ao auditorio, que o applaudiu com enthusiasmo, confirmando assim o conceito que já está firmado em nosso meio, de ser o mesmo um genio na oratoria.

Inquirindo ao auditorio o Snr. Presidente se

mais alguém desejava pedir a palavra, levantou-se o coronel Adelino, digno commandante do 20.º batalhão de caçadores, que, commovido, agradeceu ao Instituto, em seu nome e no de seus companheiros de farda aquella homenagem, fazendo em torno da patria, conceitos de grande valor, sendo tambem applaudido pela assistencia. Terminado este agradecimento do Coronel Adelino, levantou-se o Snr. General Marçal Nonato de Faria e, em palavras sinceras e sisudas, agradeceu ao Instituto, ao digno orador e á selecta assistencia, a homenagem alli prestada aos bravos de Tuyuty, terminando o seu agradecimento com uma chuva de palmas partida do auditorio. Levantou-se então, o Snr. Almirante Amyntas, e tomado de verdadeiro enthusiasmo, agradeceu o comparecimento de todes, que representava um apoio moral ao Instituto na sua nova phase, depois do que encerrou a sessão. E como nada mais houvesse encerrei a presente que assigno com o Snr. Almirante Presidente, na ausencia do Snr. Dr. 2.º Secretario, que continúa doente.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Nyceu Dantas, 1.º Secretario.

Sessão de 6 de Junho de 1925

Aos seis dias do mez de Junho de mil novecentos e vinte e cinco, na hora regulamentar, na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, presentes os membros da Directoria, foi pelo Snr. Almirante Presidente aberta a sessão e lida pelo Snr. 1.º Secretario a acta da sessão anterior, a qual logo após a leitura foi unanimemente approvada.

Expediente. Constou de officios de varias associações agradecendo a communicação da posse do Snr. Almirante na presidencia do Instituto, os quaes depois de lidos pelo Snr. 1.º Secretario foram mandados archivar. O Snr. 1.º Secretario apresentou varios livros, jornaes e revistas que foram offertados

ao Instituto, dadivas que vieram enriquecer a sua bibliotheca.

Ordem do dia. Com a palavra o Snr. Presidente disse que estando proximo o dia em que realisará no Instituto uma conferencia sobre a batalha naval de Riachoello, o illustre consocio Capitão de corveta Mario Diniz de Araujo, ordenou que se fizessem desde já os convites ás pessoas gradas e fossem tomadas todas as providencias para que a conferencia já annunciada tivesse o maximo realce, lembrando nesta occasião quaes as providencias reclamadas uma por uma.

Faltando um membro da commissão de historia, do Instituto, com a vaga aberta com a morte do saudoso e nunca esquecido Desemb. Armindo Guaraná, designou o Snr. Presidente para todos os effectos, e de accordo com os estatutos, o professor Clodomir Silva para preencher a vaga existente e recommenidou ao Snr. 1.º Secretario a respectiva communicação. E nada mais havendo, foi encerrada a sessão, escrevendo ou a presente acta por se achar doente o Snr. Dr. 2.º Secretario.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Nycen Dantas, (1.º Secretario).

Acta da Sessão Extraordinaria de 11 de Junho de 1925.

Aos onde dias do mez de Junho de mil novecentos e vinte e cinco, n sêde do Instituto Hist. e Geogr. de Sergipe, as vinte horas, teve lugar a conferencia do illustrado consocio Snr. Capitão Te. Mario Diniz de Araujo, estando o salão do Instituto repleto de convidados, notando-se o que ha de mais selecto tambem presentes o Exm. Snr. Dr. Presidente do Estado, representante, do Snr. Bispo de Aracajú, e do Snr. General Marçal Nonato de Faria, commandante e officiaes do 23 Batalhão e commandante e officialidade do Batalhão Policial.

As 20 horas em ponto, abriu a sessão o Snr. Almirante Amyntas Jorge, presidente effectivo do Instituto, que depois de dizer com enthusiasmo, algumas palavras em allusão ao dia, á grande data commemorativa do maior feito da nossa marinha, mandou que o Snr. 1.º Secretario procedesse a leitura da acta da sessão anterior, o que foi immediatamente feito, sendo a mesma incontinentemente approvada.

Em seguida deu a palavra ao Snr. Capm. Te. Mario Diniz de Araujo para ler sua conferencia, subindo este illustrado consocio á tribuna immediatamente. Applaudido de começo ao fim, leu o distincto official de nossa marinha o seu importante trabalho, que por todos foi considerado uma bella peça de grande valor historico e litterario. Agradou immenso a conferencia do illustrado consocio, que leu com verdadeiro enthusiasmo e intelligencia, deixando o auditorio satisfeito e muito bem impressionado.

Ao terminar, foi muito applaudido. Dando a palavra a quem pretendesse fallar, entre os presentes, o Snr. Almirante, levantou-se o Snr. Sargento Moraes, e, do lugar onde se achava, disse algumas palavras em allusão á grande data historica, sendo ao terminar applaudido pela selecta assistencia. Nada mais havendo, agradeceu o Snr. Presidente o comparecimento de todos os presentes e encerrou a sessão, que correu animada, fazendo eu a presente acta que assigno com o presidente, em vista de continuar doente o Snr. 2.º Secretario Dr. Magalhães Carneiro.

(Ass.) *Amyntas F. Jorge*, Presidente.
Nycen Dantas, (1.º Secretario).

Acta da Sessão Extraordinaria de 8 de Julho de 1925.

Aos oito dias do mês de Julho do anno de mil novecentos e vinte e cinco, no salão em que tem sua sêde o Instituto Historico e Geographico, presentes a directoria, socios e pessoas de distincção, occupou

a presidência da reunião o Sr. Almirante Amyntas José Jorge e declarou aberta a sessão de commemoração do feito político de 8 de Julho de 1820 para o qual teve palavras de largo louvor, pelo quanto elle valeu como elemento organizador de nossa evolução. Dada a palavra ao orador da Sociedade, Dr. Hunald Cardoso, por elle foi proferida uma vigorosa saudação aos patriotas sergipanos que se esforçaram pela obra de autonomia de Sergipe, obra que embora os entraves que se lhe oppuzeram assignalou o feito mais positivo de nossa vida politica, e terminou pedindo a inserção na acta de um voto de louvor aos abnegados que pugnaram pela liberdade de nossa terra.

Em seguida, falou o socio Clodomir Silva, servindo que estava de Secretario, em falta do 2.º e do 1.º do Instituto, e pediu se fizesse inserir na acta um voto de elogio aos grandes homens que fizeram opposição ao poder dictatorial da Bahia que impediu se effectuasse a volta de Sergipe á sua autonomia, e aos vultos notaveis que fizeram a jornada inesquecivel de 3 de Março de 1823, symbolizados os primeiros em Pedro Vieira de Mello e os outros na Camara de S. Christovam. O socio Dr. Manuel dos Passos de Oliveira Telles orou expondo qual a razão do decreto de 8 de Julho, e poz termo a seu discurso solicitando que o Instituto, em face de suas razões, se dirigisse a todas as casas de estudos historicos e geographicos demandando a substituição da forma — Independencia de Sergipe — pela verdadeira — Restauração da autonomia de Sergipe.

Todos esses pedidos foram deferidos pelo Sr. presidente. Dada a palavra a quem quizesse della usar, falou o Dr. Hunald Cardoso a respeito do busto a erigir do esclarecido e digno sergipano general Ivo do Prado, dizendo seria conveniente agir quanto antes neste sentido, para o que pedia a nomeação de uma commissão.

Foi designado o orador para tratar deste assumpto na companhia dos socios almirante Amyntas Jorge e professor Clodomir Silva. Nada mais haven-

do a tratar, deu-se por encerrada a sessão da qual, como secretario *ad hoc* lavrei a presente acta, a qual vai devidamente assignada.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Clodomir de Souza e Silva, Secretario *ad hoc*.

Acta da Sessão Extraordinaria de 14 de Julho de 1925.

Aos quatorze dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte e cinco, na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, ás 20 horas, reunida toda Directoria, grande numero de associados, numerosa assistencia, deu entrada no salão. S. Excia, o Snr. Presidente do Estado, acompanhado do mundo official e da Directoria do Instituto, tomando assento na cadeira presidencial. Estava presente tambem a Exma. Viuva do saudoso associado Desembargador Armindo Guaraná, convidada para assistir a inauguração do retrato de seu extincto marido. Manifestando o Exm. Snr. Presidente do Estado, que desistia de dirigir os trabalhos da sessão, declarou então, o Sr. Almirante, presidente effectivo do Instituto, aberta a mesma, explicando de logo, os motivos da reunião e mandando que o Secretario procedesse a leitura da acta da sessão anterior. Lida a acta foi approvada. Em seguida, o Snr. Presidente do Instituto leu uma magica oração em que poz em relevo a data historica do dia e enalteceu a pessoa do extincto e saudoso consocio Desembargador Armindo Guaraná, terminando a sua bella oração, inaugurando o retrato daquelle que, em vida, foi um exemplo de character, intelligencia e trabalho, sendo muito applaudido pela numerosa assistencia.

Em seguida deu a palavra ao orador da casa, Dr. Hunald Cardoso, para fazer o elogio do morto. Com a palavra o Dr. Hunald, leu um bello e empolgante trabalho sobre a pessoa do Desembargador Armindo Guaraná, esclarecendo pontos desconhecidos

dos de sua vida, que foi trilhada no caminho da honra, do trabalho e do dever.

O trabalho do orador do Instituto, foi co-pleto e agradou geralmente, terminando debaixo de uma chuva de palmas.

Neste momento, quem olhou para a Exma. Viuva do inesquecível Desembargador Armindo Guarana, havia de ter comprehendido que ella achava-se tomada de forte commoção.

Seguindo-se, deu o Sr. Presidente, a palavra ao illustrado consocio Dr. Helvecio Andrade para ler sua conferencia sob o thema « O 14 de Julho de 1789 ou a Tomada da Bastilha e suas consequencias politico-sociaes ». Assomou então, a tribuna, este illustre intellectual e leu com elegancia, intelligencia e arte, a sua magistral conferencia, que foi ouvida pelos presentes com a maxima attenção, tal o interesse de todos. Sempre applaudido no correr da leitura da sua bella conferencia, terminou por um applauso geral e pela execução da Marselhesa pela banda de Policia.

Disse ainda algumas palavras de agradecimentos aos presentes, o Sr. Almirante Presidente do Instituto, encerrando a sessão, tocando nesta occasião, a garbosa banda de Policia, o hymno Nacional e de novo a Marselhesa, que foram ouvidos de pé por toda assistencia. Foi uma magnifica sessão.

E como mais nada houve, encerro a presente, que vae por mim assignada, na falta do Dr. 2.º Secretario, que continúa doente, e pelo Sr. Presidente.

(Ass.) *Amyntus J. Forge*, Presidente
Nycou Dantas, 1.º Secretario.

Acta da Sessão da Assembléa Geral de 30 de Julho de 1925.

Aos trinta dias do mez de Julho do anno de 1925, ás 19 horas, na sêde do Instituto Historio e Geographico de Sergipe, sob a presidencia do exmo.

sr. Almirante Amyntas José Jorge, havendo numero legal de socios, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da anterior.

No expediente, o 1.º Secretario, dr. Nyceu Dantas, declarou que o Instituto havia recebido dois fasciculos «Estudos de ethmographia» procedidos na India e no Nordeste brasileiro pelos autores Eduardo Seler e Theodoro Koch, indo para se agradecer.

Na ordem do dia, com a palavra o sr. presidente Almirante Amyntas José Jorge, disse que deixava de apresentar o seu relatorio, conforme determinavam os Estatutos, por se julgar dispensado desta exigencia, uma vez que sua presidencia datava de pouco tempo. Comprometia-se, todavia, a, no acto da transmissão da presidencia ao novo titular que fosse eleito para o biennio de 25 a 27, expor á casa os factos mais caracteristicos de sua curta administração. Em seguida, com a palavra o 1.º Secretario, leu bem circunstanciado Relatorio, expondo sua acção no dirigir a Secretaria e fazendo a relação dos bens e dos valores do Instituto que se pozera a sua guarda. Declarou o 1.º Secretario que tudo quanto recebera, conservara com carinho, achando-se muito satisfeito e prompto para tudo entregar áquelle a quem o Instituto se dignasse de escolher para o substituir. Referia-se com respeito e admiração ao exmo. sr. dr. Graccho Cardoso, actual presidente do Estado, a quem o Instituto já devia grandes favores e terminou com palavras de louvor ao exmo. sr. Almirante Amyntas José Jorge, presidente actual, que tivera a felicidade de inaugurar para o Instituto uma nova vida de actividade e de labor.

Concluida a leitura do Relatorio do 1.º Secretario, o sr. presidente propoz um voto de agradecimento ao dr. Nyceu Dantas pelos seus honestos e desinteressados esforços.

Proseguindo-se, o sr. presidente declarou que como o objecto principal da sessão, era eleger-se a nova Directoria e as Comissões permanentes para o biennio de 1925 a 1927, ia se proceder a eleição. Corrido o exscrutino, deu o seguinte resultado.

Directoria — Para presidente: Almirante Amynthas Jorge, vinte e nove votos (29); 1.º vice-presidente: Dezebargador Evangelino de Faro, trinta votos (30); 2.º vice presidente: Dr. Joaquim do Prado Sampaio, trinta votos (30); Secretario Geral, Dr. Hunald Cardoso, trinta votos (30); 1.º Secretario, Dr. Nyceu Dantas, vinte e nove votos (29); 2.º Secretario Dr. Magalhães Carneiro vinte e nove votos, (29); Orador, Professor Clodomir Silva, vinte e nove votos, (29); Thezoureiro, Dr. Edgar Coelho, trinta votos (30). *Commissões permanentes — Fazenda e Orçamento* Cel. José da Silva Ribeiro, trinta votos (30); Cel. João Ceciliano Andrade trinta votos, (30); Cel. Guilhermino Rezende, vinte e nove votos, (29); *Historia* — Dr. Manuel dos P. de O. Telles, trinta votos, (30); Dr. Elias Montalvão, vinte e oito votos, (28); Professor Arthur Fortes, trinta votos, (30). *Geographia* — Dezebargador Liberio Monteiro trinta votos, (30); Professor Graça Leite, trinta votos, (30); sr. Florentino Menezes, trinta votos (30).

Manuscriptos e Autographos — Dr. Monteiro de Almeida, trinta votos (30); Dr. Alcibiades Paes, trinta votos (30). Dr. Costa Filho trinta votos, (30); *Admissão de socios* — Dezebargador João Maynard, trinta votos, (30); Dezebargador Lupcino Barros, trinta, votos, 30; Dr. Francisco Travassos, vinte e nove votos (29). *Revista* — Dr. Nobre de Lacerda, trinta votos, (30); Dr. Claudio Ganns, trinta votos, (30); Epiphanio Doria, trinta votos, (30); e outros menos votados para a Directoria e para as Commissões Permanentes.

Concluida a apuração dos votos, o sr. presidente proclamou eleitos os consocios mais votados e depois de agradecer o comparecimento á Assembléa Geral, marcou o dia seis de Agosto proximo para ter lugar, em sessão solenne, de anniversario a posse da nova Directoria e encerrou a sessão. Do qual, de tudo lavrei eu a presente acta que assigno.

(Ass.) *Amyntus J. Jorge*, Presidente.
José de Magalhães Carneiro, 2.º Secretario.

Acta da Sessão Extraordinaria de 6 de Agosto de 1925.

Aos seis dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e cinco, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, às 19 horas, com extraordinaria comparencia de associados e pessoas de destaque de nossa melhor sociedade, presentes os representantes de S. Excias. o Snr. Presidente do Estado, do Snr. General Marçal Nonato de Faria e do Snr. Bispo de Aracaju, Senhoras e Senhorinhas, foi pelo Snr. Almirante Presidente do Instituto aberta a sessão e declarados os fins da mesma, que eram a posse da nova Directoria e Comissões Permanentes que têm de gerir os destinos sociaes do Instituto durante o periodo de 1925 á 1927 e ter lugar a conferencia do dignissimo consocio, illustre intellectual Sergipano Dr. Prado Sampaio, ordenando em seguida ao Snr. 1.º Secretario a leitura da acta da sessão anterior.

Lida a acta, foi approvada.

De novo, com a palavra o Snr. Almirante, leu o seu relatório, dando conta da sua gestão, declarando afinal empossados os novos directores e membros das comissões permanentes, terminando por um appello a todos os eleitos para que o ajudassem na sua administração e por conceder a palavra ao orador da casa Prof. Clodomir Silva. Com a palavra este, produziu um bello e demorado improviso fazendo um completo historico da vida passada do Instituto e o elogio dos socios fallecidos. Terminando o orador, deu o Snr. Presidente a palavra ao Dr. Prado Sampaio para dizer sua conferencia, assumindo incontinentemente o illustrado intellectual a tribuna, lendo seu importante trabalho intitulado — A historia da Poesia Sergipana — com o estylo fino que lhe é peculiar. A conferencia do illustrado consocio muito agradou e nella foram lembrados os nomes dos nossos poetas mais em destaque entre os vivos e mortos. Ao terminar a leitura da sua bem ellaborada conferencia foi o Dr. Prado Sampaio muito applaudido.

Como ninguem mais quizesse uzar da palavra levantou-se o Snr. Presidente e agradeceu, com palavras de enthusiasmo e carinho á comparencia selecta daquella noite e pediu que comparecessem todos ao Instituto, nas reuniões que as suas portas se achavam sempre abertas para receber a todos com verdadeira alegria, e encerrou a sessão.

E como mais nada houvesse mandou-me que encerrasse a presente que vae por elle assignada e por mim tambem, por se achar doente o Snr. Dr. 2º Secretario.

(Ass.) *Amyntus J. Forge*, Presidente.
Nycen Dantas, 1º Secretario.

Acta da Sessão Extraordinaria de 25 de Agosto de 1925.

Aos vinte e cinco dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e cinco, reunida a Directoria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, em sua sede, ás 11 horas do dia, teve lugar a sessão extraordinaria para o fim de resolver sobre as medidas a tomar para a recepção a ser feita ao illustre intellectual bahiano Prof. Alberto de Assis que fará uma conferencia no Instituto, no dia 7 de Setembro entrante, quando receberá tambem o diploma de socio correspondente.

Expediente: Constou de varios officios recebidos pelo Snr. 1º Secretario, de associações congêneres, agradecendo a communicação da posse da nova Directoria, os quaes depois de lidos pelo mesmo Senhor 1º Secretario, foram mandados archivar pelo Snr. Presidente.

Apresentou ainda, o Snr. 1º Secretario, um fasciculo da obra do Dr. Goulart de Andrade intitulada — *Pela Grey* —, offerta do seu illustre autor. O Snr. Almirante Presidente mandou agradecer, o que foi feito ainda em sessão. Com a palavra o Snr. Presidente lembrou que sendo aquella data regis-

tradora do Centenario do Uruguay, nação irmã e amiga, requeria que como homenagem áquella nobre nação, fosse inserido um voto de jubilo pelo grande facto historico, sendo a lembrança do Sr. Presidente deferida unanimente. E como completo dessa homenagem, foi passado o telegramma abaixo, ao Exmo. Sr. Ministro da Republica do Uruguay, no Rio :

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe, coparticipando jubiloso do alto facto continental que registra centenario independencia grande Nação irmã, saúdo na pessoa de V. Excia., Governo e Povo Uruguayos, fazendo inserir acta seus trabalhos, fraternaes votos prosperidade grande Nação amiga «Cordeaes Saudações» (a) Amyntas José Jorge, Presidente Instituto Historico e Geogr. de Sergipe (Aj., 25/8/1925).

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e escripta e por mim assignada a presente acta, por se achar doente o 2º Secretario Dr. Magalhães Carneiro.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Nyceu Dantas, 1º Secretario.

Acta da Sessão Extraordinaria de 7 de Setembro de 1925.

Aos sete dias do mês de Setembro de mil novecentos e vinte e cinco, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, sob a presidencia do Exmo. Sr. Almirante Amyntas Jorge, estando presentes o representante do Exmo. Sr. General Marçal de Farias, altas auctoridades federaes e estaduais, crescido numero de Senhoras e Senhoritas e avultado numero de socios, teve efectivação a sessão solemne que tivera por meta primordial a commemoração da grade data historica da nossa independencia nacional. Lida e approvada a Acta da sessão anterior, o Exmo. Sr. Presidente do Instituto pronunciou substancioso discurso, apresentando á assisten-

cia o brilhante intellectual bahiano, professor Alberto de Assis que viera especialmente do seu Estado natal para abrilhantar a grande data com uma importante Conferencia intitulada — Homens e Factos. Em seguida foi dada a palavra ao orador da casa, doutorando Clodomir Silva para dizer do grande facto da nossa independencia e agradecer ao professor Alberto de Assis o brilhante contingente que vinha trazer á solemniaidade com a eloquencia de sua palavra ; em bello improvizo desempenhou o orador essa incumbencia. Após receber, com as normas regulamentares o diploma de socio correspondente do Instituto Historico, assomou á tribuna o professor Alberto de Assis para dizer a sua Conferencia. O illustre conferencista, em phrazes lapidares, estylo bello e eloquencia rara, prendeu, com a magia de sua palavra, a numerosa assistencia num lapso de uma hora e vinte e cinco minutos.

Ao desser da tribuna o erudito orador, era de ver a assistencia unisona aapplaudi-lo, em prolongada salva de palmas que bem diziam da saptisfação de todos pela esplendida Conferencia que acabavam de ouvir. Em seguida foi entoado o hymno nacional pelos alumnos do Gremio Escolar dirigidos pelo seu respectivo director, Dezembargador Evangelino de Faro. Em seguida o Exmo. Presidente do Instituto distribuiu com as pessoas presentes diversos fasciculos da Conferencia intitulada Problemas e Aspectos da Educação Popular, da auctoria do illustrado professor Alberto de Assis. Dirigindo-se em seguida aos assistentes o Exmo. Snr. Almirante Amyntas Jorge agradeceu-lhes o honroso comparecimento, após o que encerrou a sessão. E para de tudo constar foi por mim lavrada e assignada a presente Acta.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Francisco da Graça Leite, 2º Secretario interino.

Em tempo :

Após a leitura da Acta, o Snr. primeiro Se-

cretario apresentou o expediente que constou do seguinte: um cartão do Exmo. Sr. Ministro da Fazenda, um officio do Exmo. Sr. General Marçal de Farias, um officio do Sr. Dr. Bernardino de Souza, Secretario perpétuo do Instituto Geographico e Historico da Bahia, uma carta do Dr. Peretti Guimarães, um officio do Secretario da Faculdade de Direito da Bahia em que agradeciam a comunicação da posse da nova Directoria do Instituto. Foi lida ainda uma carta da Exma. viuva do saudoso desembargador Guarana, agradecendo as homenagens do Instituto a esse grande morto, sendo tambem apresentadas varias revistas e jornaes remetidos ao Intituto.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente,
Graça Leite.

Acta da Sessão Ordinaria de 6 de Outubro de 1925.

Aos seis dias do mês de Outubro de 1925, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, havendo numero legal, teve effectivação a sessão regulamentar, presidida pelo Exmo. Sr. Almirante Amyntas Jorge, presidente do Instituto. Aberta a sessão e depois de ter sido lida e approvada a Acta da sessão anterior, passou-se a tratar do expediente que constou da seguinte correspondencia. Telegramma do Exmo. Sr. Dr. Góes Calmon, governador da Bahia, agradecendo a comunicação da Conferencia do Prof. Alberto de Assis, feita no Instituto:

Officio da Bibliotheca do Ministerio da Agricultura, solicitando a Revista do Instituto; Officio do 1.º Secretario do Instituto Historico e Geographico do Pará, agradecendo a comunicação da posse da nova Directoria do Instituto; Officio do Secretario do Centro Sergipense de Rio de Janeiro, remetendo 2 exemplares dos livros « Estancias d'Alma » e « Decepções » da auctoria do General Leopoldo Dortas do Amaral; Circular da Liga Sergipense contra o Analfabetis-

mo, communicando a posse da sua Directoria; Um exemplar do fasciculo « Saudando o Antistite » pelo professor Alberto de Assis; 2 exemplares da obra « As obras do Nordeste » pelo Dr. Epitacio Pessoa; Rolatorio do Collegio Pedro II; Revista da Academia Brasileira de Letras; Diversas Revistas e varios numeros de jornaes.

Ordem do dia: Pelo Snr. Almirante presidente foi communicado o desejo do professor Alberto de Assis de que o Instituto contribuisse para a impressao de sua conferencia, ficando a edicao como propriedade do Instituto. Pelo mesmo Snr. Presidente foi declarado que iria corresponder-se com o alludido consocio, mostrando-lhe a impossibilidade da accettazione da proposta por parte do Instituto, visto como os seus Estatutos não autorisam a publicacao de trabalho de ordem intellectual, a não ser na sua Revista. A Directoria, por unanimidade approvou esta resolucao do Exmo. Snr. Presidente. Proseguindo-se nos trabalhos, ficou ainda deliberado que o dia 12 de Outubro, commemorativo da descoberta do Continente Americano, não passaria despercebido pelo Instituto, e de logo ficou assente que o Dr. Magalhães Carneiro encarregar-se-ia de dizer algo do grande facto historico.

Terminados os trabalhos, foi encerrada a sessao, e por mim lavrada e assignada a presente Acta.

(Ass.) *Amyntias F. Jorge*, Presidente.

Francisco da Graça Leite, 2.º Secretario interino.

Acta da Sessão Extraordinaria de 12 de Outubro de 1925.

Aos doze dias do mês de Outubro de 1925 teve lugar a sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, convocada para o fim especial de ser commemorado o grande facto do descobrimento da America.

Os trabalhos foram dirigidos pelo Exmo. Snr. Almirante Amynthus Jorge, estando presente, Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado, na pessoa do Snr. Dr. Carlos Alberto Rolla, Secretario Geral do governo, notando-se tambem a presença de selecto auditorio. Lida e approvada a Acta registradora dos trabalhos da sessao transacta o Exmo. Snr. Almirante, presidente da Instituição, expoz, em patriotico e eloquente discurso, o fim primordial daquella sessão extraordinaria, terminando por dar a palavra ao orador official da casa, bacharelado Clodomir Silva, que, ao dizer do descobrimento da America e do intrepido genovês Christovam Colombo, mais uma vez nos revelou sua invejavel cultura historica. Terminado que foi o discurso, usou da palavra o Dr. Magalhães Carneiro, para fazer a conferencia allusiva á data.

Esse illustrado consocio, em trechos bem torneados, desobrigou-se galhardamente do encargo que chamara á hombros, tendo agradado sobremodo á assistencia que lhe significou seu applauso pelo reboar de uma prolongada salva de palmas. Entre outros bellos conceitos emitidos sobre o continente americano, o orador no-lo apresenta fadado para abrigo da humanidade, se por acaso ao velho continente, por força da grande actividade do seu povo, vier a faltar os recursos naturaes do sólo.

Proseguindo os trabalhos, o Snr. 1.º Secretario apresentou o expediente que constou da remessa de varias revistas e jornaes.

Terminados os trabalhos, o Snr. Almirante presidente teve ainda palavras de agradecimento aos que compareceram á sessão, dando-a em seguida por encerrada.

Para constar do occorrido, foi por mim lavrada e assignada a presente Acta.

(Ass.) *Amynthus J. Jorge*, Presidente.

Francisco da Graça Leite, 2.º Secretario interino.

Acta da Sessão Extraordinaria de 2 de Novembro de 1925.

Aos dois dias do mês de Novembro de 1925, sob a presidencia do Exmo. Snr. Almirante Amyntas Jorge, estando presentes o Exmo. Snr. Cel. Manoel Dantas, presidente do Estado, Tenente Padilha representante do Exmo. Snr. General Marçal Faria, o Exmo. Snr. D. Chefe de Policia, o Exmo. Snr. Dr. Juiz Seccional e grande numero de socios, teve lugar a sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, para o fim especial de ser solennizada a grande data consagrada á commemoração geral dos mortos. Lida e approvada a Acta da sessão transacta e apresentado pelo Snr. 1.º Secretario o expediente da casa, o Exmo. Snr. Almirante Amyntas Jorge, em substancioso discurso, expoz á assistencia o fim daquella sessão, terminando por passar a direcção dos trabalhos ao Exmo. Snr. Cel. Manoel Dantas. Foi então dada a palavra ao Conferencista do dia, o Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles. O illustre homem de letras assomando á tribuna, leu a sua brilhante Conferencia que foi uma verdadeira apothese á memoria dos que ja se foram para as regiões do Alem. Ao descer da tribuna foi o conferencista muito applaudido por uma salva de palmas da numerosa e selecta assistencia. Em seguida o Snr. Almirante Amyntas Jorge, usando da palavra, agradeceu á assistencia, encerrando após a sessão.

Para constar foi lavrada a presente Acta.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Francisco da Graça Leite, Secretario.

Acta da Sessão Ordinaria de 10 de Novembro de 1925.

Aos dez dias do mês de Novembro de 1925, sob presidencia do Exmo. Snr. Almirante Amyntas

Jorge, reuniu-se na sua totalidade, a Directoria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe. Com a palayra o Snr. Almirante Amyntas Jorge propoz que fosse inserido na acta dos trabalhos do dia um voto de profunda saudade pelo passamento do socio benemerito do Instituto general Manoel Prisciliano de Oliveira Valladão, occorrido no dia 10 de Novembro de 1922. Por unanimidade de votos foi approvada a referida proposta. Em seguida foi concedida a palayra ao Dr. Elias Montalvão para expor as suas razões sobre a impropriedade da ephemeride que se prende á independencia politica de Sergipe. O trabalho do Dr. Elias, depois de approvedo por todos, foi remettido á commissão respectiva. Pediu a palayra o 1.º Secretario, professor Magalhães Carneiro para dizer que havendo o Instituto, em dias do mês de Setembro, se dirigido, por intermedio de seu presidente, a varios conterraneos na Capital Federal, solicitando elementos para os debates em torno da ventilada quesão da impropriedade que se liga a independencia politica de Sergipe, um delles, o Dr. João Ribeiro, deixando de attender ao appello do Instituto, publicou um artigo na imprensa do Rio, em que se perdia em considerações sobre a indole dos Sergipanos e sobre o desenvolvimento material do Estado, considerações que, elle orador, julgava desabonadoras e positivamente falsas. Nestas condições, como a conducta do alludido conterraneo, representando uma formal desattenção ao Instituto, poderia ainda prejudicar Sergipe no conceito dos estranhos, propunha que a Directoria, em sua totalidade, se dirigisse áquelle conterraneo, em officio, manifestando-lhe o seu desagrado. Esta proposta foi unanimemente acceta, sendo designada uma commissão para executá-la.

Em seguida pediu a palayra o Dr. Manoel dos Passos para propoz que se investigasse a origem da musica do hymno Sergipano, afim de que desapareçam por completo as suspeitas de que a mesma é uma copia de certa partitura estrangeira. Esta proposta foi igualmente acceta. O Snr. 1.º Secretario

apresentou á mesa o expediente do dia que constou da remessa de varias revistas e jornaes, bem como um cartão do orador do Instituto, professor Clodomir Silva, apresentando os motivos que o impediram de comparecer á sessão. Como não houvesse mais assumpto, foram encerrados os trabalhos, e para constar do occorrido foi lavrada a presente Acta.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Francisco da Graça Leite, Secretario interino.

Acta da Sessão Extraordinaria de 2 de Dezembro de 1925.

No dia dois de Dezembro de 1925, conforme fôra previamente annuciado, effectuou-se a sessão magna do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, tendo por fim especial a commemoração do primeiro centenario do nascimento de D. Pedro II. A sessão foi presidida pelo Exmo. Snr. Almirante Amyntas Jorge, tendo a ella comparecido o Exmo. Snr. Dr. Carlos Alberto Rolla, representante do Exmo. Snr. Dr. Presidente do Estado, bem como o Snr. Tenente Padilha, representante do Exmo. Snr. General Marçal Faria, muitas auctoridades federaes e estaduais, e avultado numero de socios. Lida e approvada a Acta da sessão anterior, o Snr. Almirante presidente leu um bem elaborado discurso sobre o grande acontecimento, sendo ao terminar muito applaudido pela selecta e numerosa assistencia. Em seguida usou da palavra o orador da casa, professor Clodomir Silva, que em phrases bem torneadas fallou da grande personalidade do immortal brasileiro. Feito pequeno intervallo, foi concedida a palavra ao Conferencista do dia, o Dr. Archimedes Guimarães, para dizer a sua conferencia intitulada «O Elogio de D. Pedro II». O illustre conferencista, com sua palavra brilhante prendeu a assistencia por uma hora, mostrando largos conhecimentos historicos, a respeito do grande vulto de D. Pedro II. Ao terminar o seu brilhante traba-

Iho, foi o orador muito applaudido. Usou ainda da palavra o Snr. Almirante Amyntas Jorge, que encerrou a sessão depois de ter agradecido a assistência o seu comparecimento. Para constar lavrou se a presente Acta.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Francisco da Graça Leite, 2º Secretario interino.

Acta da Sessão Extraordinaria de 27 de Dezembro de 1925.

Aos vinte e sete de Dezembro de mil novecentos e vinte e cinco, teve lugar na séde do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, ás 19 horas, a sessão extraordinaria, previamente annunciada, para realizar uma conferencia o illustrado prof. Luduvico Schwenhugen, muito digno scientista austriaco, a qual versou sob o thema O 1º Descobrimento do Brasil. 1100 annos antes de Christo, e a sua primeira Colonisação pelos phenicios e povos Tupys.

Repleto de convidados o salão, teve a palavra, que lhe foi dada pelo Exmo. Snr. Presidente do Instituto, o illustrado prof. que fallou sobre o interessante assumpto de sua conferencia, cerca de duas horas. No correr de sua bella oração, apresentou o orador trabalhos de sua autoria referentes ao assumpto que tanto impressionaram aos presentes. Apesar de estrangeiro, o distincto scientista faz sua conferencia em lingua nossa, tendo por isso mesmo causado admiração a todos.

Terminando a oração e bella e encantadora exposição, o notavel scientista, tomou a palavra o orador da casa o Dr. Clodomir Silva para agradecer aos presentes a comparencia, fazendo antes disso, ligeiros reparos sobre factos de nossa historia.

Com a palavra o Sr. Almirante, presidente do Instituto, depois de agradecer ao notavel professor a honra que nos dava, com a sua visita, encerrou a sessão sob applausos geraes. E como nada mais houve lavrei a presente acta que vae por mim assignada e pelo presidente.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.
Nyceu Dantas, 1.º Secretario.



INDICE

Explicação necessaria	7
Rio Sergipe (documentos)	9
Pedro II	13
O Tiradentes, conferencia por J. Pereira Barreto	15
Conferencia realisada por João Esteves da Silveira em 24 de Maio	61
Do <i>folk-lore</i> sergipano e aspectos ethno-psychologicos de suas lendas pelo Dr. Prado Sampaio	73
Do campo de uma batalha pelo Dr. M. P. de Oliveira Telles	89
Documentos ineditos da Bibliotheca Publica. Actas do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe	93
Riachoelô : conferencia realisada pelo capitão-tenente Mario Diniz de Araujo	113
Actas das sessões do Instituto	137
Bibliographia por P. S.	161





Bibliographia

COLORIDOS e MODULAÇÕES

pelo Major Vianna de Carvalho

Temos sobre nossa meza de trabalhos um exemplar do livro cujo titulo encima estas linhas e do qual é auctor o Sur. Vianna de Carvalho.

Coloridos e Modulações é um livro bem feito, pois todo elle foi escripto com talento e emoção.

O estylo corre com elegancia e naturalidade e cada peça, por mais dissemilhante que pareça, fere a mesma nota psychologica que a todas enfeixa e unifica.

São contos que lembram os poemas de Heine cheios de dolorosa doçura.

Agradecemos ao talentoso *contista* o envio do exemplar com que nos mimoseou.

P. S.